

# Na PB, 410 mil agricultores rejeitam uso de agrotóxicos

Produtores apostam nos alimentos sem veneno e comemoram criação de Frente Parlamentar de Agroecologia. **Página 5**

## Diversidade



### Evento marca amanhã 110 anos de fundação do IFPB

Lançamentos de livros, homenagens e shows musicais vão celebrar amanhã o aniversário de fundação do instituto, que tem hoje 15 campi na Paraíba. **Páginas 17/18**

## Almanaque



### Há 97 anos, ocorria no país a primeira transmissão de rádio

Discurso do paraibano Epitácio Pessoa, então presidente da República, inaugurou o veículo no Brasil. Na Paraíba, a Tabajara foi a primeira emissora fundada. **Página 27**



Foto: Arquivo pessoal

## Uma experiência de transformação e poder

Cada vez mais mulheres optam pelo parto humanizado, em casa, com doulas e familiares. Rodas de conversa e pré-natal coletivo também têm ganhado adeptas. **Páginas 6/7**

### DOAÇÃO DE LEITE MATERNO



Banco de Leite Humano  
Anita Cabral (83) 3215-6047



## COLUNA do Meio

A professora da UFPB, Suelma Moraes, coordena grupo de estudos sobre o Movimento Armorial que busca manter viva a memória de Ariano Suassuna. **Página 20**

### Os bastidores da Constituinte e as grandes polêmicas

Nos 30 anos da Constituição paraibana, João Fernandes, que presidiu a Constituinte, lembra os embates nos bastidores e as maiores polêmicas. **Página 13**

### Reforma do Ensino Médio atrasa por falta de recursos

Governo federal não repassou os R\$ 105 milhões previstos para implantação da Base Nacional Comum Curricular, travando a reforma. **Página 14**

## COZINHA PLANETA SABOR



### Os sabores e odores da gastronomia brasileira

Fábio Maia recomenda livro do escritor Luís da Câmara Cascudo, "uma espécie de história do brasileiro através do que entra pela sua boca". **Página 28**



Foto: Orfilo Antônio

## Geral

### Reitora da UFPB prevê 2020 mais difícil que 2019

Em entrevista ao Jornal A União, Margareth Diniz fala sobre bloqueio de verbas, programa Future-se e corte de bolsas de pesquisa. **Páginas 3 e 4**



As origens da democracia e os marcos históricos até sua consolidação no mundo moderno: um debate sobre o tema no Caderno Pensar de hoje. **Páginas 29 a 32**

Editorial

Doar-se

Um dos mais legítimos atos de amor de um ser humano em relação ao outro é a doação de órgãos e tecidos. Somente quem necessita de um transplante, seja de córnea, medula óssea, pele, rim ou coração, sabe da importância e da beleza desse gesto, acima de tudo quando significa a salvação de sua vida.

O Brasil é considerado o país com maior índice de aprovação à doação de órgãos, além de ser referência mundial de transplantes. Apesar dessas estatísticas – positivas em todos os sentidos –, a quantidade de doações ainda é pequena, levando-se em conta a demanda nacional por órgãos.

No caso de óbitos, muitas famílias ainda se recusam a autorizar a doação, às vezes por que desconhecem a vontade do falecido ou então não conhecem essa realidade suficientemente. Há casos, porém, em que o falecido havia autorizado a doação de seus órgãos, mas a decisão é contrariada pela família.

De acordo com a Associação Brasileira de Transportes de Órgãos (ABTO), “não é a falta de estrutura”, e sim “a negativa familiar o principal motivo para que um órgão não seja doado no Brasil”, além do que, “de todas as mortes encefálicas, pouco mais da metade se transforma em doação”.

O Projeto de Lei do Senado 453/2017, já aprovado na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ), hoje aguardando posição da Câmara Federal, “proíbe a interferência da família na

retirada de órgãos de uma pessoa com morte cerebral que tenha manifestado em vida a vontade de ser doadora”.

O PLS 453/2017 altera a Lei dos Transplantes (Lei 9.434, de 1997), no sentido de tornar “explícito que o consentimento familiar só será exigido quando o potencial doador não tenha se manifestado expressa e validamente a respeito”, medida que decerto terá influência no aumento do número de doações.

Resguarda-se, portanto, a vontade do falecido, e apenas faz recuar em outra direção seus familiares quando estes interferem negativamente no processo de doação. Trata-se de uma legislação oportuna, pois garante a concretização do desejo de quem não está mais aqui para fazer valer sua decisão.

Caso não haja restrições de qualquer natureza, algumas doações, como de medula óssea, por exemplo, podem ser feitas com o doador vivo. A de coração, obviamente, só pode ser feita em situação comprovada de morte encefálica, desde que a família do falecido tenha autorizado a retirada do órgão.

Por questões humanitárias, cabe aos cidadãos e cidadãs procurar se informar melhor sobre o assunto, preferencialmente tornando-se doadores efetivos ou potenciais. As trevas da ignorância devem ser vencidas e uma fase iluminista faz-se necessário para que as consciências tornem-se mais solidárias.

Artigo Martinho Moreira Franco  
martinhomoreira.franco@bol.com.br

Doce amargura

Assisti na semana passada a dois filmes de retrospectiva dedicada a Emmanuelle Riva na TV por assinatura: “Hiroshima, meu amor” (1959), de Alain Resnais, e “Amor” (2012), de Michael Haneke. As sessões poderiam inspirar considerações sobre o envelhecimento, posto que 53 anos se passaram entre uma produção e outra, período em que a linha do tempo deixou suas marcas na face e no corpo da atriz. Não é tema para domingo, acredito. Tanto que nem me estenderei sobre a atuação dela no drama de Haneke, preferindo recuar até sua sedutora presença no clássico de Resnais. Emmanuelle não era assim uma Jean Seberg, uma Anna Karina ou uma Marie Laforêt, mas deixou a sua marca na nouvelle-vague, justo em razão do seu desempenho (e da performance cênica) no filme que é um dos ícones do movimento liderado por Claude Chabrol, François Truffaut e Jean-Luc Godard. Cada um deles, por sinal, sintetizou com notável justeza a importância do título em questão: “O filme mais belo que já vi” (Chabrol); “Uma vez que você viu ‘Hiroshima mon amour’, se torna impossível fazer filmes da mesma maneira que você costumava fazer” (Truffaut); “O primeiro filme sem nenhuma referência cinematográfica” (Godard).

Imaginem vocês o que não me passou pela cabeça (leia-se memória) quando há pouco revi o filme e a atriz na TV! Cabe até um flashback, por oportuno. Emmanuelle Riva entrou em minha vida no ano de 1962, quando “Hiroshima...” estreou em João Pessoa. O filme de Alain Res-

Uma noite para não esquecer, pela façanha dos meninos do Liceu projetada no recorde de público

nais inaugurava o Cinema de Arte criado pelo Cine Clube Charles Chaplin, do glorioso Liceu Paraibano, em histórica exibição no Cine Bela Vista, no bairro de Cruz das Armas. Uma noite para não esquecer: pela façanha dos meninos do Liceu (à frente Paulo Melo, presidente do CCCC, sob a batuta do maestro Pedro Santos) projetada no recorde de público nas duas sessões contínuas.

Uma enigmática e irresistível mise-en-scène de closes se destacava em meio ao intimismo do drama: a imagem de Emmanuelle Riva, de sóbria e encantadora beleza. Mesmo revendo-a agora, aos 86 anos de idade, em “Amor”, senti pulsar na lembrança minha antiga paixão pela sedutora mulher. Como se fosse na inauguração do Cinema de Arte no Bela Vista. E hoje recordo como torci para que ela recebesse o Oscar de melhor atriz na noite do seu aniversário, em 24 de fevereiro de 2013, por sua atuação na fita de Michael Haneke. A Academia de Hollywood negou-lhe o prêmio.

Os deuses do cinema, porém, foram à forra e deram uma rasteira na moça escolhida. Ou vocês estão esquecidos de que Jennifer Lawrence (“O lado bom da vida”, de David O. Russell) deu uma queda e foi ao chão antes de receber a estatueta? Aquilo só pode ter sido por obra e graça de seres superiores que reverenciavam naquele instante Emmanuelle Riva, a grande injustiçada na premiação da categoria. Não chegou a ser o final feliz que eu esperava, é verdade, mas o tombo da laureada tornou de certa forma doce a amargura.

CONTATOS: uniao.govpb@gmail.com REDAÇÃO: (83) 3218-6539/3218-6509



Domingos Sávio savio\_fel@hotmail.com Humor

UN Informe Ricco Farias papiroeletronico@hotmail.com

PT ENDURECE O JOGO CONTRA PRIVATIZAÇÕES

O PT vai endurecer o jogo contra a política de privatizações da gestão Bolsonaro – defendida pelo ministro da Economia, Paulo Guedes. A Comissão de Legislação Participativa, colegiado presidido pelo petista Leonardo Monteiro (MG), anunciou que fará uma audiência pública para debater as consequências da privatização de 17 empresas estatais, que foi anunciada pelo Governo Federal, em agosto. Para o deputado Frei Anastácio (foto), autor do requerimento para a audiência pública, o tema “preocupa funcionários dessas empresas e também a população que não quer ver o patrimônio nacional ser entregue à iniciativa privada”. Antes da definição da data para a realização da audiência, o partido já se antecipou em alguns pontos. De acordo com Frei Anastácio, foi solicitado ao Governo Federal, precisamente ao ministro-chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, todos os estudos, planos, projetos, correspondências, ofícios e documentos técnicos relativos à operacionalização da privatização das empresas Emgea, ABGF, Serpro, Dataprev, Casa da Moeda, Ceagesp, Ceasaminas, CBTU, Trensurb, Codesa, EBC, Ceitec, Telebras, Correios, Eletrobrás, Lotex e Codesp. “Além de provocar muitas demissões, essas privatizações representam uma entrega do nosso patrimônio ao setor privado que, por sua vez, oferecerá serviços bem mais caros à população”, criticou.



EXCESSO E FALTA

Há mais de um mês que Edvaldo Rosas foi destituído da presidência do PSB da Paraíba, por força de ato da Executiva Nacional. Porém, no site nacional do partido, o nome dele ainda consta como presidente do diretório estadual. E no link ‘PSB no seu estado’, na parte em que são listados os deputados estaduais, falta o nome da deputada Pollyana Dutra.

PELO PROJETO

De Gervásio Maia, após afirmar que ainda acredita na pacificação dentro do PSB e que se mantém firme no propósito de defender o projeto que o partido implantou na Paraíba: “Prefiro deixar a política, se tiver de me afastar desse projeto”. O parlamentar lembrou que está em seu quinto mandato – o primeiro como deputado federal – e que seria “uma indignidade” [por parte dele] se afastar dessa causa.

“ZERO NEGATIVO”

Apesar de afirmar que não rompeu com Romero Rodrigues (PSD) – após fazer críticas à administração do prefeito de Campina Grande –, o deputado federal Julian Lemos (PSL) continua desancando seu correligionário, o deputado Moacir Rodrigues, irmão de Romero. Numa emissora de rádio disse que “se ele permanecer no partido calado é um favor. Se ele pedir para sair, eu ajudo ele a sair. É um zero negativo”.

DESBLOQUEIO

“A notícia é muito boa”. Da reitora da UFPB, professora Margareth Diniz, comemorando o anúncio do Governo Federal de que vai desbloquear, nesta próxima semana, parte dos recursos contingenciados do orçamento de custeio da instituição de ensino. Ela disse que não sabe o valor exato que será liberado, mas acredita que definição ocorrerá ou na segunda-feira ou na terça-feira.

PRIMEIRO TRIMESTRE

Deusdeth Queiroga, secretário estadual da Infraestrutura, dos Recursos Hídricos e do Meio Ambiente confirma que as águas da Transposição do Rio São Francisco, via Eixo Norte, deverão chegar à Paraíba no primeiro trimestre de 2020. Esta previsão tem por base as conversas que ele e o governador João Azevêdo tiveram com o ministro do Desenvolvimento Regional, Gustavo Canuto.

‘LIBERDADE DE CÁTEDRA NA ESCOLA PÚBLICA’

Na próxima terça-feira, às 15h, haverá sessão especial para debater o tema ‘Liberdade de Cátedra na Escola Pública’, por proposição do vereador Marcos Henriques (PT), para quem está ocorrendo “uma onda de perseguição aos professores e, conseqüentemente, à liberdade de ensinar” nas escolas públicas, por parte de “agentes políticos externos”. É uma sessão conjunta entre a Câmara Municipal de João Pessoa e a ALPB. O líder da oposição no Legislativo municipal se referiu à recente ida da vereadora Elisa Virgínia (PP) a uma escola em Mangabeira, onde dois rapazes teriam dançado juntos, num evento dentro da unidade escolar. “Estão adentrando, inadvertidamente, no ambiente das escolas, expondo estudantes e professores e criando situações de constrangimento”, disse. A sessão especial ocorrerá no auditório da OAB, na capital.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória DIRETORA PRESIDENTE

Albige Léa Fernandes DIRETORA DE MÍDIA IMPRESSA

Maria Eduarda dos Santos Figueiredo DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO

Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB



Phelipe Caldas

GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira

GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circuloauniao@bol.com.br (Assinaturas)

OUIDORIA: 99143-6762

ASSINATURAS: Anual ..... R\$200,00 / Semestral ..... R\$100,00 / Número Atrasado ..... R\$3,00

CONTATOS: uniao.govpb@gmail.com

# Reitora desabafa: 2020 deve ser mais apertado que 2019

Margareth Diniz fala sobre a situação financeira da UFPB, o que vem sendo feito para suportar a crise e analisa o Future-se

**Rammom Monte**  
rammom511@hotmail.com

*Cortes orçamentários, educação sob repetidos ataques e uma incógnita sobre o futuro. O ano de 2019 está difícil para os reitores de universidades e institutos federais no Brasil. E com a reitora da Universidade Federal da Paraíba, Margareth Diniz, não foi diferente. Ela recebeu a reportagem do Jornal A União em seu gabinete para uma entrevista, onde tratou sobre a situação financeira da instituição, o que vem sendo feito para suportar a crise, sua análise sobre o programa federal Future-se, entre outros assuntos. Confira:*

**Para começar, gostaria que a senhora traçasse um panorama geral de como está a situação da UFPB?**

Nós fizemos um planejamento orçamentário e encaminhamos para a PLOA (Projeto de Lei Orçamentária Anual); em sequência, a LOA foi aprovada. Uma vez aprovada, começamos a trabalhar com aquele orçamento aprovado na LOA, embora sabendo que o orçamento, dependendo de arrecadação, ele pode haver contingenciamento. Bom, ao longo do tempo, já no começo do ano, recebemos a informação de

/// Na última reunião da Andifes, que agrupa as 67 Universidades Federais do Brasil, o ministro disse que a partir do fim de setembro vai começar a descontinuar //

que nós teríamos 30% do nosso orçamento contingenciado. Ou seja, você se planeja para uma coisa e, de repente, você recebe a informação de que 30%, no nosso caso,

um quantitativo de R\$ 44 milhões para o ano de 2019, serão contingenciados. Sem estes 30% nós não fecharíamos o ano. Então nós tínhamos um orçamento, ficamos com orçamento de 70% e, aí, nós fizemos a conta e observamos que com estes 70% iríamos até o fim de setembro. Aí começamos a conversar. A Andifes, que é a associação nacional de todos os reitores de universidades federais, fez a agenda com o ministro, convidamos também o secretário de Educação Superior para que ele

viesses na nossa associação e, aí, ao longo deste tempo, com todo este debate, o ministro começou a dizer que não era corte e sim contingenciamento. Recentemente, na última reunião da Andifes, que agrupa as 67 Universidades Federais do Brasil, ele disse que a partir do fim de setembro vai começar a descontinuar paulatinamente. Nós temos 44 milhões contingenciados, se eles descontinuariem 25%, nós terminaremos o ano.

**Mas ainda é uma incógnita?**

A gente está acreditando na palavra dele, que ele vai cumprir o que disse. Neste sentido, a gente está caminhando, mas também tomando algumas providências. Porque muitas vezes se fala assim: o orçamento da universidade é de 1 bilhão e 600 e tantos milhões.

Na verdade, o nosso orçamento de folha de pessoal é de 1,5 bilhão e o que nós temos de discricionário, para o dia a dia, é cerca de 158 milhões. Onde a gente paga quase R\$ 45 milhões de terceirização, R\$ 15 milhões de energia, quase R\$ 4 milhões de água, R\$ 15 milhões de bolsas a estudantes, R\$ 37 milhões de assistência estudantil, anualmente. Então não tem dinheiro sobrando. A universidade hoje é pujante também graças à capacidade dos nossos professores. Nós temos mais de 75% dos professores dou-



Fotos: Ortilo Antônio

“No começo do ano, recebemos a informação de que nós teríamos 30% do nosso orçamento contingenciado e, sem estes 30%, nós não fecharíamos o ano”

tores e pós-doutores, que vão buscar nos órgãos de fomento recursos para viabilizar atividades de pesquisa. O ministro não foi na Andifes, ele deu uma entrevista, mas o doutor Arnaldo Barbosa Lima, que é o secretário de Educação Superior do país, foi lá e disse que vai descontinuar e que nós vamos terminar o ano sem nenhum problema. A UFPB vai bem, mas há outras universidades que têm alguns

problemas. Por exemplo, a Universidade do Mato Grosso, que devia vários meses de energia, além de outras que também têm problemas com dívidas. A UFRJ é uma delas. Então, por enquanto, estamos vivos e eu espero sinceramente que eles possam cumprir e a gente possa terminar o nosso ano para pensar em 2020, que talvez seja mais apertado que 2019.

**Quando se fala em fechar as portas, é literal? Encerrar as atividades?**

Encerrar as atividades porque depois de muitos anos estamos conseguindo botar o período letivo dentro do ano. Nós teremos os dois períodos letivos dentro de 2020: 2020.1 e 2020.2. Isto é uma conquista enorme. Então, a gente encerraria as ações previstas para 2019 com o descontinuar e começamos a discussão da PLOA de 2020, porque tem uma emenda constitucional com teto de gastos, uma série de outras ações propostas pelo governo e a gente ainda não sabe como vai funcionar. A informação primeira que nós tivemos é que 2020 vai receber o mesmo orçamento de 2019, o que já é preocupante. Porque na terceiriza-

ção nós temos todo um subsídio coletivo e que vai ter um aumento. Com isto nós já começamos a contingenciar internamente. Nós cortamos uma parte da terceirização, em torno de 20%, com exceção de segurança. Não cortamos nenhum posto de segurança. E estamos tentando manter o padrão da universidade de excelência.

**Como a senhora avalia a política educacional do novo governo? Já foram dadas várias declarações de ataque ao ensino público, como a famosa balbúrdia... Como a senhora vê isto?**

A questão da balbúrdia, a gente discorda, porque se você olhar os indicadores das universidades, você vai ver que as universidades federais são as melhores do país. Que mais de 70% de pesquisa deste país são feitas pelas universidades federais. Nós fazemos inovação tecnológica. A UFPB, por exemplo, é quinto lugar de governança dado pelo TCU. É a quarta uni-

versidade do país em depósito de patente. Nós estamos entre as melhores universidades do país, em qualquer indicador que você possa observar. Então não concordo nada, nem do governo, nem de qualquer outra autoridade que diga que as universidades não funcionam muito bem.

/// Nós temos mais de 75% dos professores doutores e pós-doutores, que vão buscar nos órgãos de fomento recursos para viabilizar atividades de pesquisa //

Funcionam sim, são extremamente qualificadas. Pontualmente existem deficiências, e em todo canto tem, mas a maioria quer estudar, quer se formar, quer sair chancelado com um diploma da UFPB. Nós temos mais de 30 mil estudantes, 128 de graduação, mais de 100 cursos de pós-graduação... Então não há o que se falar, basta buscar os dados e nós temos dois documentos aqui que comprovam isto. Um é a “UFPB em Números”, de 2012 a 2018 e “Avanços, Perspectivas e Desafios”, um documento elaborado em 2019, então a excelência é baseada em evidências.



“O doutor Arnaldo Barbosa Lima, secretário de Educação Superior do país, disse que vai descontinuar e que nós vamos terminar o ano sem nenhum problema”



# “É inadmissível cortar bolsas de pesquisa”, diz Margareth

Reitora reforça a importância do estado brasileiro custear jovens talentos como forma de promover a pesquisa científica

## A entrevista

**Rammom Monte**  
rammom511@hotmail.com

**Uma das alternativas dadas pelo governo é o programa Future-se. O que a senhora tem a dizer sobre ele?**

O governo apresentou a proposta do programa Future-se. A Andifes não participou. Em outro momento eles foram lá fazer esta apresentação. A consulta pública terminou dia 29 de agosto, eles têm 30 dias para apresentar o projeto final. É um PL, um projeto de lei, então este PL vai para a Câmara. Neste caminho, nós fizemos aqui assembleias universitárias, nos campi da UFPB. A nossa assembleia universitária não é deliberativa. Nosso estatuto diz que toda vez que houver um assunto de interesse da instituição, que a assembleia universitária seja convocada, os três segmentos mais a sociedade, para a gente conversar sobre isto. E foi o que fizemos. E o resultado é público. A maioria das pessoas tem dúvidas, não concorda com alguns eixos. São três eixos: de governança, de pesquisa e inovação e o de internacionalização. Pesquisa, inovação e internacionalização nós já fazemos muito bem e o eixo de governança, nós não concordamos com a questão de organização social. Parece-me que isto é uníssono, talvez, entre os reitores. Na primeira semana de outubro, nós vamos fazer o nosso fórum, abrir o fórum universitário com o tema Future-se e, aí, até lá, o projeto final já deve ter sido apresentado. Na sequência, há três audiências públicas previstas: uma pela comissão de valorização das Universidades Federais, comandada por Margarida Salomão, lá na Câmara. A outra pelo próprio presidente da Comissão de Educação, que vai também fazer uma audiência pública, e a outra da



“A maioria das pessoas tem dúvidas, não concorda com alguns eixos do Programa Future-se. Quando o governo apresentou a proposta, a Andifes não participou”

Andifes. Ou seja, nós vamos acompanhar. E a decisão da adesão ou não, não é pessoal. Não é uma decisão da reitora ou da gestão. É uma decisão do conselho universitário, formado por todos os diretores de centro (são 16 diretores), representantes dos estudantes e dos servidores técnico-administrativos. A partir daí, a gente vai tomar esta decisão com toda tranquilidade necessária para que a gente não fique agora criando factoides sem que se tenha de fato o que é isto, o que a consulta pública traz, o que mudou da proposta inicial e as coisas vão acontecer, mas a gente vai optar sempre pelo que for melhor para a educação e para a Universidade. Isto nós não abrimos mão.

**Recentemente, eu conversei com a professora Márcia Fonseca (pró-reitora da pós-graduação em exercício) e um dos pontos abordados por ela foi a falta de direcionamento por parte do MEC. E usou a frase “estamos em uma corda bamba”. Falta este direcionamento? Um norte?**

O que nós temos às vezes são informações desencontradas. O que eu tenho dito a todo mundo da gestão é o pezinho no chão e bem centrado. Não adianta a gente estar ouvindo informação

de diferentes fontes, que muitas vezes não são fidedignas, a gente vai ter que esperar. Vão cortar o orçamento da Capes? Vão cortar as bolsas de iniciação científica do CNPQ? Vão cortar as bolsas de mestrado, doutorado da Capes e do CNPQ? Vão cortar as bolsas dos pesquisadores do CNPQ? É preciso que a gente saiba. A informação chega a gente mandou cortar tantas bolsas. Aí, daí pouco, os cursos que são notas 5, 6 e 7, as bolsas não serão cortadas. Então, eu prefiro esperar a informação fidedigna para que a gente

tome as providências. Mas lhe digo sinceramente que, para mim, é inadmissível cortar bolsas de pesquisa, de iniciação científica. Porque há de se entender que o estudante, por exemplo, começa na iniciação científica. É um jovem talento, ele termina a graduação, passa para o mestrado e para o doutorado e, sem a bolsa, ele não faria isto. Então você está perdendo a sequência, ou de um futuro pesquisador, ou de uma carreira acadêmica exitosa e penso que as pessoas podem até sair do país, se não tiver a oportunidade de viabilizar. Mas eu torço sinceramente para que o governo tome a decisão correta de que educação não é gasto, é investimento e que pós-graduação é de grande importância para o desenvolvimento do país.

**A senhora falou da excelência da UFPB em pesquisa. A senhora teria números que demonstrem isto?**

De extensão, que muitas vezes está imbricado em pesquisa, só neste ano de 2019, são 600 projetos de extensão. Só de iniciação científica são quase mil projetos de pesquisas, e são professores com estudantes. Só de pesquisadores PQ, do CNPQ, nós temos 186, e estes 186 cada um deste é um projeto de pesquisa, que envolve mestrado, doutorado. Entre mestrando e doutorando nós temos cerca de 4 mil, cada mestrado é um projeto de pesquisa, cada doutorado também, cada pós-doutorado é mais uma pesquisa lançada. Então é inúmero. Nós criamos na nossa gestão a Agência de Inovação Tecnológica e este avanço no depósito de patente, em que estamos no quarto lugar no Brasil, veio muito desta organização, a Inova. Nós criamos a agência de cooperação internacional e aí nós conseguimos dentre 194 universidades que concorreram ao edital da Capes, que era o PRINT, Programa de Internacionalização, apenas 34 conseguiram. Dentre elas a UFPB. Nós conseguimos 11 milhões de reais e trabalhamos muito com esta questão de internacionalização. Já temos projetos e convênios com mais de 87 universidades no mundo todo. Recentemente houve um congresso internacional com a universidade de Soka, no Japão. Eu estive no Japão a convite da Universidade.

Eles viabilizaram, custearam 100% desta viagem e fizemos parcerias e eu acho que este é o caminho e tenho incentivado.

**Há um grande temor por parte da comunidade acadêmica diante desta incerteza, este obscurantismo que se criou na educação brasileira. A senhora, enquanto reitora, que mensagem de acalento daria para estas pessoas?**

Eu entendo a preocupação porque o estudante da graduação se pergunta se vai continuar tendo a bolsa. Nós recebemos aqui 50% dos estudantes que vêm de escola pública. Eles se perguntam se vão continuar tendo assistência estudantil. A pessoa que está no mestrado quer saber se vai continuar tendo a bolsa. Então de fato é uma incerteza, uma insegurança que preocupa. Mas o trabalho da gestão é tentar junto aos órgãos de fomento, ao governo, aos parlamentares e onde for possível, de que isto não aconteça. Explicar a importância da Universidade Federal pública para o país. Fazer também o dever de casa, porque trabalhar com recurso é muito bom, desafiador é fazer tudo com pouco recurso e, em especial, neste momento. É o que nós estamos tentando fazer. Não perder a excelência universitária, e buscar também o recurso para que a gente consiga manter vivo. Mas também junto com os estudantes eu tenho esta expectativa, junto com os professores, servidores técnico-administrativos, do que vai acontecer com a educação pública, porque todo mundo está vendo o que toda hora vem acontecendo. Então minha expectativa é que de fato se entenda a importância da educação. E nós não defendemos apenas a educação superior; defendemos da educação infantil a superior. Eu sou o que sou por causa do Ensino

Básico público, do Ensino Médio público e da universidade pública.



“Nós recebemos aqui 50% dos estudantes que vêm de escola pública. Eles se perguntam se vão continuar tendo assistência estudantil. Então de fato é uma incerteza, uma insegurança que preocupa”

Eu estudei em uma escola técnica em Sousa, numa escola de formação de professores, também lá em Sousa e, quando eu terminei a escola técnica eu fiz três vestibulares, Direito, Medicina e Farmácia. Passei em todos três. Então a escola pública é boa e vim para a Universidade e cheguei onde cheguei por causa da Universidade. Então eu torço para a gente manter viva esta Universidade que é o sonho de todo mundo, da classe média, pobre também, que vê na educação uma perspectiva de mudar de vida. E é isto que eu acalento e dando o exemplo a todo mundo de onde eu cheguei, e todo mundo pode chegar através deste caminho que é o da educação. E trabalhar muito por ela e juntar o máximo de pessoas possível que têm o compromisso com a educação para a gente defender esta instituição.

**Para a gente finalizar, a senhora está em qual mandato? E pretende o que para o futuro?**

Eu estou no terceiro ano do meu segundo mandato. Meu mandato encerra em novembro de 2020. Não posso (uma nova eleição), porque são dois mandatos e eu digo que para mim já está bom. Eu já passei 8 anos como diretora técnica do Hospital Universitário, 8 anos como diretora do Centro de Ciência da Saúde, na época era o maior centro da instituição e passei oito anos como reitora. Então, do ponto de vista administrativo eu tenho uma carreira acadêmica de pesquisadora que eu prezo muito também e eu acho que é possível seguir este caminho na sequência. Este é o meu propósito, porque eu quero acreditar que ainda é possível fazer pesquisa e ensino de qualidade.



Foto: Divulgação



Fotos: Roberto Guedes

De acordo com a Comissão de Produção de Orgânicos do Estado, a PB conta com mais de 30 feiras agroecológicas. Aos poucos, o número aumenta e a Frente Nacional Parlamentar da Agroecologia pode ajudar nesse crescimento

# Frente é criada em defesa da produção agroecológica

De janeiro a setembro de 2019, governo liberou 325 agrotóxicos, muitos deles proibidos em outros países

**Beatriz de Alcântara**  
Especial para A União

**Iluska Cavalcante**  
cavalcanteiluska@gmail.com

Criada no início deste mês na Câmara dos Deputados em Brasília, a Frente Nacional Parlamentar de Agroecologia representa um passo importante para entidades, organizações civis e públicas que defendem a soberania alimentar e o direito da população a comer de forma saudável. Mas indo na contramão dessa iniciativa, na última terça-feira (17), o Governo Federal autorizou a liberação de mais 63 agrotóxicos, somando um total de 325 substâncias autorizadas somente neste ano de 2019 – um recorde. E uma demonstração de quanto trabalho essa Frente terá.

Na Paraíba, estima-se que existam 410 mil agricultores familiares. Eles são a base da produção agroecológica, responsáveis por levar à mesa das

peças comidas sem nenhum tipo de aditivo tóxico. O diretor de Agroecologia do município de Conde, Josinaldo Rodrigues, vê a criação de uma Frente Parlamentar como um apoio fundamental para o fortalecimento da agroecologia, sobretudo no que diz respeito à manutenção das Organizações de Controle Social (OCS), vias por onde os grupos fazem a venda de produtos orgânicos diretamente ao consumidor. “Sem uma OCS não tem como comprovar que a produção não é convencional, com veneno”, afirmou.

Maria Amália da Silva é engenheira agrônoma, mestra em Extensão Rural e Desenvolvimento Local, integrante da ONG Arribação e da Comissão de Produção Orgânica do Estado da Paraíba – CPOrg-PB. Ela acredita que a Frente será essencial para pautar políticas públicas voltadas para o campo, no aspecto agroecológico. “Não adianta a gente estar no



Maria Amália questiona o que leva o Brasil a investir tanto em venenos

campo, fazendo de tudo para prestar uma assessoria e não termos recursos, não termos projetos, leis que venham fortalecer esse processo. A gente só consegue isso através do poder público”, comentou.

Outro papel essencial da Frente, de acordo com Amália, é trazer à tona as questões dos interesses. Afinal, a quem interessa a onda do mercado agrotóxico que vai contra os princípios da agroecologia?

“É preciso mostrar o inverso. Quem defende a liberação dos agrotóxicos, o agronegócio, a produção convencional, o uso dos transgênicos? Essa Frente também tem esse papel. Se a gente não conhece o nosso antagonista, não vamos influenciar nem trazer diálogo para a sociedade”, afirmou. Para a integrante da CPOrg, ter um grupo de representantes políticos que foram escolhidos pelo povo, nada mais justo que este grupo defenda os interesses de quem votou, como no caso dos agricultores familiares.

“A agricultura familiar está perdendo direitos que já foram conquistados. Acho que essa Frente já deveria ter existido há muito tempo. Assim, talvez não estivéssemos sofrendo tanto com o que está acontecendo no Brasil. Mas nunca é tarde”, afirmou.

**Veneno na mesa**  
Com a liberação desen-

freada de agrotóxicos, o diretor de Agroecologia de Conde, Josinaldo Rodrigues é enfático: “O Brasil está indo na contramão da agricultura familiar e da produção agroecológica”. Ele acrescenta que as novas liberações só confirmam o Brasil como um dos maiores consumidores de veneno no mundo, uma afronta a toda a riqueza que é a agricultura familiar, responsável por 70% da alimentação do povo brasileiro.

Salientando que muitos dos agrotóxicos liberados no Brasil são expressamente proibidos em outros países, Amália questiona porque o país insiste em colocar veneno na mesa dos brasileiros. “O governo está criando uma coisa que não vai poder controlar, só está pensando em dinheiro. E esse dinheiro não vai para a população, vai para as empresas. Sem falar que o uso do agrotóxico é caro”, ressalta. “Agrotóxico mata, mata o meio ambiente, mata animais, contamina tudo”, completou.

## + A comida que cura

É a busca por uma vida mais saudável que faz com que a professora Jacira da Silva, de 67 anos, se desloque todas as terças-feiras, do bairro Jardim Aeroporto, na cidade de Bayeux, até uma feira agroecológica no Ponto de Cem Réis, Centro de João Pessoa.



Jacira Silva teve câncer e atribui a cura também à comida sem agrotóxico

Após um câncer, ela entendeu as consequências da sua alimentação em seu corpo e passou a ser mais rígida com o que consome. As feiras orgânicas ou agroecológicas têm ficado cada vez mais populares e atraído um grande número de pessoas que decidiram por uma vida sem consumir agrotóxicos. De acordo com a Comissão de Produção Orgânica do Estado da Paraíba (CPOrg-PB), existem cerca de 30 feiras deste tipo na Paraíba e que a tendência é aumentar.

Para a professora, a cura de seu câncer foi uma consequência de suas escolhas saudáveis de anos, por isso conseguiu descobrir e tratar da doença na fase embrionária. “Já vinha mudando meus hábitos há mais de 10 anos, porque comecei a me esclarecer nessa questão de alimentação. De dois anos pra cá eu tenho sido mais cuidadosa com a alimentação e tenho buscado alternativas, onde tem feira. Levo em conta primeiramente Deus, e segundo o cuidado com a alimentação, tenho certeza que ajudou”, disse.

O preço é um pouco mais caro do que nas feiras tradicionais. Mas Jacira enfatiza que vale a pena, pois quando o assunto é cuidar da sua alimentação, nada pesa no bolso.

## Incentivo a agricultores

A agricultora Juliana Faustino, do município de Sapé, vende produtos sem agrotóxicos nas feiras dos bairros de Jaguaribe e José Américo. Ela comentou que o preço, apesar de maior se comparado às feiras tradicionais, não tem sido um problema para os consumidores. “O pessoal está preferindo vir atrás, já vem direto e dizendo que é pra prevenir doenças. A batata aqui, por exemplo, está custando R\$ 3, em outros lugares é R\$ 2,00 e R\$ 1,50, mas ninguém reclama. As pessoas já pensam nos benefícios”, disse.

Além de facilitar a vida

das pessoas quando o assunto é encontrar frutas e verduras sem agrotóxicos, as feiras contribuem no sustento dos agricultores do Estado. O agricultor Severino Ramos, de 55 anos, usa o terreno de sua casa, em Cruz do Espírito Santo, para cultivar frutas, verduras, criar galinhas e tudo o que vende em sua barraca nas feiras em Jaguaribe e na UFPB. Com esse dinheiro, ele sustenta sete pessoas de sua família. “O pessoal não quer ser prejudicado na saúde, aí procura a gente pra comprar, porque usamos um produto sem veneno”, comentou.



Severino Ramos, agricultor, tira seu sustento nas feiras agroecológicas



### SERVIÇO

Onde encontrar uma feira agroecológica em João Pessoa  
Feira Agroecológica IFPB  
■ Av. Primeiro de Maio, 720, Loteamento dos Sítios Velho e Novo; Terça-feira, 6h às 12h.

■ Terra Viva  
R. Prof. Manoel Viana n 4 - Castelo Branco; Quarta-feira, 17h às 20h.

■ Terra Viva  
Avenida Umbuzeiro, 1205, Manaira; Quarta-feira, 11h30 às 15h.

■ Feira/Quitanda Orgânica no Qdernetelha  
R. Segismundo Guedes Pereira Neto, 126 - Bessa; Quarta-feira, 16h às 20h.

■ Feira Orgânica de João Pessoa  
Av. Hilton Souto Maior, 1112-1114 - José Americo de Almeida; Quinta-feira, 5h às 12h.

■ Feira Agroecológica do Sítio Utopia no Oca Restaurante  
Av. Alm. Barroso - Centro; Terça-feira, 5h às 14h.

■ Feira Espaço Equilíbrio do Ser - Centro de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde  
Rua Bancário Sérgio Guerra, 151-163 - Bancários; a cada 15 dias, nas quartas-feiras. Das 5h às 12h.

■ Feira Orgânica da Universidade Federal da Paraíba  
Av. Contorno das Cidades - Conjunto Presidente Castelo Branco III; Sexta-feira 5h às 12h.

■ Feira Agroecológica do Bessa - Ecosul  
Av. Governador Argemiro de Figueiredo - Jardim Oceania; sábado a partir das 5h.

■ Feira Orgânica do Projeto Cinturão Verde I  
Mercado Público do Valentina - sábado das 6h às 11h.

■ Feira Orgânica do Projeto Cinturão Verde II  
Praça da Paz - Bancários; Sexta-feira, 5h às 9h.

■ Feira Orgânica do Projeto Cinturão Verde IV  
Comunidade Cidade Viva - Bessa; Quinta-feira, 16h às 18h.

■ Feira Orgânica do Projeto Cinturão Verde VII  
Shopping Sebrae - Av. Joaquim Pires Ferreira, 1119 - Bairro dos Estados; Terça-feira, 5h às 13h.

# Humanização e carinho e técnica na hora do parto

Com doulas, no aconhego do lar, cercada de pessoas queridas. É assim que muitas mulheres preferem parir

**Alexandra Tavares**  
lekajp@hotmail.com

“Quando eu lembro do nascimento da minha filha ainda dá vontade de chorar. Foi realmente algo inesquecível”. A declaração é de Larissa Sales Santos Galdino, 31 anos, que deu à luz Alice em casa, em Camboinha, Cabedelo, há menos de 20 dias. Ela e o marido contrataram uma equipe formada por duas enfermeiras obstétricas e duas doulas para acompanhar a gestação e o Parto Domiciliar Planejado (PDP).

A presença de doulas e do parto humanizado, domiciliar ou não, é a opção de muitas mulheres na Paraíba. No Instituto Cândida Vargas, em João Pessoa, por exemplo, as doulas já assistiram 1.790 mulheres desde 2015 até julho deste ano. Larissa, que é enfermeira, conta que na gestação de sua primeira filha, Rebeca Sales, de 7 anos, teve um acompanhamento de uma doula. Rebeca nasceu na maternidade e, durante o parto, não foi permitida a presença do marido Ademilton Galdino da Silva Filho, 35 anos. A experiência foi traumática. “Isso nos marcou muito e mesmo sabendo que agora ele poderia assistir ao parto da nossa segunda filha,



Foto: Arquivo Pessoal

Larissa Sales, junto com a pequena Alice, nascida há 20 dias, cercada pelo marido e a filha mais velha; ela fez opção pelo parto domiciliar planejado

porque a lei permite, preferimos o parto domiciliar. Queríamos todo mundo junto, participando deste momento”, destacou Larissa.

E foi justamente assim o parto de Alice, com a família reunida em casa. O pai Ademilton foi quem amparou a

bebê no momento da expulsão, no dia 5 de setembro. Foi ele também quem cortou o cordão umbilical da filha. E a pequena Rebeca esteve presente no nascimento da irmã. Além da equipe de profissionais que o casal contratou, a mamãe de “segunda viagem”

sentiu o amparo das pessoas que ama. “Eu estava com meu marido e minha filha me dando apoio. Foi uma experiência fantástica, algo mágico, de fortalecimento para minha família, um momento único que ficará registrado para sempre”, recordou Larissa.

Agora, ela está vivendo o pós-parto, o chamado puerpério, e diz que a equipe que a acompanhou na gestação está colaborando também neste processo, orientando na questão da amamentação, no lado emocional, encorajando-a a vencer o cansaço

nos cuidados com a pequena Alice.

Para Ademilton, que teve a oportunidade de participar do parto da segunda filha, a sensação foi inesquecível. Entre o misto de sentimentos, ele não esconde a alegria e satisfação de ter passado por essa experiência. “Foi algo lindo!”.

## Cândida Vargas

Anualmente, há no ICV curso gratuito para quem deseja atuar como doula. Esse ano já houve a seleção e foram inscritas 90 candidatas. Dessas, foram escolhidas 30 mulheres para atuar como doulas e 3 suplentes. A aula inaugural da VI turma de Doulas Voluntárias ocorreu na semana passada e o próximo curso ocorrerá em 2020. As vagas são divulgadas no site da Prefeitura de João Pessoa.

No Instituto Cândida Vargas, as doulas já assistiram 1.790 mulheres em partos humanizados desde 2015

## Quando a experiência da gestação transforma planos de vida

Outra gestante que planeja dar à luz em casa é a estudante de Medicina Marita Brilhante. Com 38 semanas de gestação, ela está sendo acompanhada por uma doula e uma equipe de parto domiciliar. Marita é uma defensora do parto humanizado e abraçou essa causa desde o nascimento do seu primeiro filho João, em 2011, quando morava em Brasília.

Nessa época Marita, que é jornalista, atuava como servidora pública, mas a experiência da gravidez mudou muita coisa em sua vida. “Na gestação, comecei a ficar assustada pelos relatos de violência obstétrica de muitas mulheres, passei a ler muito sobre parto normal e a procurar médicos que me apoiassem”.

O menino nasceu em uma maternidade, na cidade de Fortaleza-CE. Foram 15 horas em trabalho de parto, grande parte dele em casa. Ao chegar no hospital, a criança já estava prestes a nascer. “Fui respeitada em todos os momentos, porque eu estava bem informada e também muito obstinada a passar por aquele momento”, revelou Marita.

Depois dessa experiência, Marita Brilhante tomou uma importante decisão. Deixou a carreira sólida como servidora pública para se dedicar ao parto humanizado, a ajudar mulheres nessa fase da vida. “Foi como se eu encontrasse uma causa para lutar, a saúde das mulheres e dos bebês, o respeito ao evento primordial que é o nascimento”, revelou.

Então, ela começou a estudar Medicina e desde 2014 mora em

Jornalista e daqui a pouco formada em Medicina, Marita Brilhante viu no parto humanizado uma causa a ser defendida



Foto: Lu Cabral

João Pessoa. Em um projeto de extensão do curso, Marita atuou como doula. “Acho que a doula é uma parceira nessa jornada. Ela não é fundamental, porque para parir, basta você mesma, mas é um apoio que você não encontra em ninguém. Porque ela está ali só para dar o suporte físico e emocional que muitos profissionais que ficam responsáveis pela assistência técnica não podem dar”, detalhou. O grande propósito de Marita após se formar, em janeiro do próximo ano, é ser

médica de família e comunidade.

Sobre o parto do segundo filho, ela explica que planeja ter o bebê em casa porque é no lar, acompanhada da família e da equipe que escolheu, que ela se sente segura. “Será um Parto Domiciliar Planejado. Se qualquer coisa fugir do normal, a gente vai para o hospital, não tem problema. Não é nada radical. E tem a possibilidade do meu filho João assistir ao parto e da gente viver isso de uma forma particular e individualizada”.

## Direitos para grávidas

### Doulas

Na Paraíba, os hospitais e maternidades públicos e privados deverão afixar placa autorizando a presença de doulas durante o período pré-natal, trabalho de parto, parto e pós-parto sempre que solicitado pela parturiente. A placa deverá ser legível e colocada em locais de fácil visualização nos pontos de entrada e saída e nas áreas comuns da unidade de saúde. A medida está prevista na Lei Estadual nº 11.009, com base nos termos da Lei Estadual nº 10.648/2016. O não cumprimento da determinação resulta em penalidade que vai desde

advertência e aplicação de multa até afastamento do gestor da instituição pública.

### Acompanhante

A Lei Federal nº 11.108, de 7 de abril de 2005, mais conhecida como a Lei do Acompanhante, determina que os serviços de saúde do Sistema Único de Saúde (SUS), da rede própria ou conveniada, são obrigados a permitir à gestante o direito a acompanhante durante todo o período de trabalho de parto, parto e pós-parto. A lei determina que este acompanhante será indicado pela gestante, podendo ser o pai do bebê, o parceiro atual, a mãe, um (a) amigo(a), ou outra pessoa.

Foto: Reprodução



Ao longo dos anos, alguns direitos foram conquistados, mas poucas mulheres, grávidas ou não, ainda desconhecem. Os direitos à presença de uma doula e de um acompanhante estão previstos em lei

# Escolha do parto fortalece o empoderamento feminino

Parto Domiciliar Planejado põe a mulher à frente das decisões, desde o cômodo da casa até quem pode estar junto

O Parto Domiciliar Planejado é a opção para muitas mulheres porque nele é ressaltado, entre outros aspectos, o empoderamento da mulher. É a gestante quem escolhe a equipe que lhe dará assistência desde a gestação até o pós-parto.

É no momento do nascimento do bebê, a gestante pode optar em qual cômodo de sua casa dará à luz, que pessoas poderão presenciar esse momento e quanto tempo pretende acolher o recém-nascido quando ele vier ao mundo. A criança pode, por exemplo, ir para os braços da mãe logo depois do nascimento e ficar nesse aconchego enquanto a mãe desejar, na companhia do pai e irmãos.

“O parto domiciliar planejado é tão seguro quanto um parto hospitalar de risco habitual. A equipe que atende a mulher em casa leva um conjunto de ferramentas e de materiais para garantir a segurança da mãe e do filho. Há, inclusive, um plano de contingência, caso precise fazer uma transferência para a maternidade”, explicou Waglânia de Mendonça Faustino e Freitas, enfermeira obstetra e parteira profissional, com doutorado em Saúde Pública pela ENSP/Fiocruz.

Mas desde o início da gravidez, a mulher que opta por ter o filho no domicílio recebe várias orientações dos profissionais que ela escolheu para

lhe dar assistência. Enquanto espera o bebê, a gestante tem a oportunidade de conhecer o processo fisiológico e emocional da gravidez através das informações passadas pela equipe e das bibliografias e vídeos sugeridos.

A mulher ainda troca experiências com outras grávidas e recebe os cuidados da equipe que a acompanha no pré-natal coletivo, prática comum entre as grávidas que pretendem ter o filho em casa. Nos encontros do pré-natal coletivo, alguns pontos são levados em consideração: as grávidas realizam exercício que preparam o corpo para um parto tranquilo, a saúde da mulher também é avaliada pela equipe profissional e as gestantes dialogam com outras grávidas e há troca de experiências.

Elas ainda participam das rodas de conversas, compartilhando experiências com outras mulheres que estão no período gestacional. Os encontros podem ser coordenados por doulas, enfermeiras obstetras e outras profissionais. Em João Pessoa, as rodas podem acontecer em praças, estabelecimentos públicos ou



Fotos: Divulgação

Roda de conversa sobre pré-natal coletivo, onde mulheres podem trocar experiências, ficar mais à vontade e tirar dúvidas sobre o parto

privados. Waglânia Freitas participa, por exemplo, da Roda Bem Gestar, que ocorre quinzenalmente na Biblioteca Central da Universidade Federal

da Paraíba (UFPB). Qualquer mulher pode participar. A atividade faz parte de um projeto de extensão da universidade.

Segundo Waglânia essa roda era realizada na Unidade de Saúde da Família Estação Saúde, no bairro do Geisel, mas pela própria necessidade da comunidade, a roda passou a funcionar na UFPB. A

USF oferece atualmente o pré-natal coletivo e a puericultura coletiva e o atendimento é disponibilizado para pessoas que fazem parte da USF do bairro.

A enfermeira obstetra ainda apóia o trabalho realizado com mulheres no Espaço Transverso, local privado que atende mensalmente a demanda através de contribuições voluntárias. O serviço é conduzido pela Equipe FloreSer. Entre as

atividades disponibilizadas no Espaço Transverso estão o pré-natal coletivo. Na Praça da Independência, Centro da capital, é realizada mensalmente a roda de gestantes Amah (Apoio, Maternagem, Acolhimento, Humanização).

Esses são alguns serviços disponibilizados na Grande João Pessoa para as mulheres que planejam ter parto humanizado, seja domiciliar ou não.



Para a doula Pamela Duarte, o grande mérito é da mulher, a principal protagonista de todo o processo

## + Ser doula: gostar de servir

Há mais de três anos atuando como doula, Pamela Siqueira explica que, além de ser uma profissão, essa prática requer dedicação, sensibilidade e preparo. “É um trabalho árduo, que necessita de muita disponibilidade”, destaca. E a partir do momento em que se assume essa missão é preciso oferecer suporte físico, emocional e informativo para a gestante que deseja um parto normal. Um dos requisitos básicos é, antes de tudo, saber servir. A própria palavra doula - que vem do grego, significa “aquela que serve”.

Apesar de toda orientação e acompanhamento oferecidos à mulher antes, durante e após o parto, o maior mérito na hora do nascimento é da gestante. Ela é a grande protagonista deste momento único. Independentemente do local onde ocorra o parto, seja em uma maternidade pública, privada ou em casa, Pamela conta que na sua atuação como doula está sempre ao lado do casal, dando toda assistência necessária.

“Mas o parto é da mulher. A doula é uma mera figurante nesse cenário. A mulher deve ser tratada como protagonista, sendo respeitada durante todo o processo, e a doula está ali para isso, para proporcionar a essa mulher uma experiência respeitosa, acolhedora e cheia de amor”.

### O sentido do parto humanizado

O parto humanizado se baseia em três pilares fundamentais: práticas baseadas em evidências científicas, modelo colaborativo no cuidado - que inclui pelo menos dois profissionais de saúde, e o protagonismo da mulher.

Algumas práticas não são adotadas nos partos humanizados como a episiotomia (incisão efetuada na região do períneo para ampliar o canal de parto) e o kristeler (consiste na aplicação de pressão na parte superior do útero com o objetivo de facilitar a saída do bebê). Para Waglânia Freitas, a mulher que espera um filho deve estar, antes de tudo, bem informada sobre sua condição de gestante. “O melhor remédio para uma gravidez, parto e puerpério saudáveis é a informação”.



Waglânia Freitas, enfermeira com doutorado em Saúde Pública defende e escolhe a mulher como prioridade em todo o processo

# Pesquisa mostra que tweets revelam os valores humanos

Psicólogos e outros pesquisadores estão atentos às manifestações e análises das pessoas no campo digital



Um dos slogans usados pelo Twitter diz que “o Twitter é o que está acontecendo no mundo e o que as pessoas estão falando a respeito agora”. A plataforma afirma que dita tendências e os psicólogos estão atentos às manifestações humanas no campo digital. E se fosse possível conhecer a fundo os valores humanos dos usuários da rede? Como validar uma análise diante de milhares de dados gerados a cada dia?

Pesquisadores da Psicologia e das Ciências Exatas da Universidade Federal da Paraíba em Rio Tinto (Campus IV) se uniram com a finalidade de analisar a viabilidade de usar a inteligência artificial para descobrir os valores humanos das pessoas de acordo com mensagens textuais compartilhadas no Twitter.

O trabalho segue uma característica atual dos projetos acadêmicos que é a associação da tecnologia para a busca de soluções em outras áreas do conhecimento. Nesse projeto, o doutorando em Psicologia Anderson Mesquita do Nascimento, orientado pelo professor Valdiney Veloso Gouveia, queria verificar se as pessoas que dão importância aos valores humanos têm um perfil de palavras, um padrão, por trás da linguagem textual das mensagens de Twitter. “Será



Foto: Diego Nóbrega

Professor Yuri Malheiros mantém foco na inteligência artificial e no que representa o mundo dos algoritmos para os dias atuais

que o que elas escrevem revela o que é importante para a vida delas?”, foi a pergunta que balizou a tese de doutorado de Anderson Mesquita.

Especialistas em psicologia afirmam que os textos compartilhados em redes sociais mostram informações sobre a pessoa: estado emocional, opiniões sobre produtos, preferência política e, até mesmo, apontam sinais de distúrbios mentais. “Sabendo disso, a psi-

ciologia tem um papel fundamental nos estudos envolvendo pessoas em redes sociais digitais”, escreveu Anderson.

Mas, como executar a tarefa? O orientador Valdiney Gouveia tinha conhecimento das pesquisas realizadas no Centro de Ciências Exatas da UFPB usando inteligência artificial. Bastou esclarecer o desafio para o professor Yuri Malheiros, da Licenciatura em Ciência da Computação da

UFPB em Rio Tinto, para a tarefa estar encaminhada.

“A inteligência artificial pode trabalhar com milhares de dados e trazer resultados validados. Existem várias possibilidades de conduzirmos essa pesquisa, mas nós usamos os algoritmos de aprendizagem de máquina”, explicou professor Yuri Malheiros. Dessa forma, foram analisados quase 2,5 milhões de mensagens coletadas.



Foto: Marcia Dementshuk

Para Anderson Mesquita, valores humanos definem uma série de comportamentos

Cada vez mais, os comportamentos humanos estão refletidos nos meios virtuais

**■ Valores humanos explicam fenômenos sociopsicológicos**  
Segundo Anderson Mesquita, os valores humanos possibilitam a compreensão de uma gama de fenômenos sociopsicológicos, tais como atitudes e comportamentos ambientais, religiosidade, preconceito, consumo de drogas, comportamento antissociais, delinquência juvenil, atitudes frente à tatuagem, intenção de cometer suicídio e até atitudes pró-ambientais. “Os valores podem ser definidos como características abstratas duradouras que servem como princípios que guiam a vida dos indivíduos.”  
“O que se exterioriza nas redes sociais pode refletir tanto direta quanto indiretamente. Por exemplo, a pessoa não fala diretamente que a religião é importante para ela; mas faz um comentário sobre a mensagem da pregação”, explica Anderson. “O valor é expresso indiretamente, via comportamento. A maioria das avaliações em psicologia são feitas através do comportamento”, afirma.  
“As pessoas normalmente dão importância a aspectos religiosos, respeito às tradições, à família, às hierarquias, à manutenção do status quo da sociedade. E nosso estudo revelou que as mensagens no Twitter revelam exatamente isso”, garantiu o doutorando.

**■ Pesquisa é baseada em questionário**  
Anderson Mesquita usou como base para a análise uma Categoria Normativa de Valores a partir da “Teoria Funcionalista dos Valores”, cunhada por seu orientador, Valdiney Gouveia. Ela delimita seis categorias de subfunções de valores: Interativa; Normativa; Suprapessoal; Existência; Experimentação; Realização. Essas categorias agrupam valores, por exemplo: a suprapessoal contém o conhecimento, a maturidade. A Existência é a saúde, a sobrevivência; a Realização é o prestígio, poder. E assim por diante. Com base nessa teoria, a equipe aplicou um questionário divulgado pelo Twitter no qual o internauta respondeu a uma pesquisa de teor psicológico – como os testes de personalidade que circulam pelas redes – e recebeu um feedback quanto à sua personalidade. A pessoa tinha a opção de compartilhar na rede o resultado e convidar amigos a participar. “Com isso, obtivemos a adesão de 2.400 pessoas, aproximadamente. Mas teve um segredo aí! Entramos em contato com um influenciador digital, com uma conta popular no Twitter. Ele fez o teste e indicou para seus contatos. Caiu na rede, deslançou”, comemorou Anderson.  
“Nós informamos que esses dados seriam coletados para fins de pesquisa, não serão divulgados individualmente de forma nenhuma, e o internauta autorizou a captura das mensagens escritas anteriormente ao questionário. Isso evitou tweets tendenciosos”, disse Anderson.

**■ Psicologia e inteligência artificial**  
Foram testados três classificadores de aprendizagem de máquina, treinados usando mensagens do Twitter, para prever respostas do questionário. Para isso, foram coletados 2.277.832 tweets enviados por 2.496 usuários. Quando as informações capturadas pelos algoritmos foram comparadas ao questionário respondido, o melhor resultado alcançou uma acurácia de 60,08%.  
“O resultado foi surpreendente, porque a variação de mensagens é muito grande. Não usamos nenhum filtro, por assunto, ou coisa do tipo. A pessoa poderia estar falando qualquer coisa. A variação de erro era de 16% e esse número de 60% está muito longe de ser um chute”, ressaltou Yuri Malheiros.  
Anderson Mesquita garante que essa é a primeira vez que é comprovado por pesquisa que o ser humano expressa o que é importante para ele no Twitter. Por outro lado, como diz o slogan da plataforma social, o Twitter realmente é “o que as pessoas estão falando a respeito do que está acontecendo no mundo agora”.



Foto: Theresia Silva

# Maestro Marcos Arakaki e a linha do tempo musical

Livro sobre a história da música clássica será lançado no campus I da Universidade Federal da Paraíba

**Guilherme Cabral**  
guipb\_jornalista@hotmail.com

O regente associado da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, o paulistano Marcos Arakaki, lançará no dia 27 deste mês de setembro, a partir das 19h30, no Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) do Campus I da Universidade Federal da Paraíba, na cidade de João Pessoa, o seu primeiro livro, cujo título é *A História da Música Clássica Através da Linha do Tempo*. Publicada de maneira independente, com recursos próprios do autor, a obra tem 64 páginas, é ilustrada, custa R\$ 130 e o evento antecederá a apresentação que a Orquestra Sinfônica da UFPB (OSUFPB) - que, a propósito, Arakaki aguarda nomeação para assumir como maestro titular - realizará às 20h30, no mesmo local, ou seja, a Sala de Concertos Radegundis Feitosa.

"A expectativa é enorme para esse lançamento do livro, pois a minha esposa é natural da cidade de João Pessoa, onde regi a Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB) de 2007 a 2011 e a OSUFPB de 2013 a 2015, onde aguardo a nomeação para assumir novamente o cargo, pois fui aprovado em concurso realizado no mês de julho passado. Minha ligação com a cidade é muito grande. Vai ser uma festa e vou rever os amigos", confessou para o jornal *A União* o maestro Marcos Arakaki, que deixou a capital paraibana há nove anos justamente para ir à cidade de Belo Horizonte (MG) atuar na Orquestra Filarmônica de Minas Gerais. Ele disse que se alguém não quiser esperar pelo lançamento do livro, já pode adquiri-lo pelo e-mail [linhadotempomusica@gmail.com](mailto:linhadotempomusica@gmail.com).

Recheado de ilustrações, o livro de Marcos Arakaki - cuja publicação contou com o apoio do maestro Isaac Karabtchevsky e dos compositores Edino Krieger e João Guilherme Ripper, presidente da Academia Brasileira de Música (ABM) - tem particularidades interessantes e diferenciadas. Acondicionada em uma luva, as páginas da obra, que tem tiragem inicial de mil exemplares, foram coladas a mão, tem formato sanfonado e, se for totalmente aberta em linha reta, chega a medir mais de 11 metros de comprimento.

"A ideia é que, por se tratar da linha do tempo, a parte de cima da obra tem fatos relacio-

nados à música e, abaixo, fatos que aconteceram na humanidade e que não, necessariamente, influenciaram a música, como a invenção da lâmpada e a construção da primeira estrada de ferro, em 1825. É o único livro que conta a história da música no Brasil e, quando chega a 2019, acaba a linha do tempo e chega ao verso do livro que tem texto e separado por capítulo.

Há, também, sugestões para o leitor ouvir músicas que estão na obra pelos links no YouTube que eu mesmo selecionei", disse Marcos Arakaki, ao justificar a razão de ter escolhido o formato sanfonado para o livro, que também pode ser apresentado como uma exposição - ao público em geral, ou curso de capacitação para professores - ou em palestra ou concerto comentado. "Estou procurando parceiros para a aquisição deste material para ser distribuído a escolas, conservatórios, bibliotecas, além de empresas que gostariam de distribuir aos seus clientes e fornecedores como brinde", comentou o maestro.



Foto: Reprodução

"A História da Música Clássica Através da Linha do Tempo" é uma publicação independente

## Voltaire, Mozart e Haydn

"Em 1759, Voltaire escreveu *Cândido*, obra-chave no Iluminismo, estilo literário que influenciaria a Revolução Francesa, em 1789. Na mesma época, temos Mozart e Haydn, que rompeu com o Barroco (período anterior ao Clássico). E também nasce Beethoven, que chegou a dedicar uma sinfonia (a Nº 3) a Napoleão Bonaparte e depois, quando ele se pro-

clamou imperador, retirou a dedicatória. A Revolução Francesa influenciaria diversas democracias europeias", comentou Marcos Arakaki, ao dar um exemplo de como se dá as ligações entre os fatos em seu livro.

Arakaki pesquisou vasto material na Academia Brasileira de Música, localizada no Rio de Janeiro, para produzir a obra, que abrange da antiguidade aos dias atuais e cuja publicação considera um sonho realizado e que começou compartilhado apenas por ele com a sua esposa, Analine Arakaki. "Esse é o livro que gostaria de ter lido quando estudante. Toda história tem vários pontos de vista, pois depende de quem conta. Com o livro, não quero esgotar o assunto. Minha intenção é nortear uma pesquisa, como uma espinha dorsal da história", confessou o maestro, que, com o passar do tempo, foi contando com o apoio de outros colaboradores para o projeto, a exemplo dos professores da Universidade Federal da Paraíba, Eli-Eri Moura e Wilson Guerreiro Pinheiro, que assumiram a revisão, e a designer Renata Gibson.

Marcos Arakaki foi regente da Orquestra Sinfônica da Paraíba entre os anos de 2007 e 2011; hoje ele é regente associado da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais

Arakaki pesquisou vasto material na Academia Brasileira de Música, localizada no Rio de Janeiro, para produzir a obra, que abrange da antiguidade aos dias atuais



Foto: Rafael Mehta

## Testemunhas de Jeová e a pedofilia

Na minha tese de doutorado estudei um grupo de dissidentes da religião Testemunhas de Jeová. Durante a pesquisa descobri que vários ex-membros da religião questionavam a postura que os dirigentes religiosos adotam em relação a casos de pedofilia e abusos sexuais. As principais críticas dizem respeito a uma suposta convivência burocrática com esses crimes. A orientação é que aos anciãos congregacionais devem tratar os casos de pedofilia, internamente, sem a intervenção das autoridades seculares.

As denúncias a tais crimes se multiplicaram nos últimos tempos ao redor do mundo, levando a ações mais duras de governos e ONGs de proteção a vítimas de violência, como também a uma crescente exposição na mídia. Em 2002, o jornal New York Times noticiou um caso, de grande repercussão, envolvendo o ancião Bill Bowen que apresentou uma denúncia à Sociedade Torre Vigia sobre um colega ancião que teria abusado sexualmente de uma criança. A Sociedade procurou abafar o caso. Bill se viu desolado, o que fez renunciar o cargo de ancião e criar um grupo para investigar as práticas de abuso sexual na igreja. Não tardou muito para que fosse expulso.

Segundo as regras da Torre, para que a acusação a uma TJ seja formalmente aceita, é preciso que esteja amparada no depoimento de pelo menos duas testemunhas. O que dificulta, consideravelmente, a apuração de casos de pedofilia e abusos sexuais. Outro fator importante é que abusadores mudam de congregação para evitar a má exposição e possíveis atritos – muitas vezes sem que os anciãos de sua nova congregação sejam avisados.

Isso aconteceu com a norte-americana Candace Conti, abusada aos 9 anos de idade por Jonathan Kendrick – membro respeitado de uma congregação na cidade de Fremont, Califórnia. Os abusos costumavam acontecer durante o trabalho de pregação de “porta em porta”, momento que Kendrick encontrou para levar a menina para casa sem que os pais desconfiassem. Ela conta que isso aconteceu durante vários meses por um período de aproximadamente dois anos e que cresceu isolada do mundo, presa à crença de que as pessoas fora da organização eram ímpias e na expectativa do fim iminente do mundo.

Já adulta Candace encontraria o nome de Jonathan Kendrick numa lista de pedófilos. As informações na



internet diziam que tinha molestado outra criança. Essa descoberta fez com que se sentisse culpada por não ter contado sobre o que lhe havia acontecido, de modo a evitar outros casos de abuso. Tomada por um sentimento de justiça, decidiu relatar sua experiência aos anciãos que, porém, não foram receptivos à denúncia e exigiram que provasse o que dizia por meio de duas testemunhas.

Candace, então, resolveu procurar ajuda da polícia e processar a Sociedade Torre de Vigia. O advogado Rick Simmons que a representou tinha larga experiência com esse tipo de crime, havia trabalhado em casos semelhantes contra a Igreja Católica, o que deu novos contornos ao processo. O curioso é que antes dos abusos praticados contra ela ocorrerem, os anciãos já sabiam que Kendrick era pedófilo. Ele já tinha molestado sua própria enteada e confessado aos anciãos. Não houve punição legal, apenas perda do cargo de liderança religiosa. A polícia e os membros da congregação sequer chegaram a ser alertados. Quando perguntado no

tribunal por que não tornou público o acontecimento um ancião disse que seguia uma regra da organização.

A preocupação da Torre de Vigia em evitar a publicação desses casos está ligada ao medo de processos judiciais e de publicidade negativa. Em 2012, a Sociedade Torre de Vigia foi condenada a pagar 15 milhões de dólares em indenização a Candace. Com a publicidade e o alcance midiático que a história tomou vários outros casos vieram à tona.

Histórias semelhantes eclodiram em outras partes do mundo. Na Austrália uma investigação trouxe ao conhecimento público 1006 casos de abuso sexuais de TJ não revelados, de 1950 até os dias atuais. Todos esses tratados internamente por meio da abertura de tribunais judicativos ou de outros procedimentos burocráticos. Muitas vezes as vítimas e os abusadores eram obrigados a ficar frente a frente. O que é relatado pelas vítimas como algo extremamente constrangedor e traumático.

## No meio do caminho encontrei Solha

Meu pai Vicente Pinheiro me apresentou o poeta Carlos Drummond de Andrade, que nasceu em outubro de 1902 e se foi em agosto de 1987. Meu pai nasceu em outubro de 2012 e zarpou em outubro de 1987. Sim, Drummond é um dos melhores da literatura brasileira, tendo sido considerado o maior poeta nacional do século XX, mas ele não dava a mínima para títulos. Aliás, dizem que Drummond todo final de tarde saía de seu apartamento em Copacabana e ia se encontrar com uma moça em Ipanema. Testosterona!

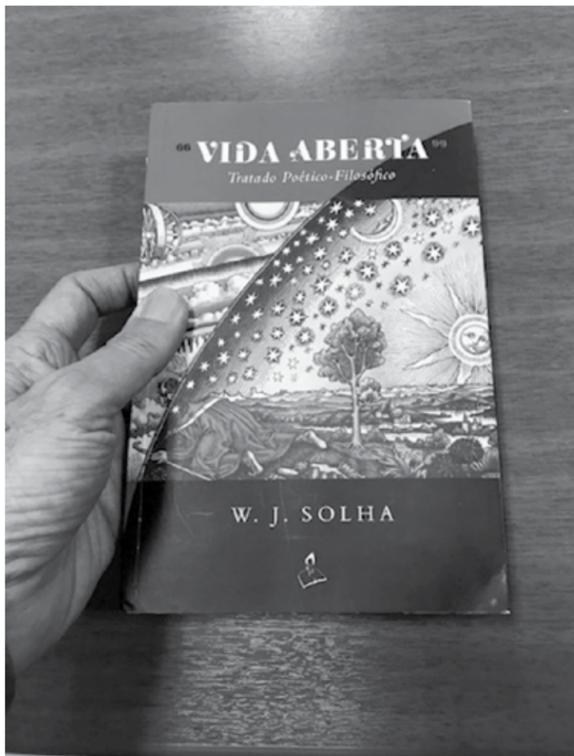
Drummond que amava João que amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili, (minha amiga que está morando em Lisboa), que não amava ninguém.

Drummond terminou confessando que João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes que não tinha entrado na história. Isso é genialidade.

Seu Vicente que amava Kubitschek, que amava os gêmeos Babá e Pretim, que amam Vileide, que ama Nazinha e todos nós amávamos William, que morreu num domingo de abril de 2014. Vicente que amava o Jatobá Clube, o primo Fuenga, Ana Palmita, Zezão, Mariquinha de Titico, João de Dora, Chica Duda. E a puta Naninha. Ô vida besta meu Deus.

No meio do caminho não tem uma pedra, tem um Solha e seu novo livro que me indica o conhecimento longo. Solha que ama Ione, que não conhece o K, que ama Osias, que ama Caetano, que ama a Bahia e todos os santos

Solha me deu uma pletora de alegria, ao colocar o nome do K nas apresentações do seu livro “Vida Aberta” - Tratado Poético-Filosofico” com selo da Editora Penalux. Claro que eu continuei assustado, “como apache que nunca viu homem branco e lhe acha a espora”. Como assim? “Tá pensando u que, fêla da puta”. Ué, botar meu comentário: “Moderníssimo, clássico e



assustador’, junto dos caras José Eduardo Degrazia, Ronaldo Cagiano e João Carlos Taveira, foi o que tinha de ser. Obrigado.

Solha esteve na Batalha de Oliveiros, fez um Relato de Prócula e se alonga no poema do Trigo com Corvos. E muito mais, mas muito é muito pouco. Lembre dele no Som ao Redor? Nunca o vi com “Verônica, Era uma vez”.

Linaldo Guedes, (que apresenta o livro de Solha e que lembra Herfesto, filho de Zeus), diz que na OBRA vamos esbarrar com cowboys, Rembrandt, Mozart,

Gaudi e um porco espinho fazendo sexo. Já pensou no amor e dor? Além de Mickey, Buda, Cristo e seus seguidores, mas esqueceu da Cassiopéia, a rainha da Etiópia que já esteve na Varanda Tropical com Andrômeda, a mulher de Heitor.

Somos “estranhos” de passagem ou estamos além de Acrópole? Nós que sobrevivemos à travessia do Mar dos Macacos, do Mar Egeu, depois de carregar cada um a sua cruz de lenha nas costas de Prometeu e somos filhos da música de “Philip Glass” no auge de “Serra Pelada”. Ou quem sabe “Gershwin, Mãe Menininha do Gantois e não se fala mais nisso.

Eu tenho saudade dos meus personagens que eu matava e desenterrava para matar de novo e não ousou dizer que eles se casam com os Solha, porque daqui não saio, daqui ninguém me tira. Sim, e os gêmeos Rômulo e Remo? (na Página 59 do livro).

Um abraço em Afrodite que não tinha entrado na história

### Kapetadas

1 - Eu trabalharia 48 horas no dia fazendo o que faço. É um cansaço bom.

2 - Vc tá na farmácia. Chega um idoso. Vc dá a vez, afinal, a gente tem que respeitar o atendimento preferencial. Chega a sua vez. Outro idoso. Novamente você dá a vez. 80 anos depois, chega a sua vez e, finalmente você é atendido, pq vira preferencial. Tudo passa.

3 - De todos os soníferos, conversa pra boi dormir é o pior.

4 - Depois do personal trainer pra tudo, ninguém mais erra sozinho.

5 - No Brasil, todos vivem em estado de alerta, espalhados por 26 estados alarmados e um distrito federal alarmante. Céus!

6 - Som: “Existe alguém em nós, em muitos dentre nós, esse alguém, que brilha mais do que milhões de sóis”, Caetano.

## Cinema

Alex Santos  
Cineasta e professor da UFPB

# Filme sobre Chico Buarque é censurado pelo Itamaraty

Na década de sessenta, a censura às obras de artes no país era assumida de cara lavada pelos militares no poder. Agora, não! A censura chega mascarada do pior que se possa imaginar de repressão. Até os movimentos de “contracultura”, na sua essência mais pura, mostrados pelos jovens da época hoje já não existem.

Que me lembre, em agosto de 1969, portanto, há exatos 50 anos acontecia na cidade de Bethel, no estado de Nova York, nos Estados Unidos, um dos mais badalados concertos de rock já conhecidos – Woodstock. Segundo se sabe, ele adveio da extrema rebeldia social da juventude, espalhando-se pelo mundo todo. Aqui no Brasil, dois anos antes já existiam estopins acesos a uma mudança na música brasileira, naquela histórica “noite de outubro de 67”, durante o show de Caetano Veloso, Gil e Chico Buarque, que girou sua memorável “Roda-Viva”.

Levando tais fatos para o campo do cinema, que é o caso desta coluna, é possível que agora não exista muita similitude com o que aconteceu naqueles anos de chumbo. Sobre tudo, as atitudes de “contracultura” de um célebre ator norte-americano, Peter Fonda

(falecido em agosto passado nos EUA, aos 79 anos de idade), e um dos nossos mais brilhantes compositores e músicos brasileiros, Chico Buarque de Holanda. Mas, em ambos os casos existiu, sim, um aguerrido gesto de rebeldia cultural e que reverberou até no meio político daquela época.

No caso do ator Peter Fonda, inconformado com o status social vigente, até familiar, mesmo sendo taxado de “rebelde sem causa” como muitos jovens da mesma época, buscou a mais abrupta transformação. Demudando-se ao mundo das drogas, criando nova aparência física, cabelos longos, vestes extravagantes, assume muitas das irreverências do emblemático concerto de Woodstock. Antes, faz o motoqueiro no filme “Os Anjos Selvagens” (The Wild Angels, de 1966). Mas, é em 1969 que sua fama no cinema ocorre, ao roteirizar e atuar um motoqueiro junto a Dennis Hopper, em “Sem Destino” (“Easy Rider”), um filme que, segundo a crítica especializada, lhe deu mais fama e consciência crítica, social e política no mundo de então. Envolve-se nas causas ambientalistas e realiza o documentário “Petróleo: O Grande Vício” (2012) sobre os efeitos do derramamento de óleo no Golfo do

México, tragédia ambiental que causou a morte de mais de dez pessoas.

Mas, de fato, qual seria a verdadeira relação entre a rebeldia cultural de ambos – Peter Fonda e Chico –, em tempos tão distantes do agora? O primeiro foi pelo cinema; o segundo, através da tradição da música, mas que também virou cinema. Cinema que hoje volta a sofrer da opressão através da autocracia, de um governo de penduricalhos e verborreia, adverso às raízes e instituições culturais.

Na semana passada, através da Embaixada do Brasil no Uruguai, o Itamaraty desautorizou a exibição pública do filme “Chico: Artista Brasileiro”, também sua inclusão na mostra Cine de Brasil 2019, que será realizada em outubro próximo. O diretor do filme Miguel Faria Junior disse se sentir indignado com mais essa censura ao cinema, afirmando: “O filme não tem nada demais de política, fala só sobre o Chico mesmo. Eu estou chocado, mas não surpreendido”.

Tudo indica que o ranço militar de 64 continua, embora hoje travestido de coisa muito pior. Alguém ariscaria decifrar a charada? – Mais “coisas de cinema”, acesse o blog: www.alexantost.com.br

## Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho  
hildebertobarbosa@bol.com.br

# O poeta e o ficcionista

O escritor Luiz Antonio de Assis Brasil, em “Escrever ficção: um manual de criação literária”, a certa altura, afirma categoricamente: “Se o poeta necessita de muita sensibilidade, muita leitura, muita franqueza, o ficcionista precisa disso e mais: muita vivência”.

Será mesmo?

Não vejo muita diferença entre um e outro, pois ambos experimentam coisas mais ou menos afins, se pensarmos, por exemplo, que ambos, valendo-se sobretudo da observação, da memória e da imaginação, lidam, em especial, com as palavras, naquilo que elas podem desencadear no tocante a seus efeitos estéticos e referenciais, no plano sintático, fonético e semântico.

O termo “vivência” certamente corresponde às experiências concretas vividas pelo escritor, isto é, suas histórias pessoais e alheias, seus conflitos existenciais, sua rotina cotidiana, seus amigos, família, paixões, amores, perdas e ganhos; leituras, viagens, doenças, lazer, tudo, enfim, que possa estimular sua sensibilidade e seu poder de criação.

Quero crer que o poeta, e aqui me refiro restritamente, para não dizer tecnicamente, àquele que explora, no limite do verso e na geografia do poema, os vocábulos, sobretudo os vocábulos em suas ressonâncias imagéticas e melódicas, instigando, ao máximo, a materialização da chamada função poética da linguagem. Função que os teóricos da literatura identificam quando a mensagem se volta para a própria mensagem, ou seja, quando os signos linguísticos param neles mesmos, chamando a atenção para seus aspectos físicos, gráficos, sonoros, vistos então na sua autonomia simbólica e deslocando, para uma zona secundária, os outros fatores do processo de comunicação, como o emissor, o contexto, o canal, o código e o receptor.

Penso que nesta instância da linguagem, principalmente da linguagem que se faz poética por um esforço ao mesmo tempo intuitivo e racional, as palavras adquirem – e isto me parece peculiar à formalização do poema – não só novos sentidos, pela força polissêmica que assumem, mas também sabor, cheiro, ritmo, espessura tátil e visualidade.

Isto não quer dizer necessariamente que a expressão verbal não possa incorporar as chamadas “vivências” que, segundo o escritor gaúcho, seriam da alçada específica do escritor de ficção, assim como também não exclui a possibilidade de o escritor, narrando as “vivências”, e talvez por isto mesmo mais atento à palpabilidade da vida concreta, não possa vir a explorar a camada poética das palavras. Um Guimarães Rosa, uma Clarice Lispector, um Ariano Suassuna, por exemplo, fazem de suas narrativas uma experiência poética com a linguagem, assim como certo Carlos Drummond de Andrade, certo Manuel Bandeira, certo Ferreira Gullar, entre outros, fazem de sua experiência poética com a linguagem um repositório inegável de suas “vivências”.

O que digo aqui não é simplesmente para refutar o que Luiz Antonio de Assis Brasil afirma lá no seu, diga-se de passagem, excelente manual de criação literária, publicado pela Companhia das Letras, em 2019. Meus comentários apenas intentam ampliar o nível da discussão metacrítica, trazendo o contributo de um leitor que ama essa vertente temática do universo literário e estético. Leitor de ficção e aprendiz do verso, cioso de tudo o que diz respeito aos segredos técnicos e virtuais da criação artística da palavra.



## Fanpage da Academia de Cinema

A Fanpage APC-Group, página na Internet da Academia Paraibana de Cinema, para veiculação de notas, imagens e audiovisuais exclusivamente sobre cinema, tem aberto espaço a todos aqueles que a solicitam e tenham algum conhecimento sobre a cinematografia, ou mesmo preferências sobre filmes. Razão pela qual já conta com quase 300 integrantes.

Administrada pelo acadêmico Carlos Meira Trigueiro, Cadeira 48, da APC, cujo patrono é o ex-exibidor Agripino Cavalcante, a Fanpage tem regra rígida de participação de seus integrantes, não aceitando divulgações que não sejam exclusivamente sobre o cinema paraibano, nacional e internacional. Acesse e faça parte <https://www.facebook.com/groups/AcademiaParaibanadeCinema/>

## Em cartaz

**RAMBO: ATÉ O FIM** (EUA): O tempo passou para Rambo, que agora vive reduso em um rancho na fronteira entre os Estados Unidos e o México. Sua vida marcada por lutas violentas ficou para trás, mas deixou marcas irreparáveis. No entanto, quando uma jovem amiga da família é sequestrada, Rambo precisará confrontar seu passado e reviver suas habilidades de combate para enfrentar um dos mais perigosos cartéis mexicanos. MAG 4 (DUB): 15: - 17:15 – 19:00; MAG 4 (LEG): 21:45 (segunda a sexta) / 21:45 (sábado e domingo). MAG 1: 19:00. (sábado e domingo). MANAÍRA 5 (LEG): 16:00 – 18:20 – 20:30; MANAÍRA 5 (DUB): 13:30. MANGABEIRA 4 (DUB): 15:30 – 18:00 – 20:30.

**MIDSOMMAR - O MAL NÃO ESPERA A NOITE** (EUA): Dani e Christian formam um jovem casal americano com um relacionamento prestes a desmoronar. Mas depois que uma tragédia familiar os mantém juntos, Dani, que está de luto, convida-se para se juntar a Christian e seus amigos em uma viagem para um festival de verão único em uma remota vila sueca. O que começa como férias despreocupadas de verão em uma terra de luz eterna toma um rumo sinistro quando os moradores do vilarejo convidam o grupo a participar de festividades que tornam o paraíso pastoral cada vez mais preocupante e visceralmente perturbador. Da mente visionária de Ari Aster surge um conto de fadas cinematográfico encharcado de pavor onde um mundo de escuridão se desdobra em plena luz do dia. MANAÍRA 3 (LEG): 17:00 – 20:15 (segunda a sexta) / 13:45 – 17:00 – 20:15 (sábado e domingo).

**IT - CAPÍTULO 2** (EUA): Uma promessa feita há vinte e sete anos chama 7 adultos para se reunirem em Derry, Maine, onde, enquanto adolescentes, lutaram contra uma criatura maligna que atacava as crianças da cidade. Não tendo a certeza de que seu Clube de Perdidos havia vencido a criatura todos aqueles anos atrás, os sete haviam jurado retornar a Derry se o Pennywise reaparecesse. MAG 3 (DUB): 17:00; MAG 3 (LEG): 20:30. MANAÍRA 10 (VIP LEG): 16:30 – 20:00 (segunda a sexta) / 13:00 – 16:30 – 20:00 (sábado e domingo); MANAÍRA 2 (LEG): 18:00 – 21:40 (segunda a sexta) / 18:10 – 21:30 (sábado e domingo); MANAÍRA 7 (DUB): 15:00 – 18:30 – 22:00 (segunda a sexta) / 12:00 – 15:30 – 19:00 – 22:30 (sábado e domingo); MANAÍRA 7 (DUB): 15:00 – 18:30 – 22:00; MANAÍRA 9 (MACRO

XE LEG): 14:00 – 17:30 – 21:00. MANGABEIRA 1 (DUB): 15:00 – 18:30 – 22:00; MANGABEIRA 2 (DUB): 20:00; MANGABEIRA 5 (DUB): 17:30 – 21:00.

**BACURAU** (BRA): Num futuro recente, Bacurau, um povoado do sertão de Pernambuco, some misteriosamente do mapa. Quando uma série de assassinatos inexplicáveis começam a acontecer, os moradores da cidade tentam reagir. Mas como se defender de um inimigo desconhecido e implacável? MAG 2: 18:00. MAG 2 (LEG): 20:45. MANAÍRA 2: 15:45 – 18:45 – 21:45.

**VAI QUE COLA 2** – O Começo (BRA): Antes de Dona Jô ter uma pensão. Antes de Jéssica conhecer Máicol. Assim que Ferdinando desembarcou ao Rio e quando Terezinha ainda vivia com Tiziu... era uma vez “Vai Que Cola 2 – O Começo”. O novo longa da franquia que nasceu como série no Multishow e ganhou as telas dos cinemas reúne toda a turma do Méier para contar como tudo começou. Uma feijoada no Morro do Cerol põe juntos pela primeira vez os personagens que conquistaram o público na TV e no cinema. MAG 1: 21:00. MANAÍRA 6: 14:00 – 16:50 – 19:00 – 21:15 (segunda a sexta) / 14:30 – 16:45 – 19:00 – 21:15 (sábado e domingo). MANGABEIRA 3: 14:45 – 17:00 – 19:15 – 21:30.

**YESTERDAY** (UK): Após sofrer um acidente, um cantor-compositor lembra numa estranha realidade, onde ele é a única pessoa que lembra dos Beatles. Com as músicas de seus ídolos, o protagonista se torna um sucesso gigante, mas a fama tem seu preço. MANAÍRA 8 (LEG): 17:10 – 22:10 (segunda a sexta) / 17:00 – 22:10 (sábado e domingo).

**NADA A PERDER 2** (BRA): Nada a Perder 2 é o segundo e último filme baseado na série de livros escrita pelo jornalista Douglas Tavolaro sobre a vida de Edir Macedo. Enquanto o primeiro mostrava a busca espiritual de Macedo, desde a infância, até o surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus, essa continuação foca no crescimento da Universal pelo mundo e principalmente, nos casos mais polêmicos envolvendo denúncias e ataques ao bispo e à igreja que ele ajudou a fundar. MAG 1: 16:25 – 18:45 (sexta); MAG 4: 14:00 – 16:25 – 18:45 (sábado e domingo).

**CORGI - TOP DOG** (EUA): A Rainha Elizabeth é apaixonada por cães da raça Corgi e, dentre os que vivem no Palácio, Rex (João Guilherme) é o seu queridinho. Acostumado com as mordomias da realeza, tudo muda quando ele cai na armadilha de um outro cachorro que quer tomar o seu lugar. Preso no canil da cidade, ele agora vai precisar de toda a ajuda que conseguir para voltar ao Palácio e retomar seu lugar como o favorito da Rainha. MANAÍRA 2 (DUB): 15:30; MANAÍRA 2 (DUB): 13:15 - 15:30.

**JORNADA DA VIDA** (FRA, SEN): Um ator francês de descendência senegalesa faz uma viagem à África para promover o seu livro. No local, descobre que um de seus maiores fãs é Yao, um garotinho que efetuou uma longa viagem sozinho para vê-lo. Comovido com a história do menino, decide acompanhá-lo de volta à sua casa, e no percurso, confronta-se às suas próprias raízes. MANAÍRA 8 (LEG): 14:45 – 19:40 (segunda a sexta) / 14:45 – 19:30 (sábado e domingo). Depois do Casamento (EUA): A gerente de um orfanato em Calcutá, na Índia, luta para manter o estabelecimento funcionando. Desesperada por dinheiro, ela acredita ter encontrado a benfeitora perfeita (Julianne Moore), dona de empresa multimilionária. Porém, para receber o dinheiro, ela precisa viajar até Nova York e conhecer a mulher por trás da riqueza, em meio a uma pomposa celebração matrimonial. Chegando ao local, a gerente não consegue disfarçar os segredos que a unem ao marido da empresária. MANAÍRA 11 (VIP LEG): 15:15 – 18:00 – 20:45.

**DIVALDO - O MENSAGEIRO DA PAZ** (BRA): O filme “Divaldo – O Mensageiro da Paz” conta a história do líder humanitário brasileiro Divaldo Franco, desde sua infância no interior da Bahia até sua consagração como filantropo, fundador da Mansão do Caminho e orador em prol da divulgação da doutrina espírita no Brasil e no mundo. MAG 2: 15:30. MANAÍRA 3: 16:40 – 19:10 (segunda a sexta). MANAÍRA 1: 19:10 (sábado e domingo). MANGABEIRA 2: 14:30 – 17:15.

**O REI LEÃO** (EUA): O Rei Leão, da Disney, dirigido por Jon Favreau, retrata uma jornada pela savana africana, onde nasce o futuro rei da Pedra do Reino, que precisa vencer a traição e a adversidade para assumir o lugar que é seu por direito. MAG 3 (DUB): 14:30.

## Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Partage Shopping [3337-6000] • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Edinaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]



Disco tem participações especiais de músicos consagrados, como Chico César, Elba Ramalho e Ney Matogrosso

# Renata Arruda lança "Nordeste In Natura"

Novo álbum da cantora já está disponível nas principais plataformas de áudio digital por streaming

Após ter lançado em todas as plataformas de música e também o CD físico, a cantora Renata Arruda lançou na sexta-feira, 20 de setembro, o novo DVD "Nordeste In Natura" em formato digital. Nordeste In Natura é seu nono álbum autoral.

Renata gravou este novo trabalho regado a

muitos ritmos dançantes e é referendada, com as participações especiais de mestres do nosso cancioneiro, como Chico César, Elba Ramalho e Ney Matogrosso. Além da participação de artistas atuantes na música da Paraíba, como Meire Lima e da premiada cantadora de coco, Vó Mera.

O disco autoral incorporou em sua linguagem os tambores, as congas, as alfaías, os ganzás e os pandeiros, misturados a bem elaborados toques de eletrônicos e são os "motes" desse novo trabalho de Renata em parceria com a amiga e cordelista Paola Tôrres. O cd e dvd "Nordeste

In Natura" foi patrocinado por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet), apresentando um recorte do Nordeste resgatando o prazer genuíno de cantar e festejar os ritmos e crenças.

As plataformas digitais onde as músicas estarão são: apple music, spotify,

deezer, google play, rádio e napster. O DVD online também estará disponível de forma integral no site da artista: renataarruda.com.br, assim como no canal do YouTube: youtube.com/user/renataarrudaemfoco

## A artista

Cantora, compositora

e poetisa, Renata Arruda, nascida na Paraíba, cantou e foi influenciada ao longo de sua carreira por vários compositores e cantores nordestinos, entre eles, Chico César, Jackson do Pandeiro, Zé Ramalho, Vital Farias, Dominginhos, Luiz Gonzaga, Marinês, Nando Cordel e Lenine, entre outros.

## Câmara Municipal

# Maestros e coreógrafos cobram regulamentação

A regulamentação e valorização da profissão de maestros e coreógrafos de bandas marciais e fanfarras foram os principais assuntos discutidos, na tarde da última quinta-feira (19), durante audiência pública, na Câmara Municipal de João Pessoa (CMJP). No final, ficou acordado entre os participantes a formação de uma comissão para dialogar esses e outros problemas da categoria, junto à Secretaria de Educação e Cultura do Município (Sedec).

A audiência foi aprovada, através de requerimento do vereador Marcos Henriques (PT), no âmbito da Comissão de Políticas Públicas (CPP) da Casa. Na tribuna, o parlamentar petista falou da atenção da secretária de Educação, Edilma Ferreira, com as reivindicações e desejos da categoria. O vereador defendeu a valorização das atividades e funções desenvolvidas pelos maestros, professores de música e coreógrafos de Bandas Marciais e Fanfarras da Cidade.

Segundo Marcos Henriques, seria ideal que esses profissionais tivessem condições de se dedicar apenas na educação dos jovens alunos de bandas marciais, sem precisar buscar outras atividades remunerativas para sobreviver e sustentar



Comissão vai discutir problemas da categoria com a prefeitura

a família. Emocionado, Henriques lembrou, na ocasião, do seu pai, Antônio Inácio (in memoriam), que foi regente, na década de 80, de bandas marciais dos Colégios Afonso Pereira e 7 de Setembro.

"Debater hoje a questão da profissionalização dos maestros e coreógrafos é motivo de muita honra e felicidade para mim, uma vez que meu pai, Antônio Inácio, dedicou boa parte de sua vida como regente e defensor das bandas marciais", lembrou o vereador, cobrando o reconhecimento da profissão de maestros e coreógrafos e sua inserção no organograma funcional da administração pública.

Antes e durante a audiência pública, a Banda Marcial da Escola Municipal Anísio Teixeira, sob a regência do professor Carlos Guerra

e apoio da coreógrafa Silvana Ferreira, se apresentou na frente e na galeria da Câmara.

Além de Marcos Henriques, também debateram o tema o líder do governo na CMJP, vereador Milanez Neto (PTB); o coordenador do Projeto de Bandas, Música e Dança da Sedec, Rômulo da Silva Albuquerque; o maestro de bandas da Rede de Ensino Público Municipal, Flaviano Ricardo; o presidente da Associação Sertaneja de Bandas e Fanfarras, Aramis Lins; o dirigente da Federação das Bandas e Fanfarras da Paraíba, Luiz Antônio; o professor do Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Alexandre Magno; o presidente da Nova Central Sindical, Antônio Erivaldo; bem como outros regentes e alunos de bandas marciais da capital.



## Exercício da profissão em discussão

O professor Flaviano Ricardo considerou a audiência pública uma oportunidade ímpar para que a sociedade pudesse tomar conhecimento da importância da atividade de um maestro e de um coreógrafo dentro de uma banda marcial ou fanfarra musical.

O professor Aramis Lins ressaltou que o maestro e o coreógrafo educam jovens para vencer na vida, com dignidade, sabedoria e conhecimento. "Esses profissionais são mais do que professores de música e dança. São instrumentos de cidadania que, muitas vezes, atuam como psicólogos e orientadores, tirando jovens da criminalidade e resgatando vidas, através da cultura e educação", completou Aramis.

O musicista e professor Luiz Antônio entende que os gestores e classe política precisam ter uma visão maior e melhor sobre o impacto social positivo que o trabalho dos maestros, regentes e coreógrafos causa na juventude. De acordo com Luiz, as bandas e fanfarras são instrumentos essenciais de inclusão social de homens e mulheres, tendo a música como pilar de sustentação.

O coordenador do Projeto de Bandas, Música e Dança da Sedec, Rômulo Albuquerque, destacou como ação importante da Prefeitura de João Pessoa a fim de melhorar o aprendizado musical dos alunos o projeto 'Educar a Criança através da Música'. Rômulo revelou que

esse projeto já transformou a vida de muitos alunos, como é o caso de Hermeson Lucas, que foi aluno de banda e hoje é professor do curso de Licenciatura em Música na UFPB.

Rômulo Albuquerque admitiu que estava muito orgulhoso em saber que as bandas marciais e fanfarras do município são instrumentos de cidadania que, muitas vezes, atuam como psicólogos e orientadores, tirando jovens da criminalidade e resgatando vidas, através da cultura e educação", completou Aramis.

## Líder do governo

O líder do governo na CMJP, Milanez Neto, considerou, em seu pronunciamento na tribuna, que a luta dos que fazem as bandas marciais e fanfarras do município é justa e necessária. Milanez confidenciou seu orgulho ao ouvir o depoimento de vários alunos da Banda Anísio Teixeira, reverenciando a participação dos maestros e professores na formação e educação de cada um deles. "Através da música, o jovem pode vencer sim. Com isso, eu vejo que a Prefeitura está no caminho certo", comemorou.

No final da audiência, o vereador Marcos Henriques apresentou a proposta de composição de uma comissão, representada por três maestros, dirigentes de entidades e integrantes da CMJP para dialogar com a gestão municipal.



# Embates marcam a origem da Constituição da Paraíba

Presidente da Constituinte de 89, João Fernandes da Silva, lembra que ALPB trabalhou com computadores de funcionários

**Ademilson José**  
ademilson2019jose@gmail.com

A Constituição da Paraíba está completando 30 anos e, nessa segunda matéria da série que comemora o aniversário, o presidente da Constituinte de 1989, João Fernandes da Silva, lembra a proibição dos espigões na orla marítima e a criação do Conselho de Justiça como dois dos temas que mais geraram polêmica durante os debates.

E, para não ficar sem voltar aos bastidores do momento, ele também fala das dificuldades enfrentadas pela Mesa da Assembleia para confecção e promulgação do principal documento do Estado, trazendo à baila detalhes no mínimo inusitados.

“É claro que, em termos de tecnologia, vivíamos um momento muito diferente e, confesso que para finalização do documento, precisamos contar com computadores de alguns funcionários”, diz ele sorrindo, mas ao mesmo tempo fazendo questão de salientar que saiu da tarefa com a certeza do dever

cumprido e de que tudo o que podia se fazer realmente foi feito.

João Fernandes aproveita para relacionar a proposta de mudança do nome da capital como outro tema muito debatido, que inclusive chegou a ser motivo de aprovação de um plebiscito. Mas, como liderava um grupo de parlamentares em conflito com o então governador Tarcísio Burity, não deixa aqui de justificar as razões que o levaram a manter duas cadeiras vazias (a de Burity e a do presidente do TJ) na solenidade de promulgação da Constituição em 5 de outubro de 1989.

**A proposta de mudança do nome da capital foi outro tema muito debatido, que inclusive chegou a ser motivo de aprovação de um plebiscito**



João Fernandes lembra a proibição dos espigões na orla e a criação do Conselho de Justiça como dois dos temas que mais geraram polêmica durante os debates

## A entrevista

**- Como se iniciou o processo Constituinte da Paraíba?**

- O processo Constituinte Estadual ocorreu naturalmente, iniciando-se com a Constituição de uma Comissão Pró-Constituinte, presidida por mim. Tivemos o cuidado não somente de promover ou sugerir algumas sessões especiais com autoridades locais e especialmente lideranças nacionais, deputados, senadores constituintes e líderes partidários representativos do pensamento ideológico brasileiro; e também acompanhamos os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte pelos meios de comunicação, mas, sobretudo participando das atividades abertas do Congresso Constituinte do Brasil. Por outro lado, providenciamos a elaboração de proposta de regimento interno da Assembleia Estadual Constituinte. Com isso, chegamos ao início da sessão legislativa de 1989 preparados para fazer funcionar a Assembleia e a Constituinte. Por acaso ou por diligente trabalho, conseguimos ser eleito presidente da Assembleia Legislativa e, em consequência, da Assembleia Estadual Constituinte.

**- Quais os conflitos observados durante o processo de elaboração da Constituição?**

Como era natural e inevitável, muitos haviam de ser os conflitos. Tínhamos duas correntes atuando na Constituinte, uma quase sempre majoritária, a oposição, ideologicamente eclética e uma governista, também, difusa, mais à direita e liberal. Isso tudo não nos



**“Chegamos ao início da sessão legislativa de 1989 preparados para fazer funcionar a Assembleia e Constituinte”**

acentuadamente ideológica, prevalecia apenas as crenças e atitudes relativas.

**- Foi difícil administrar os conflitos?**

- Não. O ambiente de trabalho era mais de cordialidade com reduzido ou poucos conflitos.

**- Quem presidiu as Comissões Temáticas e quais foram as instaladas?**

**- Quem dirigiu a Comissão de Sistematização e por que a redação final foi transferida para a Mesa da Constituinte?**

- A Comissão de Sistematização foi presidida pelo deputado Fernando Milanez, mas, em razão das dificuldades operacionais e ouvido o plenário, resolvemos transferir para a Mesa da Constituinte a responsabilidade pela redação final da Constituição.

**- Quais as decisões mais polêmi-**

impidiu de formarmos as comissões, observando a participação proporcional dos partidos e obviamente das tendências político-partidárias. Ademais, era nosso objetivo promover sempre que possível o entendimento, afinal de contas estávamos a elaborar uma Constituição para todos os paraibanos. Por isso, não podíamos ter posições sectárias ou partidárias.

**- Havia grupos ideológicos atuando na Constituinte?**

- Não. Existia uma questão, uma luta

**cas nas comissões e no plenário?**

- Quando estávamos escrevendo as competências dos poderes, foi a composição do Tribunal de Justiça, aumento do número de desembargadores para 21, bem como os requisitos para inscrição em concursos de juiz, 21, 25 ou 40 anos, prevalecendo 25 anos. Outras questões foram a construção de espigões na orla marítima, criação do Conselho Estadual de Justiça, plebiscito para criação de municípios e para mudança do nome da capital da Paraíba, concessão de porte de armas para procuradores, entre outras. Para os constituintes, o fundamental era elaborar a Constituição com base nos princípios, normas e regras estabelecidos na Constituição Federal e quando possível tratar de forma atualizada das questões de interesses particulares da Paraíba.

**- O que foi mais difícil: controlar a oposição ou conter os governistas?**

As duas coisas. Cada uma queria emplacar suas ideias e seus interesses, ora públicos, ora particulares. Quase sempre levantavam as vozes, os opositores criticando o governo e os situacionistas defendendo. Mas tudo isso faz parte da cultura político-parlamentar brasileira. A oposição obstrui e a governista defende. E assim continua a humanidade.

**- Como eram as condições de trabalho?**

- Precárias. A Assembleia não dispunha dos recursos de informática e da informatização de hoje, claro. Para se ter uma ideia, todos os impressos eram produzidos em mimeógrafo a óleo. O único hardware era um terminal do sistema da Codata que funcio-

nava com cartão perfurado. No entanto, contamos com colaboração dos servidores Humberto e Irapuan Sobral, que disponibilizaram seus computadores pessoais para edição e consolidação das decisões da Constituinte.

**- Até por conta dessas dificuldades, o senhor já nos falou antes sobre a importância de muitas pessoas, até servidores mesmo, naquele trabalho...**

- Pois é, primeiramente contamos como decidido apoio dos servidores da Mesa, iniciando-se com as professoras Noêmia e Ângela Bezerra. O jurista Jose Fernandes de Andrade; economista Edvaldo Texeira; os procuradores Yanco Cirylo e Laplace; os assessores Irapuan Sobral, Aurélio Aquino, Orlando Bomfim, Paulinho, Mota, Jerônimo que hoje ainda estão aí assessorando em plenário e entidades da sociedade civil e do Estado que muito contribuíram nas discussões e esclarecimentos temáticos.

**- Quais foram as, digamos assim, propostas inovadoras da Constituinte?**

- Acho que a criação do Conselho Estadual de Justiça; os capítulos da Proteção ao Meio Ambiente, art. 227; Da Ciência e Tecnologia, art. 223; a primeira lista tríplice para escolha de procurador-geral de Justiça, art. 19 do ADCT; incumbência para o Executivo implantar o Conselho Estadual do Meio Ambiente”, art. 74; criação do Conselho Estadual dos Direitos do Homem e do Cidadão”; Conselho Estadual de Desenvolvimento Turístico; o Fundo Estadual de Saúde; autorização para o TRE rea-

lizar consulta plebiscitária, a fim de saber do povo de João Pessoa qual o nome de sua preferência para a cidade; estabelecimento de 500 metros para a zona costeira como patrimônio ambiental, cabendo ao órgão estadual de proteção do meio ambiente sua defesa e preservação, na forma da lei; e, entre tantas outras decisões, a proibição de construção dos chamados “espigões” na orla marítima

**- Como repórter do Jornal Correio, eu estava presente na solenidade de promulgação e lembro que eles se ausentaram, mas o senhor fez questão de chamar várias vezes à Mesa o então governador Tarcísio Burity e o então presidente do Tribunal de Justiça, o desembargador Josias Pereira do Nascimento. Por quê?**

- Simplesmente pela importância e grandeza do fato histórico. Substituir um ordenamento jurídico mesmo de Estado autônomo não é apenas um evento social, mas sobretudo pedagógico, cultural, político, econômico e administrativo. Os conflitos ou as divergências se resolvem pela atuação do Poder competente. A presença dos honrados representantes dos Poderes Executivo e Judiciário, dos cidadãos Tarcísio de Miranda Burity e Josias Pereira do Nascimento consagra o respeito à soberania popular e ao princípio da independência e harmonia, aquela pelo sufrágio eleitoral dos deputados paraibanos e este pelo Estado Democrático de Direito, instituído pela Constituição Cidadã do Brasil de 1988.



**“Substituir um ordenamento jurídico mesmo de Estado autônomo não é apenas um evento social, mas sobretudo pedagógico cultural”**

# Sem verbas, implantação da base curricular atrasa

Até agora, o governo Bolsonaro não repassou os R\$ 105 milhões previstos para implementação do programa

Paulo Saldaña  
FolhaPress

## Entenda o programa

Foto: FolhaPress

O governo Jair Bolsonaro (PSL) não fez até agora repasses de R\$ 105 milhões previstos neste ano para a implementação da Base Nacional Comum Curricular, que define o que os alunos da Educação Básica devem aprender. A decisão atrasa o cronograma de construção de currículos estaduais e trava a concretização da reforma do Ensino Médio.

O MEC (Ministério da Educação) anunciou em 4 de abril a continuidade do programa de apoio a estados e municípios para implantar a base.

Essa foi a primeira agenda positiva tocada pelo MEC no ano – a pasta fora consumida até aquele momento por polêmicas e disputas internas.

Passados mais de cinco meses, os estados aguardam os repasses para viabilizar um processo que envolve a atuação de professores especialistas para, por exemplo, redigir textos de várias áreas de conhecimento. Recursos para eventos formativos e viagens também estão parados.

O contingenciamento afeta sobretudo o processo no Ensino Médio, cujos currículos precisam passar por profunda transformação após a aprovação, em 2017, da reforma que flexibilizou a grade.

A base foi finalizada em 2018 após longo e turbulento processo. A inexistência de diretrizes claras sobre o que se deve aprender a cada etapa escolar é citada por especialistas como um dos entraves ao desenvolvimento educacional.

Mas o documento é o passo inicial: a partir da base as redes escolares precisam criar seus próprios currículos, contemplando realidades regionais, diálogo com educadores e estratégias de ensino. São os currículos, portanto, que vão de fato afetar o trabalho dos professores na sala de aula.

Para garantir condições técnicas e materiais na elaboração, coube ao Governo Federal fornecer apoio a estados e municípios no processo. A gestão Michel Temer (MDB) lançou no ano passado, com esse intuito, o programa ProBNCC – cuja continuidade havia sido anunciada em abril e cujos repasses seguem travados.

Os estados aguardam os repasses para viabilizar um processo que envolve a atuação de professores especialistas para, por exemplo, redigir textos de várias áreas de conhecimento

2018 R\$ 130 milhões

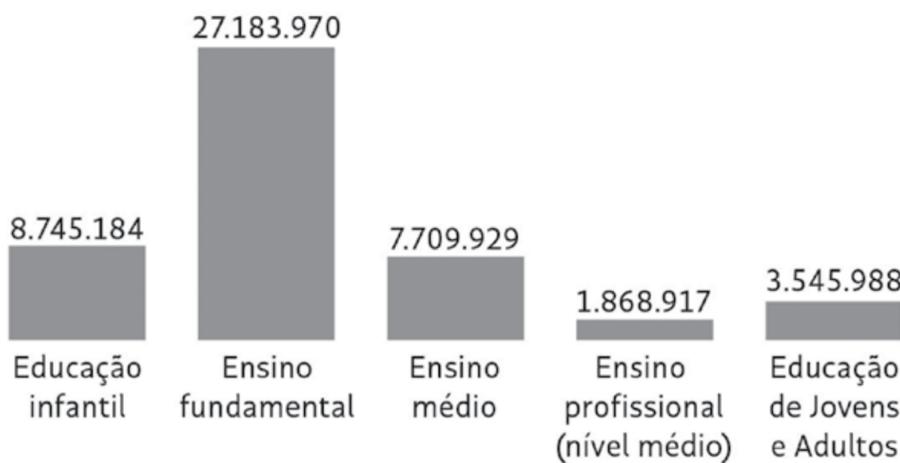
foi o investimento federal no ProBNCC no ano passado, que envolveu a redação dos currículos que vão da educação infantil ao ensino fundamental. Cerca de 600 profissionais estiveram envolvidos

2019 R\$ 105 milhões

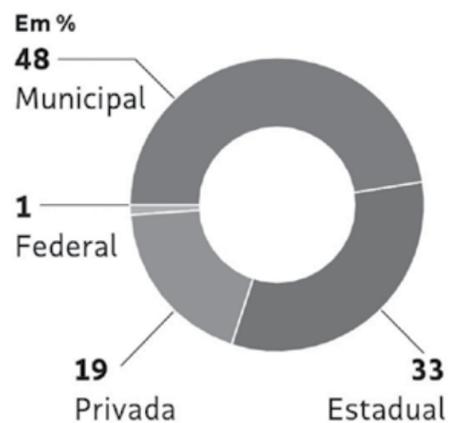
foi o valor total previsto para o ProBNCC neste ano pelo governo Bolsonaro. Esse valor inclui uma segunda fase de implementação na educação infantil e ensino fundamental (como formação de professores) e a redação dos currículos do ensino médio. O trabalho deve envolver 1.457 profissionais com bolsas

O governo Bolsonaro não realizou nenhum repasse no ano. Até agora, o MEC diz ter empenhado R\$ 6,7 milhões para ações do ProBNCC, o que não garante o repasse dos valores

### Matrículas da educação básica



### Por rede



## MEC alega que aguarda publicação de portaria

Foto: Valter Campanato/Agência Brasil

Dos R\$ 105 milhões previstos para este ano, R\$ 58 milhões estavam empenhados desde 2018. Outros R\$ 30 milhões foram incrementados em abril, além de R\$ 17 milhões que seriam destinados a bolsas de especialistas.

Questionado, o MEC diz que empenhou R\$ 6,7 milhões para ações do programa. O atraso na publicação de uma portaria do governo tem segurado os repasses, diz a pasta.

O governo Bolsonaro tem sustentado que a Educação Básica é prioridade. Em julho, a Folha de S.Paulo revelou que o MEC esvaziou ações como apoio à educação integral, construção de creches e alfabetização.

O MEC sofre um bloqueio de orçamento de cerca de R\$ 6 bilhões. O ministro da Educação, Abraham Weintraub, afirma que parte dos valores deve ser liberada neste mês.

De acordo com o MEC, equipes estaduais (53 profissionais) estão com os pagamentos em dia. Eles são os primeiros a receber formação sobre a base, mas o plano federal prevê 1.457 bolsas de formação para multiplicadores.

“A construção dos currículos não é uma mudança trivial”, diz Alice Ribeiro, do Movimento Pela Base, iniciativa que reúne especialistas e entidades liderada pela Fundação Lemann. “A base traz competências gerais, especificidades de dezenas de habi-



O ministro Weintraub afirmou que parte dos valores deve ser liberado neste mês

lidades complexas e diferentes a cada etapa. Por isso o apoio técnico e financeiro é essencial.”

A base nacional foi fatiada pelo governo passado: a parte relacionada à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental foi aprovada em 2017. Já o bloco do Ensino Médio foi finalizado em dezembro de 2018.

Isso se reflete na implementação. Todos os estados estão com os textos prontos até o fundamental – em 2018, 600 profissionais participaram do processo de escrita e consultas, e o Governo Federal investiu R\$ 130 milhões.

A meta do governo atual é garantir neste ano que 85% dos professores passem por um curso de 30 horas e que ao

menos 70% das escolas passem por revisão de projetos pedagógicos. Secretários e especialistas avaliam que os trabalhos não pararam, mas põem em dúvida as metas. Luiz Miguel Garcia, presidente da Undime (que representa os secretários municipais de Educação), diz que o apoio da União é o que garante que professores e secretarias municipais se envolvam de fato no processo.

“Estamos falando em uma política de Estado em regime de colaboração, de uma implementação que envolve currículos e ações na sequência, como a formação docente”, diz.

Já os currículos de Ensino Médio estão em fase de redação. O processo é mais longo

porque a reforma prevê que parte da grade horária deva ser comum a todos os alunos. O restante será escolhido pelos estudantes entre áreas chamadas de itinerários formativos: linguagens, matemática, ciências humanas, ciências da natureza e ensino técnico.

A base não trouxe referências a esses conteúdos, que devem ser definidos agora.

A elaboração dos textos dos itinerários deveria se encerrar neste mês e, desde agosto, os estados deveriam abrir consultas públicas sobre o documento. Mesmo sem apoio federal, algumas redes avançam – caso do Ceará, que abriu a consulta pública em agosto. Mas isso não é uniforme. O MEC não informa quantos estados aderiram ao ProBNCC para o Ensino Médio. O Consed (que reúne secretários estaduais de Educação) tampouco. O órgão declarou que recebeu do MEC o compromisso de que a pasta trabalha para solucionar os pagamentos.

O governo ressalta que organizou dois encontros formativos com equipes estaduais e mantém contato frequente com elas. A expectativa é que todos os estados tenham aderido à base até o próximo ano.

Na semana passada, foi lançado edital para que as editoras atualizem os livros didáticos até o 9º ano à luz da base nacional. As obras deverão chegar às escolas em 2020.

# Fronteira entre Líbano e Israel revive rotina de grande tensão

Comunidade internacional observa atentamente a região, onde poderá acontecer em breve um novo conflito

**Karen Marón**  
Da Folhapress

Calma. Silêncio. Centenas de olhos ocultos que, com a tecnologia mais avançada, espreitam do outro lado da linha divisória. Nenhum movimento se divisa atrás da fronteira quase invisível, delimitada por uma estrada de terra entre Líbano e Israel – um limite frágil entre os povoados de Maroun Al Ras e Avivim, que pode desencadear um novo confronto.

O mundo observa esta região atentamente desde que, no último dia 1º, o grupo radical libanês Hizbullah destruiu um dos mais emblemáticos veículos blindados israelenses, o Hatehof Wolf, resistente a minas e explosivos e com capacidade para transportar 12 pessoas com seus equipamentos militares.

A ação deixou feridos entre os militares do comboio e matou um alto comandante israelense.

O ataque foi lançado em resposta a uma ofensiva em que Israel matou dois combatentes do Hizbullah na Síria e violou o espaço aéreo libanês com aviões não tripulados.

A ONU denunciou e condenou as ações israelenses e exigiu a “suspensão imediata” desses voos.

Foram registradas 550 violações aéreas, em um total de 2.057 horas de sobrevoo, das quais 481 horas, ou 87% do total, foram cometidas por drones, enquanto o restante envolveu aviões de combate ou outros não identificados.

Do Parque Irã, um espaço de recreação construído sobre a colina da aldeia libanesa de Maroun Al Ras, vê-se com clareza cada detalhe da fronteira e do assentamento israelense, ou moshav, de Avivim.

Pode-se notar, por exemplo, uma faixa de terra queimada com o letal fósforo branco utilizado por Israel no conflito de 2006 entre os dois países – arma cujo uso contra alvos militares não é proibido por nenhum tratado internacional, mas permitido só para áreas onde não haja civis.

Avivim está situada no extremo norte de Israel, na Alta Galileia, a menos de um quilômetro da Linha Azul, demarcada pela ONU em 2000 e que serve de fronteira não oficial depois que Israel retirou em definitivo suas tropas de solo libanês e pôs fim a 18 anos de ocupação.

O povoado foi construído sobre a aldeia xiita de Saliha, localidade pa-



Foto: Joel Silva/Folhapress

Sistema de defesa de mísseis das Forças de Defesa israelense, conhecido como Domo de Ferro, está posicionado próximo à cidade de Safed, na fronteira entre Israel e Líbano

lestina palco de um massacre durante a Guerra Árabe-Israelense de 1948 – todos os moradores originais foram expulsos.

As ruas que atravessam as montanhas e os pequenos povoados do lado libanês se dividem em duas cores: o verde das bandeiras do Movimento Amal (Esperança) e o rosto de seu líder, Nabih Berri, presidente do Parlamento libanês desde

1982; e a característica cor amarela dos estandartes do Hizbullah, com o rosto de seu líder, Hassan Nasrallah, e as imagens gigantes dos jovens e adultos vistos como mártires das guerras travadas contra Israel desde a criação da organização, em 1985.

A atual cerca de arame que separa os países está sendo substituída por um muro de cimento, constituindo outro ponto de atrito.

Os israelenses a chamam de barreira, não de muro. Isso porque a estrutura pode assumir a forma de cerca eletrônica com tecnologia muito avançada em alguns trechos, como a que Israel já ergueu desde 2003 em Jerusalém Oriental e na Cisjordânia ou a que levantou em sua fronteira sul com o Sinai.

Os israelenses a chamam de barreira, não de muro. Isso porque a estrutura pode assumir a forma de cerca eletrônica com tecnologia muito avançada em alguns trechos, como a que Israel já ergueu desde 2003 em Jerusalém Oriental e na Cisjordânia ou a que levantou em sua fronteira sul com o Sinai.



## + Novo muro é criticado

O novo muro ainda inacabado foi criticado pelas autoridades de Beirute, para as quais a Linha Azul não acompanha exatamente o traçado da fronteira, tanto que haveria zonas libanesas que teriam ficado do lado israelense. A barreira motivou ações regionais e internacionais para evitar sua construção.

Estrategicamente localizado no alto de colinas elevadas, com vinhedos e terras cultivadas, Maroun Al Ras, 120 quilômetros a sudeste de Beirute, é determinante em um eventual confronto bélico, pelo fato de se situar a 911 metros de altitude, mais alto que as cidades em volta.

Foi no povoado que, em 2006, testemunhou-se um grande enfrentamento entre o Exército israelense e os combatentes do Hizbullah durante a guerra de 2006, no que ficaria sendo conhecido como a batalha de Maroun Al Ras.

Hoje, aguarda-se com grande expectativa o que vai acontecer a seguir.

“Por termos um vizinho tão agressivo, precisamos estar preparados para qualquer violação das resoluções das Nações Unidas”, diz o engenheiro Adenan Alawei, 50, presidente do município que agrupa quatro vilarejos com população de 15 mil pessoas, de onde partiram centenas de migrantes para países como Alemanha, Austrália e Canadá.

“Os veículos atravessam a fronteira sem levar em conta a Força Interina das Nações Unidas no Líbano (Unifil) ou o Exército libanês, afirma Alawei, que nasceu nesta área.

Os pais dele vieram para cá da capital libanesa cinco décadas atrás, quando teve início o processo de expulsão e deslocamento forçado dos habitantes da região por forças israelenses.

Diretor técnico de uma importante empresa de elevadores, Alawei diz que, quando atacam o município, a população civil não dispõe de bunkers para se refugiar e corre para Beirute ou ainda para outras regiões. “Mas isso não aconteceu desta vez porque as pessoas estavam tranquilas quando o Hizbullah disse que responderia à nova agressão israelense.”

“Estamos em tempo de espera”, diz ele, com a serenidade adquirida pela experiência dos anos de conflito. “Eles [os israelenses] desapareceram do quartel militar e do povoado. Só nos próximos dias é que vão dar uma resposta.” E, de fato, apenas os próximos dias trarão a resposta.

# Após cinco anos, México decide investigar tragédia “do zero”

Desaparecimento de 43 estudantes continua sem solução. Polícia, políticos e narcotraficantes estão envolvidos

Na próxima quinta-feira (26) completam cinco anos de uma das maiores tragédias do México, aquela que ficou conhecida internacionalmente como a tragédia de Ayotzinapa.

Na noite de 26 de setembro de 2014, 43 estudantes que viajavam de ônibus desapareceram. Desde então, familiares lutam para que as investigações prossigam e apontem o que realmente aconteceu aos jovens.

## Quem eram

Todos eram rapazes, a maioria entre 18 e 21 anos, alunos da escola rural Raúl Isidro Burgos, de Ayotzinapa, cidade a cerca de 125 km de Iguala. Os jovens estudavam para serem professores nessa região rural mexicana.

Os jovens haviam viajado para a cidade de Iguala, em 26 de setembro, a fim de arrecadar fundos para sua escola. O grupo usou vários ônibus, tomados à força, prática comum em suas mobilizações.

Naquela noite, Iguala foi palco de violentos confrontos entre cerca de cem estudantes e a polícia. Seis pessoas morreram, 25 ficaram feridas e os 43 estudantes desapareceram após os conflitos.

Segundo relatos divulgados pela imprensa internacional, os estudantes foram vistos sendo conduzidos à força para o interior de carros da polícia e, depois, levados para destino desconhecido. Segundo as autoridades, policiais municipais abriram fogo contra os estudantes e os entregaram ao cartel “Guerreros Unidos”.

Três membros do cartel admitiram que os estudantes foram assassinados e os corpos, queimados. De acordo com a investigação, o líder do grupo, Sidronio Casarrubias, ordenou o desaparecimento dos jovens por acreditar que eram membros dos “Los Rojos”, um grupo criminoso rival.

As autoridades mexicanas acreditam que o prefeito de Iguala, José Luis Abarca



Foto: Fabio Braga/Folhapress

Em 2015, familiares dos desaparecidos estiveram no Brasil. A luta deles virou uma causa internacional

Velázquez, e sua esposa, María de los Ángeles Pineda Villa, foram os prováveis autores intelectuais do sequestro. Ambos se tornaram fugitivos após o incidente, juntamente com o chefe de polícia da cidade, Felipe Flores Velásquez. O casal foi preso cerca de um mês mais tarde, na Cidade do México. O

sequestro em massa dos alunos rapidamente se tornou o maior escândalo político e de segurança pública que o presidente mexicano, Enrique Peña Nieto, havia enfrentado em sua administração.

## Suspeitos libertados

Na semana passada, uma

decisão judicial tornou a comover o país e a afligir os familiares dos 43 estudantes desaparecidos. Foram libertados 24 suspeitos de envolvimento no crime, ante a justificativa de que eles haviam sido submetidos a tortura enquanto estavam sob custódia. O número soma-se a 53

outros suspeitos que já tiveram liberdade concedida pelo mesmo juiz, somando um total de 77 pessoas em liberdade.

O novo procurador especial Omar Gómez prometeu, no entanto, na última quinta-feira, que o governo mexicano começará do zero a investigação sobre o desaparecimento e suposto massacre dos 43 estudantes.

Ele disse que as autoridades investigarão “uma longa lista de políticos que têm diferentes graus de responsabilidade” no ocorrido.

A reabertura do caso acontece cerca de 15 dias após a Justiça mexicana absolver um dos principais suspeitos de participar do sequestro e desaparecimento dos jovens, Gildardo López Astudillo, descartando dois terços das provas apresentadas pelo Ministério Público por considerar que foram coletadas ilegalmente. Com sua libertação, os suspeitos que recuperaram a liberdade chegam a 77, dos 142 detidos.

Viajar é bom. Melhor ainda no Galaxy, o Double Decker da Guanabara.

SGPROPAG



JUAZEIRO DO NORTE - CRATO - CAJAZEIRAS - SOUSA - PATOS

SAC 0800.728.1992

GUANABARA

## Aedes aegypti

Amido de milho foi a base usada por pesquisadores para o desenvolvimento de partículas capazes de armazenar e liberar compostos letais para larvas do mosquito *Aedes aegypti*. [Página 19](#)



Foto: Pixabay

# 110 anos de fundação do IFPB serão comemorados amanhã

Evento acontecerá na sede da Reitoria, às 17h, e contará com música, lançamento de livros e homenagens

**Laura Luna**  
lauraragao@gmail.com

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFPB) se prepara para comemorar 110 anos. O evento acontece amanhã (23), às 17h, na sede de Reitoria localizada no edifício Coriolano de Medeiros, Avenida João da Mata, nº 256, no bairro de Jaguaribe. Música, lançamento de livros e homenagens farão parte da comemoração que se encerrará com um coquetel. Entre os homenageados está a jornalista Naná Garcez, presidente da Empresa Paraibana de Comunicação, responsável pelo Jornal A União e Rádio Tabajara, considerados parceiros do IFPB.

O reitor da instituição no Estado, Nicácio Lopes, se prepara para celebrar os 110 anos, acreditando que mesmo em meio a dificuldade econômica enfrentada pelo país, é imprescindível que se comemore a data. "Vamos celebrar a educação qualificada no Brasil e o fato de seguirmos sem interromper nenhuma ação estratégica, estamos mantendo o padrão de qualidade e ampliando o nosso leque de ações". Nicácio Lopes - que ingressou no IFPB como técnico administrativo no ano de 1992, onde depois passou a lecionar a disciplina Língua Portuguesa e Literatura Brasileira - parabenizou a instituição. "Aproveite esse espaço para pontuar o quanto o país tem a celebrar através desse patrimônio. São 110 anos de muita tradição e muito compromisso com a dignidade da nossa juventude".

Hoje o instituto possui 21 unidades, distribuídas em 15 campi em todo o Estado. São cerca de 28 mil alunos matriculados em 237 cursos

entre técnicos, de graduação e pós-graduação e cerca de 2.500 servidores ativos. Bem diferente de quando tudo começou no início do século passado, em 1909, quando o então presidente da República, Nilo Peçanha, fundou as primeiras Escolas de Aprendizizes Artífices (EAA), consideradas o passo inicial no estabelecimento das bases oficiais do sistema federal de ensino profissional no país.

Na capital paraibana, a escola começou a funcionar no ano seguinte e o grande nome à frente de todo o processo foi Coriolano de Medeiros. De escriturário a diretor, o intelectual e fomentador cultural - também fundador da Academia Paraibana de Letras (APL) - dedicou mais de 30 anos ao instituto tendo até hoje o devido reconhecimento por toda a contribuição prestada.

E o começo não foi fácil. Era preciso ousadia e força de vontade para instituir não só no Estado, mas em todo o país recém-saído da escravidão, o que seria a semente do ensino industrial. O Brasil já vislumbrava a expansão das fábricas do início do século XX e era preciso formar mão de obra qualificada. Marcenaria, sapataria, alfaiataria, encadernação e desenho eram alguns dos cursos oferecidos. Sem sede própria, as aulas aconteciam no porão do Primeiro Batalhão de Polícia Militar, na Praça Pedro Américo, Centro de João Pessoa. No corpo discente apenas alunos de 12 a 14 anos. "Os adolescentes eram alfabetizados e faziam os cursos profissionalizantes com a finalidade de se inserirem no mercado de trabalho", lembra o professor e historiador responsável pelo Núcleo de Documentação e Pesquisa da Educação Profissional (NDPEP), Luciano Candeia.



Fotos: Roberto Guedes/Arquivo

Hoje, o IFPB, que já foi também Escola Industrial Coriolano de Medeiros (foto no detalhe), possui 21 unidades distribuídas em 15 campi em todo o Estado

## + Normalistas foram convidadas a ensinar

O primeiro prédio construído na rua João da Mota, no bairro de Jaguaribe, veio só em 1929 e é onde, ainda hoje, funciona a Reitoria do IFPB. Além da falta de estrutura física, outro ponto que dificultou o processo inicial foi a falta de professores e em uma época onde as mulheres estavam longe do mercado de trabalho, as normalistas - alunas do curso Normal, uma espécie de primeiro magistério - foram convidadas a ensinar o que haviam aprendido na formação.

"Foi um espaço importante para as mulheres que passaram a lecionar e coordenar alguns cursos. Mas elas só começam a ser aceitas como alunas na década de 60", lembra o professor Luciano Candeia.

Desde a fundação, a Escola de Aprendizizes Artífices acompanhou a evolução do tempo, com todas as mudanças sociais que esses 110 anos proporcionaram. Liceu Industrial, Escola Industrial, Escola Industrial Coriolano de Medeiros, Escola Industrial Federal da Paraíba,

Escola Técnica Federal da Paraíba, Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba (Cefet- PB) e em 2008 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Uma trajetória que está sendo comemorada por alunos, professores, servidores e por toda a comunidade que se beneficia do conhecimento oferecido pelas 21 unidades de ensino espalhadas em todo o Estado.

Continua na Página 18

## Essas coisas

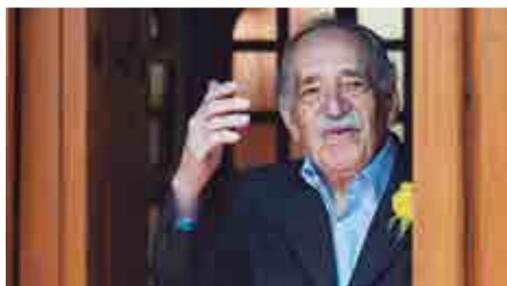
**Carlos Aranha**  
c.aranha@yahoo.com

# O legado de Gabriel García Márquez

"Eu, senhor, me chamo Gabriel García Márquez" (foto). "Sinto muito: eu também não gosto desse nome, porque é uma série de lugares comuns que nunca consegui identificar comigo. Sou escritor por timidez. Minha verdadeira vocação é a de prestidigitador, mas me ofusco tanto tentando fazer um truque que tive que me esconder na literatura. As duas atividades, em todo caso, conduzem à única coisa que me interessou desde pequeno: que meus amigos me achassem o máximo".

Com toda essa simplicidade, o colombiano Gabo - morto na Cidade do México em abril de 2014 - fazia sua autoapresentação na época do lançamento de "Cem anos de solidão", o livro que definitivamente o levaria ao Prêmio Nobel, há 28 anos. Para datar bem essas coisas, "Cem anos de solidão" foi escrito entre 1965 e 1967, na casa no México em que ele voltou a ocupar em 1997 por chorar pela Colômbia. Por não poder ficar no país natal, segundo suas próprias palavras, agora "incômodo, inseguro e intranquilo para escrever".

Entre os livros menos badalados de García Márquez, gosto muito de "Relato de um naufrago". Por isso, a seguir a transcrição de trechos de seu capítulo final, para lem-



brar que Gabo existiu como então não havia muitos fazendo literatura de qualidade entre as veias abertas da América Latina.

"Nunca pensei que um homem se transformasse em herói por ficar dez dias numa balsa, suportando fome e sede. Eu não podia fazer outra coisa. Se a balsa fosse abastecida com água, biscoito, bússola e instrumentos de pesca, certamente estaria tão vivo como hoje. Mas com uma diferença: não teria sido tratado como herói. De maneira que o heroísmo, no meu caso, consiste em não ter me deixado morrer de fome e sede durante dez dias.

"Não fiz nenhum esforço para ser herói. Tudo que fiz foi para me salvar. Mas como a salvação veio envolta numa áureola, premiada com o título de herói como um bômbom com surpresa, não tive outro recurso senão suportar a salvação, como havia chegado, com heroísmo e tudo.

"As pessoas me perguntam como é que um herói se sente. Nunca sei o que responder. De minha parte, sinto o mesmo

que antes. Não mudei nem por dentro nem por fora. As queimaduras do sol deixaram de doer. A ferida do joelho cicatrizou. Sou outra vez Luis Alexandre Velasco. E isso me basta.

"Mudaram as pessoas. Meus amigos são agora mais amigos que antes. E eu imagino que meus inimigos são mais inimigos, ainda que não acredite tê-los. Quando alguém me reconhece na rua, fica me olhando como a um animal estranho. Por isso ando mais à paisana, até que as pessoas se esqueçam de que estive dez dias sem comer nem beber em uma balsa.

"A primeira sensação que se tem

quando se começa a ser importante é a de que, durante todo o dia e toda a noite, em qualquer circunstância, as pessoas gostam que a gente lhes fale de si mesmo.

"(...) Minha vida de herói não tem nada de especial. Levanto às dez da manhã. Vou a um café conversar com os amigos, ou alguma das agências de publicidade que estão fazendo anúncios baseados na minha aventura. Conte minha história na televisão e num programa de rádio. Algumas pessoas me dizem que essa história é uma invenção fantástica. Eu lhes pergunto: Então, o que eu fiz durante dez dias no mar?"

Morto aos 87 anos, García Márquez deixou um legado que foi capaz de levar leitores junto com ele e fazê-los acreditar em qualquer coisa - ou naquilo que o chamado realismo mágico pode criar.

O trabalho do autor baseou-se tanto em sua vivência como jornalista na América Latina, a admiração por William Faulkner e Mark Twain, quanto histórias vividas durante sua infância na casa de seus avós em Aracataca, na Colômbia.

Antes de sua morte, já fazia mais de dez anos que o escritor não publicava nada. García Márquez disse que a escrita o desgastou e que queria mais tempo para aproveitar a vida de outra forma. Assim o fez.

# 80% dos alunos matriculados são de famílias de baixa renda

Instituição federal de ensino propiciou aos estudantes ao longo das décadas muitas histórias de conquista e superação

**Laura Luna**  
lauraragao@gmail.com

Para quem estuda na instituição, o sentimento diante das comemorações pelos 110 anos é de gratidão, sensação ainda maior para aqueles que não teriam condições de estudar na rede privada. O reitor do IFPB, Nicácio Lopes, lembra que mais de 80% dos alunos matriculados nos IFs em todo o Estado provêm de famílias com renda abaixo de um salário mínimo e meio.

Analice Silva Dias é um desses exemplos, a aluna do segundo período do curso de Engenharia Elétrica do Campus I - em João Pessoa - ingressou na instituição ainda no Ensino Médio. "Meus pais sempre valorizaram os estudos e na infância conseguiram pagar uma escolinha lá no bairro mesmo. Mas o ensino médio não seria possível, já que as mensalidades são caras", lembra. Analice fez o Ensino Médio integrado ao curso de eletrotécnica e em seguida partiu para a graduação. "O instituto federal representa pra mim tanto uma forma de evoluir como pessoa quanto a possibilidade de mobilidade social, porque eu teria muito menos chance de conseguir melhorar minhas condições financeiras se eu não tivesse ingressado e continuado os estudos". Desde que entrou no instituto Analice teve o auxílio de bolsas que ajudaram a estudante de engenharia elétrica a seguir com o sonho.



Foto: Roberto Guedes

O professor e historiador Luciano Candeia é responsável pelo Núcleo de Documentação e Pesquisa da Educação Profissional (NDPEP) do IFPB

Auxílio transporte e alimentação, depois bolsa de monitoria, recursos importantes que servem de incentivo e que muitas vezes são essenciais para os alunos menos favorecidos.

O reitor Nicácio Lopes, com mais de 20 anos de experiência em gestão acadêmica e administrativa, conta que são muitas as histórias de conquista e superação como a de Analice. "A instituição propiciou a

dignificação de muitos estudantes, nós temos muitas histórias de vidas transformadas. Estudantes que conquistaram o respeito à sua dignidade através da educação", comemora.

O professor do curso de Engenharia Elétrica, Alfrêdo Gomes Neto, está prestes a completar 30 anos de sala de aula, mas foi em 1979 que ele ingressou na instituição ainda como aluno. "Talvez quem

chegue hoje não perceba o quanto o instituto evoluiu. Hoje, diferente do que era há 30 anos, um aluno do técnico-integrado pode seguir para graduação e mestrado", pontua. O professor comemora o sucesso dos alunos do IFPB não só no Estado, mas em todo o Brasil e também no mundo. "Hoje temos alunos no Canadá, na Irlanda e vários outros países. Alunos que a

partir do que fizeram no IFPB, alçaram voos muito maiores". O professor lembrou também dos ilustres colegas de magistério. "Aqui lecionou o governador do nosso Estado, João Azevêdo, e também o secretário Educação do Estado, Alésio Trindade".

#### Preservando a memória

Com tanta história e tantos documentos importantes o

IFPB está empenhado em fazer um resgate que certamente contará muito sobre o instituto, mas também sobre o Estado e o país. Desde 2014 o Núcleo de Documentação e Pesquisa da Educação Profissional (NDPEP) reúne fotografias, livros, mobiliários, revistas, jornais e outros tantos materiais. No espaço, que fica no prédio da Reitoria, milhares de documentos se encarregam de atestar a importante trajetória do instituto desde a sua origem.

Diários de classe, relatórios de antigas gestões, artefatos utilizados nos cursos - a exemplo de tesouras e espelho utilizados pelos alunos de alfaiataria - antigos diplomas, placas comemorativas, instrumentos de laboratórios, cartazes, informativos. "Quando o atual reitor assumiu, os trabalhos com a memória foram intensificados", afirma o responsável pelo NDPEP, Luciano Candeia.

O Jornal A União, com 126 anos de existência, também foi fonte de pesquisa e de onde os responsáveis pelo NDPEP resgataram conteúdos importantes. "Estive lá no arquivo algumas vezes e tive a oportunidade de acessar materiais importantes para o nosso departamento", ressalta Luciano.

O Núcleo de Documentação e Pesquisa da Educação Profissional fica no prédio da Reitoria e está à disposição dos estudantes, pesquisadores e comunidade em geral.

## Artigo

Dr. Nelson Taki\*

## Prótese mamária: entenda o procedimento

A cirurgia de aumento de mama ou mamoplastia, como também é conhecida, pode até parecer uma cirurgia simples e descomplicada, mas antes de tudo é preciso entender as razões que levam você a recorrer a este procedimento cirúrgico, que utiliza implantes para dar volume aos seios e também restaurar o volume mamário perdido após algum tratamento oncológico, como a mastectomia, ou perda de peso, gravidez ou, ainda, para tratamento estético.

O aprimoramento cirúrgico está cada vez mais avançado, contudo, o risco não é descartado. Por isso, é importante entender todo o procedimento antes de realizá-lo. A mamoplastia é uma cirurgia extremamente individual e deve ser feita para agradar o próprio paciente, no que o faz se sentir bem e confortável. Fazer esse tipo de escolha baseada em adaptar-se a algum tipo de imagem ideal, criada pela sociedade, ou para satisfazer a vontade de outra pessoa, não é aconselhável. O médico e a equipe profissional, responsáveis pelo procedimento, deverão informar todos os riscos e benefícios associados ao processo cirúrgico e o paciente quem deve decidir se os riscos e possíveis complicações estarão de acordo com seus objetivos.

Até o momento não existem tra-

balhos científicos validados de que as próteses têm impacto à saúde da usuária, a não ser as complicações inerentes à colocação e uso de próteses em si, mas é importante que antes do procedimento sejam realizados alguns exames como, por exemplo, mamografia, ultrassonografia de mamas e ressonância magnética, a fim de prevenir qualquer tipo de complicação durante e após a cirurgia. Para todos os efeitos, o mais importante é a sinceridade do paciente durante a consulta, pois existe um questionamento avaliativo para que o médico cirurgião ou mastologista autorizem o procedimento.

O papel do mastologista é saber orientar e avaliar qual paciente deve fazer uso de prótese, principalmente às que se encaminham à mastectomia e também reconstrução de mamas. Hoje, existem nos hospitais mastologistas previamente orientados e aptos a fazerem essa cirurgia de remoção e reconstrução.

Após pesquisar sobre prótese mamária, cirurgia de aumento das mamas ou silicone, é possível que o paciente fique confuso, ansioso e com grandes expectativas, por isso, é recomendável tirar todas as dúvidas com um médico preparado para esclarecer e aliviar todo o estresse que as informações, às

vezes descontraídas, podem causar. A paciente também precisa estar preparada para discutir sobre assuntos que não são muito confortáveis, como: o motivo pelo qual quer se submeter à cirurgia, expectativas, resultado desejado, histórico familiar de câncer de mama, uso de medicamentos, vitaminas, medicamentos naturais, fumo, álcool e drogas, e o mais importante, condições médicas, alergia medicamentosa e outros tratamentos médicos. Discussões essas que, muitas das vezes, podem ser determinantes para que o procedimento não seja realizado ou, talvez, seja necessário um tratamento complementar para que ele aconteça com segurança e menor risco possível.

Em todos os casos, é válido ressaltar a importância de uma equipe bem treinada para qualquer intercorrência. O local onde será realizado o procedimento também é fundamental e a indicação é que seja em um centro cirúrgico seguro e confortável, tanto para o médico quanto para a paciente, sobretudo, autorizado pela Vigilância Sanitária.

Seguir as orientações médicas é o fator determinante para um bom pós-operatório. Evite esforços excessivos e desnecessários nas incisões cirúrgicas e tenha cuidado ao se movimentar

durante o período de cicatrização. A manutenção deve ser realizada pelos cirurgiões plásticos, oncoplásticos e também pelos mastologistas, com exames de ultrassonografia e mamografia anualmente e ressonância magnética a cada cinco anos ou conforme haja alguma alteração nas mamas. Além de acompanhar as próteses, os exames são fundamentais para garantir a saúde das mamas.

É importante ressaltar que as próteses mais antigas têm prazo de validade e devem ser trocadas entre 10 e 25 anos. As mais novas, feitas de gel coesivo, não precisam necessariamente de troca, mas devem ser revisadas a cada 10 anos, por meio de ressonância magnética e exames de sangue. Passadas da validade, as próteses podem ter pequenas rupturas, que aos poucos contaminam outros tecidos e apresentam risco à saúde da paciente. Neste caso precisam ser removidas e a área precisa ser tratada para conter a infecção. As próteses utilizadas atualmente são muito seguras e a probabilidade de se romperem são quase nulas, exceto se a pessoa sofrer um impacto muito grande, como um acidente automobilístico ou uma forte pancada.

\*Dr. Nelson Taki é mastologista do Trasmontano Saúde

# Amido de milho é usado para combater mosquito da dengue

Sistema criado na Unicamp permite a liberação de composto larvicida e pode ser utilizado em pequenos volumes de água

**Karina Toledo**  
Agência Fapesp

O amido de milho, uma matéria-prima abundante, barata e biodegradável, foi a base usada por pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) para o desenvolvimento de partículas capazes de armazenar e liberar controladamente compostos ativos letais para as larvas do mosquito *Aedes aegypti*, transmissor de doenças como dengue, zika, febre amarela e chikungunya.

A metodologia teve a patente requerida por meio da Agência de Inovação da Unicamp (Inova) e foi descrita em artigo na revista *Industrial Crops and Products*.

No trabalho, apoiado pela Fapesp e coordenado por Ana Sílvia Prata, professora da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA-Unicamp), foi testado o óleo essencial de tomilho como agente larvicida. Esse óleo também é biodegradável e, na concentração usada na pesquisa, não oferece riscos à saúde humana.

“Conseguimos obter uma partícula que se comporta exatamente como os ovos do *Aedes*. Enquanto o ambiente está seco, ela se mantém inerte e conserva o agente ativo protegido. A partir do momento em que entra em contato com a água, começa a inchar para permitir a liberação do larvicida. Após três dias, período em



Foto: Pixabay

O ciclo de vida do *Aedes aegypti* é formado por quatro etapas: ovo, larva, pupa e mosquito adulto

que os ovos eclodem e tem início a fase larval, a partícula passa a liberar quantidades letais do princípio ativo na água”, disse Prata.

A ideia do projeto foi desenvolver um sistema de liberação controlada de larvicida para pequenos volumes hídricos, como vasos de planta, pneus, garrafas e entulhos diversos que podem virar criadouro do mosquito no ambiente urbano.

Segundo Prata, as autoridades sanitárias têm se preocupado em tratar com larvicidas caixas d’água e outros grandes reservatórios, mas estudos epidemiológicos

indicam que 50% dos focos do *Aedes* estão em pequenas poças.

“Como o custo é baixo, o governo poderia produzir essas partículas e distribuí-las para a população, para que fossem espalhadas em locais da residência com potencial para acumular água da chuva, como medida complementar à conscientização da população e da luta contra a dengue”, disse.

Resultados dos testes feitos na Unicamp indicam que as partículas poderiam se manter funcionais durante aproximadamente cinco ciclos de chuvas.

Após o primeiro contato com a água elas liberam apenas 20% do óleo de tomilho. “Fizemos o teste de deixar o material secar para depois reidratá-lo e observamos que as partículas voltam a liberar o agente larvicida normalmente”, contou Prata.

Ainda segundo a pesquisadora, o principal composto ativo encontrado no óleo de tomilho – o timol – impediu a proliferação de microrganismos no recipiente contendo a água, evitando que as partículas estragassem rapidamente depois de molhadas.

## Estratégia para as ações de combate

O ciclo de vida do *Aedes aegypti* é formado por quatro etapas: ovo, larva, pupa e mosquito adulto. O período total de desenvolvimento pode variar de cinco a 10 dias, tornando-se mais curto à medida que a temperatura aumenta. A fase larval, na qual o inseto está confinado no ambiente aquático, é considerada a mais estratégica para as ações de combate.

“Com base nessas informações, começamos a pensar em como deveria ser a partícula. Um de nossos colaboradores – Johan Ubbink [California Polytechnic State University, Estados Unidos] – sugeriu produzi-la por uma técnica conhecida como extrusão, a mesma usada na fabricação de salgadinhos de milho”, disse Prata.

O método consiste em forçar a passagem da massa de amido úmida e aquecida por um pequeno buraco. Normalmente, a ação da temperatura e da pressão exercida por uma rosca faz com que o material se expanda após a passagem pelo orifício.

“Adaptamos o processo, adotando uma temperatura mais branda e uma rotação de rosca mais suave, para que não ocorresse a expansão do material. Caso contrário, a partícula amoleceria rapidamente ao entrar em contato com a água, liberando o princípio ativo todo de uma vez”, disse Prata.

Outro desafio do grupo foi encontrar a composição adequada da matéria-prima. Como explicou a pesquisadora, o amido – seja ele de trigo, milho ou qualquer outra fonte – é composto fundamentalmente por frações variáveis de amilose e amilopectina. A quantidade de cada um desses componentes determina características como viscosidade e estrutura (capacidade de não se desfazer em contato com a água).

“Testamos formulações que tinham de 1,8% até 76% de amilose. E avaliamos, em cada caso, qual era o comportamento de lixiviação [o quão rápido a partícula se desfaz] e de inchamento no meio aquático”, disse Prata.

Ao mesmo tempo em que avaliavam esses dois aspectos da partícula, dosando a quantidade de óleo de tomilho liberada em função do tempo de contato com a água, os pesquisadores também observavam a atividade larvicida do composto ativo. O teste consistiu em medir a concentração necessária para matar 99% das larvas – parâmetro conhecido com CL99.

“O CL99 do óleo de tomilho não encapsulado é de aproximadamente 70 microgramas por mililitro [ $\mu\text{g/ml}$ ]. Quando colocamos esse composto dentro da partícula, o valor diminui para 31  $\mu\text{g/ml}$ , ou seja, nosso sistema de

liberação controlada aumentou a ação larvicida”, disse a pesquisadora.

Ainda assim, o CL99 do composto natural permaneceu bem mais baixo que o de agentes sintéticos, como o temefós. A vantagem, segundo Prata, é que por ter uma composição química complexa, com outras moléculas ativas além do timol, é mais difícil para o inseto desenvolver resistência.

O grupo também testou como larvicida o extrato de jambu. O resultado foi similar ao observado com o tomilho, porém, o custo foi cerca de 15 vezes maior.

“O óleo essencial de tomilho é um material altamente disponível, vendido comercialmente e representa apenas 5% da composição da partícula – os outros 95% são amido de milho, que é muito barato. Por isso consideramos a técnica facilmente escalonável”, disse a professora da FEA-Unicamp.

O grupo da FEA-Unicamp avalia, no momento, a possibilidade de usar as mesmas partículas para encapsular bactérias fixadoras de nitrogênio, que auxiliam no crescimento de plantas. O material poderia, em tese, reduzir a quantidade de fertilizantes usados na agricultura. “Essa é uma teoria que pretendemos testar em um futuro projeto”, disse Prata.

**Lúri  
Moreira**

[iurimoreira.imprensa@gmail.com](mailto:iurimoreira.imprensa@gmail.com)

## VTEX planeja abrir escritório na Paraíba

A multinacional brasileira de tecnologia VTEX, especializada em e-commerce (comércio eletrônico), planeja a abertura de um escritório na Paraíba no início do próximo ano. A unidade será a primeira fora do Rio de Janeiro dedicada ao desenvolvimento de produtos.

Criada no ano de 2000 para oferecer soluções para o comércio, a VTEX foi uma das primeiras empresas brasileiras a investir em e-commerce. Há cerca de 10 anos, lançou uma plataforma de gerenciamento para que seus clientes não precisassem construir seus próprios sistemas. O produto evoluiu ao longo do tempo e a VTEX se tornou referência pela agilidade e pela segurança, atendendo varejistas de todos os segmentos.

Entre as vantagens da plataforma, estão a facilidade de acompanhar os pedidos em tempo real e otimizar os custos de canais de venda e logística. Além disso, o sistema permite conectar as lojas físicas com dados do e-commerce para criar experiências de compra consistentes e oferecer promoções personalizadas, visando o incremento nas vendas.

Graças à mudança de comportamento do consumidor brasileiro, o cenário tem se mostrado promissor nessa área. De acordo com o relatório *Webshoppers 2019*, realizado pela Ebit | Nielsen, o e-commerce no Brasil cresceu cerca de 12% em 2018, comparado a 2017. A expectativa até o fim de 2019 é que esse número suba para 15%, gerando mais de R\$ 61,2 bilhões.

Em franca expansão em território nacional e no exterior, a VTEX hoje atua em 28 países e possui escritório em 10 deles. No Brasil, a sede fica no Rio de Janeiro, onde se concentram o desenvolvimento e o suporte da plataforma, e as unidades de negócios estão localizadas em São Paulo e Curitiba. Entre os mais de 2,5 mil clientes da VTEX pelo mundo, estão corporações como Sony, Coca-Cola, O Boticário, Nestlé, Ambev e Whirlpool.

### TeamViewer

A TeamViewer anunciou integração do TeamViewer Pilot aos headsets RealWear e smart glasses Vuzix e Epson. Com a integração, que expande o poder e a excelência do software a níveis inéditos de imersão através de Realidade Aumentada (RA) e uso de wearables, especialistas em assistência remota e suporte de TI poderão guiar usuários em operações complexas via compartilhamento de câmera ao vivo e anotações de voz e tela. O objetivo é uma experiência de supervisão aprimorada com foco em rapidez, redução de tempo de inatividade e de custos com viagens, além da promoção continuada de ambientes de trabalho mais protegidos e produtivos.

### DB1

Ana Maria Cimadon Garcia é a primeira mulher a ocupar um cargo de diretoria na DB1, empresa que oferece softwares e serviços de desenvolvimento para empresas de médio e grande porte. Ela coordena o Marketing da DB1 Global Software desde 2015 quando ingressou na empresa, sendo responsável pela gestão de toda a área de marketing, suas unidades e produtos, incluindo Branding, internacionalização das marcas, lançamento de novos produtos da área de inovação, apoio ao Planejamento Estratégico de todas as áreas, implantação e gestão do novo processo de Sales Marketing, estratégia em eventos, endomarketing, Inbound Marketing e gestão da Comunicação.

### Prêmio

Estão abertas as inscrições para a 1ª edição do Prêmio EDF Pulse Brasil, com foco em startups de inovação que desenvolvem soluções eficientes para os desafios das indústrias e das grandes cidades. Serão oferecidos até R\$ 100 mil aos primeiros lugares, sendo R\$ 40 mil para os vencedores de cada categoria – Smart City e Smart Factory – e uma premiação especial de R\$ 20 mil para um terceiro Projeto de Destaque. Além disso, caso alguma inovação seja de interesse das empresas EDF no Brasil, há a possibilidade da realização de parceria para o seu desenvolvimento. Os projetos serão avaliados por um júri de especialistas e executivos do Grupo. As inscrições podem ser feitas até 1º de novembro pelo site [www.edf.fr/pulse-brasil](http://www.edf.fr/pulse-brasil), e os vencedores serão anunciados em dezembro deste ano.

### REC'n'Play

Entre os dias 2 e 5 de outubro, a terceira edição do Festival REC'n'Play, maior festival de experiências do Nordeste, ocupará espaços e ruas do bairro do Recife com mais de 300 atividades, como workshops, palestras e oficinas nas áreas de tecnologia, economia criativa e cidades. Para este ano, a expectativa é que o REC'n'Play chegue a 20 mil participantes. A programação é aberta a pessoas de todas as idades. As inscrições são gratuitas e já podem ser realizadas no site [www.recnplay.pe](http://www.recnplay.pe).

Suelma Moraes é professora do Departamento de Ciências das Religiões e do Programa de Pós-graduação na Universidade Federal da Paraíba, mestre em Ciências das Religiões e Filosofia e doutora em Ciências das Religiões. Atua no campo da hermenêutica literária filosófica e desenvolve projetos na área de desenvolvimento sustentável do território com os seguintes temas: turismo sustentável e criativo armorial, cultura, narrativas literárias e patrimônio histórico cultural. É coordenadora da pesquisa "Literatura e Sagrado - Estudos Clássicos e Contemporâneos - Sacratum/ CNPq e Coordena o Programa de Estudos e Pesquisas Armorial Ariano Suassuna, que pretende valorizar e divulgar o movimento armorial: "A literatura e memória tem sido pouco explorada e valorizada".

**- Como surgiu a ideia de um Grupo de Estudos sobre o Movimento Armorial ?**

O Programa de Estudos e Pesquisas Armorial Ariano Suassuna da UFPB (Pepas-UFPB) surge a partir do contato com o filho de Ariano Suassuna, em busca de implantar um Núcleo de Estudos do Armorial Ariano Suassuna, e implantar alguns projetos ligados à obra literária de Ariano.

Foto: Divulgação

**Entrevista**

**Suelma Moraes**  
Professora



Naquele primeiro momento fizemos o contato com Manuel nos deslocando até Taperoá. A fala do filho e a memória do pai nos encantou, com tamanha sensibilidade e respeito à vida e memória dele, nos despertando o desejo de caminharmos juntos para dar continuidade e manter viva a memória de Ariano no Sertão e Cariri da Paraíba. Manuel contou-nos uma narrativa que foi fundamental para este processo de vínculo à obra literária e à Paraíba.

**- Quais as palavras de Manuel que Ariano disse?**

Manuel disse que quando era criança Ariano viajava para a Paraíba e quando chegava numa divisa imaginária entre Pernambuco e a Paraíba, ele parava o carro e pedia para que todos descessem e tirassem os calçados, traçava uma linha imaginária e dizia: "Agora podem atravessar porque este solo é sagrado". Ao percebermos esta dimensão de respeito e afeto com o espaço

geográfico, isto marcou para nós a dimensão que suas obras literárias alcançavam e abraçavam a Paraíba. Outra questão não menos importante foi o propósito de fomentar a autoestima e o desenvolvimento sustentável do território paraibano, a partir da literatura de Ariano Suassuna, com a abertura de diálogos interculturais para a valorização e preservação da cultura, da educação e do seu meio ambiente. Assim, buscamos

ações afirmativas na interação eco socioeconômica do bem viver, por meio do Movimento Armorial, marcando a memória e continuidade da nossa história e identidade. Sob nosso ponto de vista, essa literatura e memória tem sido pouco explorada e valorizada.

**- Como o grupo está atuando?**

A UFPB/ PEPAS tem se colocado a serviço da sociedade para contribuir na construção desse processo, por meio do reconhecimento da memória, da identidade cultural, histórica e artística na capital da Paraíba e nos municípios de Taperoá e Aparecida com o objetivo de implementar ações com polos artísticos e culturais, e ao mesmo tempo, promover a inclusão social. Neste ano demos início, no mês de junho, com a celebração dos 92 anos de Ariano Suassuna, no Centro Cultural São Francisco, para apresentarmos o projeto e construirmos parcerias. Atualmente temos alguns professores de departamentos da UFPB e UFCG envolvidos, na área de turismo e hotelaria, Grupo Evocare, Ciências das Religiões, Centro de Educação, PRAC/COEX, Grupo de Literatura e Sagrado SACRATUM/UFPB, Metodologias UFCG, CTRD/ UFPB. Estamos em busca de

outras parcerias. O que se deseja é a promoção da inclusão social com geração de trabalho e renda, a partir de estratégias metodológicas que viabilizem a Cultura Armorial de Ariano Suassuna como eixo de desenvolvimento da economia local e regional. Concomitantemente, o PEPAS busca colaborar com o fomento de políticas públicas para que se alcance os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – ODS das Nações Unidas. Uma colaboração direta com a sociedade e contribuindo para erradicação da pobreza.

**- Quais são as atividades que estão fazendo e as propostas ainda a acontecer ?**

No momento estamos buscando parcerias para realizar a Festa Literária Brasileira e I Simpósio Quaterna – Taperoá, ainda com data a ser definida, como uma ação do Programa Estratégico de Estudos e Pesquisas Ariano Suassuna (PEPAS) da PRAC/ COEX para implementar o Turismo Criativo Cultural Armorial, a partir de estratégias que privilegiem a cultura, a educação e o empreendedorismo. Nosso objetivo é contribuir para que a cultura e a criatividade sejam reconhecidas como um dos eixos de desenvolvimento.

**IT Club**

João Pessoa ganhou um espaço lindo e sofisticado, assinado pela arquiteta Dauanne Arruda, e que já está funcionando com música e gastronomia de qualidade. É o It Club, no Hotel Tambaú. Um dos sócios é o multimídia Ricardo Castro, que promoveu festa de inauguração reunindo convidados e formadores de opinião, no maior alto astral. O It Club está funcionando nas quintas, sextas e sábados, e também pode ser reservado para eventos exclusivos. Nas quintas a programação é o rock nacional dos anos 80, com a banda Garage, às sextas-feiras, jazz, blues e MPB, além do show da cantora Adriana Cabral, e aos sábados, DJ Claudinho Santa Cruz comanda o som.

**Dinheiro**

Dois nomes de peso quando o assunto é dinheiro e investimentos estarão em Campina Grande dia 1º de outubro: Tiago Nigro, que vai proferir a palestra "Do Mil ao Milhão", e João Kepler, que vai ministrar a palestra "Smart Money", ele reconhecido como um dos conferencistas mais sintonizados com inovação e convergência digital do país. O evento é promovido pelo Clubjob Coworking especialmente para aqueles que desejam ingressar no mundo dos investimentos, e conta com o apoio do Sebrae Paraíba e será realizado na casa de eventos Quinta da Colina, no bairro do Catolé.

**NOVA UNIDADE**

Para facilitar o atendimento dos moradores da Praia do Cabo Branco, o Laboratório Maurílio de Almeida abriu uma nova unidade, localizada na Avenida Marcionila da Conceição, 1570 - com excelente estrutura que a população do bairro merece. Com mais de 40 unidades em toda a Paraíba, a ideia do médico e presidente, Fábio Rocha, do Laboratório que tem o nome de seu pai, o saudoso Maurílio Almeida, é crescer mais e proporcionar praticidade e conforto.

**Troféu HF**

O jornalista Abelardo Jurema já em ritmo de preparativos para a festa de entrega do Troféu Heitor Falcão 2019, que será no próximo dia 26, às 20h, na casa de recepções Paço dos Leões, no Altiplano Cabo Branco. Segundo ele, a festa este ano vai ter muitas mudanças e surpresas. "A parte musical será uma grande surpresa para todos", disse Abelardo que promove o Troféu HF há 22 anos, sempre valorizando quem se destaca na sociedade paraibana. Entre os agraciados este ano estão o governador da Paraíba João Azevêdo, o secretário de Comunicação Nonato Bandeira e a presidente da PBTur, Ruth Avelino.



Ricardo Castro e Alan Moscovich, na It Club

**Tecnologia e saúde**

É incalculável a utilização da tecnologia para melhorar a qualidade de vida das pessoas. O pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Computação, Comunicação e Artes da UFPB, Rafael Toscano, criou um projeto de aplicativo para fornecer informações e recomendar recursos audiovisuais e multimídia a terapeutas responsáveis pelo ensino de competências e habilidades a crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Cerca de 30 terapeutas da Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência (Funad), em João Pessoa, colaboraram com a caracterização do cotidiano do tratamento e de intervenções a autistas. Enquanto o aplicativo não fica pronto, nosite do TutoPlay, o terapeuta pode baixar e preencher dados e criar um plano de rotina para cada paciente.



Val Nascimento, Messina Palmeira, Ricardo Castro e esta editora



**Parabéns**

Adil Carlos Pimentel, Catarina Gonçalves Torres, Elizabeth Agra Marinheiro, Gioconda Coutinho Dantas, João Paulo Pontes, José Luiz de Araújo, Larissa Vinagre, Margareth Maria Tenório, Maria do Socorro Palhano Lauro, Maria do Socorro Sobreira, Patrícia dos Anjos, Patrick Almeida, Rejane Andrade e Wilson Aquino.

**DESJUDICIALIZAR**

A senadora Soraya Thronicke, sul-mato-grossense, participou do "17º Encontro Convergência", com o presidente do Instituto de Estudos de Protesto de Títulos do Brasil da Paraíba, Germano, Toscano juntamente com tabeliães de todo o Brasil, em Gramado. Ela tem acompanhado e defendido projetos que interessam diretamente aos Cartórios Extrajudiciais de todo o país e que são, a seu ver, a solução para desjudicializar a justiça brasileira. Soraya destacou que os cartórios proporcionam segurança jurídica e que a população acredita na instituição cartorial. "Precisamos desjudicializar e os cartórios são a solução para isso", afirmou.



Adriana Bagno ladeada por Thereza Madalena e Hélia Botelho, na maior animação

**COMO MULHER**

O escritor e membro da Academia Paraibana de Letras, Hildeberto Barbosa Filho, está dedicando parte de seu tempo a escrever um livro que será dado a pessoas de seu afeto, no final do ano, como presente. O livro trará doze cantigas e está sendo escrito por ele como uma personagem feminina. "Achei interessante, diante de tantas discussões sobre questões de gênero, escrever como se fosse uma mulher", disse o intelectual. Parabéns pela iniciativa e já estou curiosa para ler.



# Vasco enfrenta o campeão da Copa do Brasil em São Januário

## Alvinegro carioca mede forças contra o Athletico-PR e encara a partida como uma das mais complicadas do retorno

**NetVasco**

Em 12º lugar no Campeonato Brasileiro com 23 pontos, o Vasco da Gama retorna aos gramados neste domingo (22), às 16h, para medir forças com o Athletico Paranaense, que na quarta-feira passada conquistou a Copa do Brasil ao vencer o Internacional.

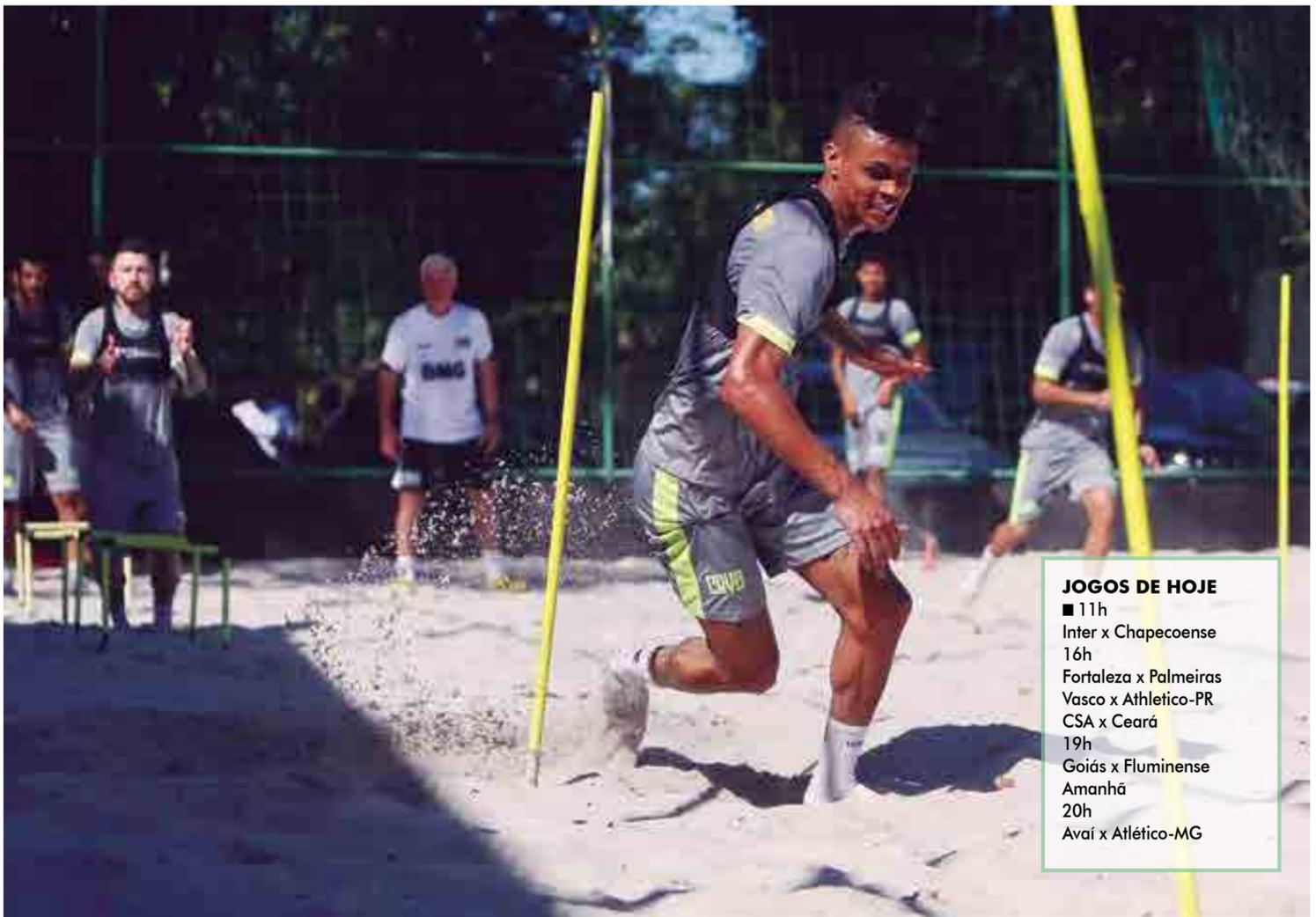
O duelo acontecerá em São Januário, onde a equipe cruzmaltina possui um aproveitamento superior aos 60% no Brasileirão. A partida é considerada difícil por todos na Colina, pois o Furacão entrará em campo embalado pela conquista da Copa do Brasil.

"Jogo difícil, e já seria assim mesmo se eles não tivessem conquistado o título. Será uma das partidas mais complicadas desse segundo turno. Eles vão jogar sem preocupação com nada, mais leves, sem tanta responsabilidade. Temos que procurar fazer um bom e aproveitar o fator casa. Estaremos jogando em São Januário e precisamos desses três pontos, mas não pode faltar inteligência. Assisti a decisão e o Athletico é um time que pressiona bem, principalmente os jogadores de meio pegam na bola, diminuem os espaços rápidos - afirmou o volante Richard.

Para o confronto com o clube paranaense, o Vasco da Gama contará com o retorno de Yago Pikachu. Um dos artilheiros do clube de São Januário na temporada, com sete gols, o lateral-direito cumpriu suspensão contra a Chapecoense e retorna ao time no lugar de Raul Cáceres. As demais posições não devem ser alteradas, com isso Danilo Barcelos atua na esquerda e Ribamar faz companhia a Rossi e Talles no comando do ataque.

"O primeiro objetivo é chegar aos 45 pontos. Se a gente chega numa boa colocação dentro do campeonato e não fez ainda os 45 pontos, não devemos mudar nossa meta. O que acontecer depois disso será consequência e premiará o bom trabalho que estamos realizando. Vamos focar mais ainda nesse segundo turno, precisamos estar concentrados em todos os momentos, não podemos mais fraquejar dentro das partidas. Vamos primeiro tirar o Vasco dessa situação desconfortável e só depois almejar coisas maiores" declarou o camisa 25, festejando também a boa fase na Colina.

"Eu fico muito feliz pelo rendimento que estou tendo aqui no Vasco. Como falei antes, eu queria ter sequência. Precisava ter essa sequência para voltar a ser o Richard que surgiu. Estou contente por estar conseguindo ajudar o Vasco. Vou seguir correndo e me doando ao máximo para ajudar a equipe. É um momento importante na minha carreira, principalmente por ter ficado um tempo grande parado lá no Corinthians - finalizou Richard.



O volante Richard em ação em treino físico durante a semana, se preparando para o retorno. O jogador diz estar supermotivado para enfrentar o campeão da Copa do Brasil, hoje, em casa

### JOGOS DE HOJE

- 11h  
Inter x Chapecoense
- 16h  
Fortaleza x Palmeiras
- Vasco x Athletico-PR
- 19h  
Goiás x Fluminense
- Amanhã  
20h  
Avai x Atlético-MG

## Mano Menezes tem dúvidas para o jogo contra o Fortaleza

Foto: Cesar Greco/Palmeiras

**Leandro Miranda**  
Folhapress

O técnico do Palmeiras, Mano Menezes, afirmou que Zé Rafael e Carlos Eduardo são candidatos à vaga de Dudu, que está suspenso para o jogo deste domingo (22) contra o Fortaleza, às 16h, no Castelão, pelo Campeonato Brasileiro.

O treinador explicou seus critérios para a escolha e ainda pediu calma com o jovem Iván Angulo, que ainda não estreou entre os profissionais e tem sido pedido por torcedores no time.

"Vamos escolher entre Zé Rafael e Carlos Eduardo. Carlos Eduardo é um jogador mais parecido com o Dudu, de drible, velocidade. (Com Zé Rafael) Modificaríamos um pouco o posicionamento da equipe para ter um pouco mais de posse, trabalho de bola. Vamos trabalhar nessa linha", disse Mano.

"O outro jogador que poderia ocupar seria o Angulo, mas ele teve um problema particular e só começou a treinar no campo, na verdade, hoje. Vamos obedecer os critérios de gestão, de trabalho. A semana foi importante. Essa é uma das partes da gestão que penso para os jogadores entenderem que o dia a dia é muito importante mesmo", completou.

Angulo não esteve no dia da reapresentação do elenco do Palmeiras na terça-feira. Ele ficou um dia a mais na Colômbia por causa de problemas de saúde de seu filho pequeno. Com isso, voltou ao clube apenas na quarta (18), quando ficou na parte interna da Academia de Futebol trabalhando a parte física. Como já perdeu dois treinos técnicos na semana, ficou atrás na corrida por uma vaga na equipe.



No primeiro turno, em abril, o Palmeiras não encontrou dificuldades para vencer o Fortaleza em casa por 4 a 0. Hoje será no Castelão

Mano, aliás, também solicitou mais cuidado nos pedidos para que o colombiano de 20 anos faça seu primeiro jogo no time de cima. Ele foi contratado por empréstimo para o sub-20,

se destacou no primeiro semestre e foi comprado e promovido ao profissional no meio do ano, mas desde então tem se dividido entre treinar com os profissionais e jogar pela base.

"Temos pouco tempo de observação, e a gente tem que tomar um pouco de cuidado, porque da noite para o dia alguém passa a ser alguma coisa que ainda não foi", disse Mano. "E não sei de onde se tira isso. Cria-se um problema para o treinador, desnecessário, e até para o jogador, que ainda está

se desenvolvendo, se formando para ser um jogador de ponta. O futebol profissional de Série A do Brasileiro é outro nível. Aqui estão os melhores do país, é um campeonato muito duro".

"Às vezes a gente quer fazer as coisas muito rápido, tão rápido que coloca o jogador e ele não vai bem. Não estamos aqui para perder jogadores, e sim para ganhar. Todos que estão aqui serão importantes em um campeonato de 38 rodadas, e isso vale para o Angulo também", finalizou o treinador.

# Palmeiras e Flamengo dominam as receitas no futebol desde 2014

Em 2018, o Verdão faturou R\$ 654 milhões, enquanto o Rubro-Negro carioca recebeu R\$ 538 milhões

Foto: Alexandre Vidal/Flamengo

## Goal

Palmeiras e Flamengo destoam, hoje, com as maiores receitas do futebol Brasileiro. Para se ter ideia, em 2018, o Verdão faturou R\$ 654 milhões, enquanto o Rubro-Negro carioca recebeu R\$ 538 milhões no mesmo período.

Mas eles fazem jus ao rótulo de mais ricos do país? A Goal traz um estudo que mostra as receitas dos principais clubes do futebol brasileiro nos últimos dez anos - entre 2009 e 2018 - e mostra quem mais recebeu dinheiro nos últimos anos.

Desde 2014, Palmeiras e Flamengo ocupam o topo da lista e até se revezam na liderança de quem mais fatura no esporte nacional. Neste ano, os cariocas estiveram à frente, com R\$ 342 milhões em receita, contra R\$ 244 milhões dos paulistas.

No ano seguinte, o Palmeiras deu um salto enorme e se tornou pela primeira vez em dez anos o clube de maior arrecadação do Brasil: R\$ 351 milhões contra R\$ 350 milhões do Flamengo.

A dupla seguiu brigando pelo topo nos anos seguintes. Em 2016, o Palmeiras recebeu R\$ 507 milhões, e o

Flamengo embolsou R\$ 490 milhões. A situação se inverteu novamente na temporada posterior, com o Fla levando R\$ 620 milhões para os seus cofres e o Palmeiras vendendo as contas engordarem em R\$ 504 milhões. No ano passado, o Palmeiras garantiu o recorde do futebol nacional, com R\$ 654 milhões na caixa, enquanto o seu adversário garantiu R\$ 538 milhões.

Considerando a década a partir de 2009, houve uma mudança em relação aos detentores das receitas. De 2009 até 2013, Corinthians e São Paulo estavam no topo do futebol. O Timão foi quem mais faturou em 2009 (R\$ 181 milhões), 2010 (R\$ 213 mi), 2011 (R\$ 290 mi) e 2012 (R\$ 358 mi). O Tricolor Paulista, vice-líder neste quesito em todos os anos anteriores, chegou ao topo da disputa em 2013 (R\$ 364 milhões).

A lanterna teve quatro clubes distintos. Cruzeiro, em 2012, com R\$ 120 milhões arrecadados, e Vasco, em 2017, com R\$ 185 milhões, ficaram na posição por uma temporada. O Fluminense ocupou o lugar em dois anos consecutivos: 2013 (R\$ 125 mi) e 2014 (R\$ 121 mi). O Botafogo se responsabilizou pela posição nos outros anos - 2009 (R\$

46 mi), 2010 (R\$ 53 mi), 2011 (R\$ 59 mi), 2015 (R\$ 114 mi), 2016 (R\$ 158 mi) e 2018 (R\$ 183 mi).

Internacional e Grêmio sempre estiveram na briga pelos primeiros lugares. O Colorado começou como o clube que mais arrecadava no Rio Grande do Sul, enquanto o arquirrival lutava entre os últimos. O time do Beira-Rio ficou no top 3 de 2009 a 2013, faturando R\$ 176 milhões (2009), R\$ 200 mi (2010), R\$ 226 mi (2011), R\$ 264 mi (2012) e R\$ 277 mi (2013). Os gaúchos perderam o terceiro lugar em 2014. Na verdade, a equipe, com R\$ 201 milhões, foi ultrapassada por Grêmio (R\$ 202 mi), Cruzeiro (R\$ 222 mi), Palmeiras (R\$ 244 mi) e Flamengo (R\$ 342 mi). São Paulo (R\$ 239 mi) e Corinthians (R\$ 218 mi) seguiram à frente dos gaúchos.

Foi a partir daí que o Grêmio deu indícios de que poderia inverter o panorama no Rio Grande do Sul. Em 2015, o Inter seguiu à frente. Mas as coisas mudaram em 2016, ano do título da Copa do Brasil gremista. Na ocasião, o Tricolor Imortal virou a quinta força, com R\$ 322 milhões em arrecadação. As coisas só melhoraram nos anos seguintes, com R\$ 335 mi em 2017 e R\$ 380 mi em 2018.



Desde 2014, Palmeiras e Flamengo ocupam o topo da lista e se revezam na liderança de quem mais fatura no esporte

## Mundial em SP

# Prodígios do skate sonham com Olimpíadas de Tóquio

Daniel E. de Castro  
iagosarinho@gmail.com

O Mundial da modalidade olímpica street (que simula a paisagem urbana, com bancos, escadas e corrimões como espaços de manobras) em São Paulo desde quinta-feira (19) e que termina neste domingo (22) exemplifica isso.

Aos 11 anos, Rayssa Leal é forte candidata a um lugar no pódio do torneio, realizado no pavilhão de exposições do Anhembi, e tem grandes chances de representar o Brasil na Olimpíada de Tóquio-2020 ao lado de Pâmela Rosa, 19, e Letícia Bufoni, 26.

As brasileiras ocupam as três primeiras posições no ranking mundial de street e hoje estariam classificadas para os Jogos do Japão, que marcarão a estreia do skate no programa olímpico. Virgínia Fortes Águas, 13, é a nona colocada dessa lista.

Moradora de Imperatriz, segunda cidade mais populosa do Maranhão, Rayssa ganhou fama aos 7 anos de idade, com a publicação de vídeos de suas manobras nas redes sociais. Um deles, que mostrava a garota vestida com uma fantasia de fada, lhe rendeu o apelido de "fadinha".

A referência infantil no nome ficou no passado, e a skatista brasileira, embora ainda seja uma criança, já é uma das melhores do mundo em nível profissional. "Quero bater muitos recordes na mi-



O Parque Cândido recebe o Mundial de Skate Park, em São Paulo. Competição tem revelado jovens com potencial para chegar a Tóquio 2020

nha carreira", projeta.

A chance de ela se tornar a atleta olímpica mais jovem do país chama a atenção e gera debate sobre a precocidade dos talentos desse esporte.

Por decisão da federação internacional da modalidade, não ficou estabelecida uma idade mínima para os participantes de Tóquio-2020.

Na ginástica artística, por exemplo, só serão aceitos homens nascidos até 2002 e mulheres até 2004.

O pai de Rayssa, Haroldo Leal, 37, conta que procura balancear a sequência de treinos e competições da filha com brincadeiras e atividades

que a façam ter uma rotina normal para a sua faixa etária. Na escola, as aulas perdidas por viagens são repostas com dupla jornada.

Ainda assim, ele sabe que nem sempre é fácil manter esse controle.

"Aqui em Imperatriz, se ela estiver andando na rua sem o skate pouca gente sabe quem é. Mas quando vai competir nos outros lugares, todos ficam em cima para tirar foto e dar um abraço. A gente acha legal e incentiva, mas aqui ainda é mais sossegado para ela", diz Haroldo.

Os planos da família de permanecer em Imperatriz, porém, devem ser abreviados

para que a garota continue seu desenvolvimento esportivo, como explica o pai: "A pista onde ela treina aqui é toda quebrada, cheia de buracos. Não queríamos ir embora, mas para ela manter o alto nível acho que vai precisar".

Dos 21 integrantes da Seleção Brasileira formada para esta temporada, 5 têm menos de 18 anos.

Ajudá-los a encontrar o equilíbrio entre os aspectos de diversão e competitividade do esporte é uma das missões da psicóloga Juliane Fecho, contratada pela confederação nacional (CBSk) em maio do ano passado.

"Uma criança tem mais

dificuldade de lidar com a frustração, então temos que olhar essas questões para que elas consigam se manter no esporte. Quando a pressão é muito exagerada, às vezes a criança desiste e perde o prazer. Temos trabalhado para que elas estejam lá felizes, por mais que exista essa pressão", diz.

Fecho reconhece que o fato de não haver um limite mínimo de idade para a participação olímpica é algo discutível, com opiniões favoráveis e contrárias no meio.

"Pode ser que uma de 10 anos esteja preparada para uma sobrecarga maior e que uma de 12 não esteja. A forma como cada um recebe estímulo

lo é diferente."

Seu maior enfoque tem sido o trabalho com as famílias desses atletas, com quem ela faz atendimentos periódicos. "Independentemente da modalidade, no esporte infantil o principal estímulo de estresse são os pais. Eles querem ajudar, mas às vezes acabam se equivocando. Por isso oriento como eles podem ser um efeito motivacional, não de sobrecarga", afirma.

No caso de Rayssa, a psicóloga enxerga a skatista feliz e sem encarar a ideia de participar da Olimpíada no Japão da mesma forma que os adultos ao seu redor. Sua principal preocupação no momento é que a garota de 11 anos se mantenha assim pelos próximos meses. A presença de crianças e adolescentes entre os melhores do mundo no skate não tem sido uma exceção.

O pódio do Campeonato Mundial da outra modalidade olímpica, o park, realizado no último fim de semana também em São Paulo, foi formado por duas japonesas de 13 e 17 anos e pela britânica Sky Brown, 11.

Entre as representantes do Brasil na competição estavam Isadora Pacheco, 14, e Victoria Bassi, 12, ambas acompanhadas pelos seus responsáveis. Thiago Bassi, 37, contou ter escutado durante o evento alguns xingamentos e cobranças vindos de pais direcionados a atletas adolescentes de outros países, atitude que ele afirma reprimir.



Cerca de 500 sites de apostas estão operando no Brasil mesmo sem a conclusão do processo de regulamentação. Essas empresas que já oferecem o serviço no Brasil estão hospedadas em países da África, Ásia e Europa

# Apostas esportivas vão ser liberadas no Brasil em 2020

Cerca de 500 sites de apostas estão operando no país mesmo sem a conclusão do processo de regulamentação

**Carlos Petrocilo**  
Folhapress

Aprovado em dezembro de 2018, o funcionamento legalizado de casas de apostas online deverá começar no segundo semestre de 2020. Após receber mais de 1,8 mil sugestões no processo de consulta pública, o Ministério da Economia concluiu a minuta para regulamentação e submeteu novamente a consulta pública. As opiniões poderão ser enviadas até o próximo dia 27.

Em seguida, o texto seguirá para assinatura do presidente da república, Jair Bolsonaro (PSL). Após seis meses a partir da publicação do decreto, as bancas começam a operar.

A reportagem teve acesso ao documento com as regras previstas para a atividade. Somente maiores de 18 anos poderão apostar. O texto não cita como será composto o modelo de monitoramento das partidas, o que causou preocupação de especialistas diante dos riscos de manipulações em apostas e lavagem de dinheiro.

O dono da casa, o operador, precisa ser pessoa jurídica ou consórcio e deixar uma reserva de R\$ 6 milhões à disposição do governo como garantia para pagamentos dos prêmios. Sócios, diretores, administradores, gerentes, procuradores e fornecedores de tecnologia das empresas que pretendem operar não podem ter tido condenações nos 8 anos anteriores.

O operador terá que pagar R\$ 3 milhões e recolher uma taxa mensal ao governo. O Ministério da Economia es-

tima que esse mercado, após legalizado, deverá gerar faturamento R\$ 6 bilhões por ano.

"O mercado está ansioso pela regulamentação, haja vista o número de contribuições [na consulta pública]", afirma Alexandre Manoel Angelo da Silva, secretário nacional de Avaliação de Políticas Públicas, Planejamento, Energia e Loteria do Ministério da Economia.

De acordo com o advogado Pedro Trengrouse, professor da FGV e especialista em regulação do jogo pela Universidade de Nevada, nos Estados Unidos, cerca de 500 sites de apostas estão operando no Brasil mesmo sem a conclusão do processo de regulamentação.

Essas empresas que já oferecem o serviço no Brasil estão hospedadas em países da África, Ásia e Europa. Assim conseguem driblar a falta de regulamentação e oferecem apostas para competições disputadas no Brasil.

No mês seguinte a aprovação da lei, sancionada em dezembro de 2018 pelo então presidente da República, Michel Temer, marcas logo começaram a negociar contratos de publicidades com os clubes brasileiros. O Fortaleza foi o primeiro a fechar com a NetBet, sediada em Malta e uma das mais populares entre os apostadores brasileiros.

"Um dos pontos que o governo não deixou claro é se vai haver uma quarentena para esses sites que operam ilegalmente no Brasil. A Holanda fez isso e valorizou os que respeitaram as leis", diz Trengrouse.



## Seis portais patrocinam 11 clubes da Série A

**Carlos Petrocilo**  
Folhapress

Atualmente, 6 portais de apostas patrocinam 11 dos clubes da Série A do Campeonato Brasileiro. Corinthians, Santos, Cruzeiro, Botafogo, Bahia, Fluminense, Fortaleza e Vasco estampam logomarcas em espaços como mangas, ombro e barra frontal. O Goiás é o único com patrocínio master.

Atlético-MG e Flamengo têm contratos que não envolvem a exposição na camisa das marcas 188Bet e Sportsbet.io, respectivamente. Anunciada como uma parceria digital é possível a partir do site de Atlético-MG ou Flamengo acessar o portal da 188Bet ou Sportsbet.io -hospedado fora do Brasil- e começar a fazer apostas.

Na Inglaterra, 26 equipes estampam marcas de apostas e juntas faturaram R\$ 1 bilhão. Everton e o Hull City têm como parceiro o SportPesa, sediado no Quênia. Porém, os seis maiores clubes (Manchester United, Manchester City, Arsenal, Tottenham Hotspur, Chelsea e Liverpool) não têm marcas de apostas como patrocinadora.

Segundo a consultoria Global Betting e Gaming Consultants, o rendimento bruto das casas de apostas somente com as partidas de futebol saltou de R\$ 4,6 bilhões, em 2016, para R\$ 6,7 bilhões no ano passado na Inglaterra.

Na Europa, as plataformas oferecem dezenas opções de palpites que vão além do resultado final de cada partida. É possível apostar no autor e tempo de gol, no total de gols marcados no primeiro e no segundo tempo, no total de escanteios marcados.

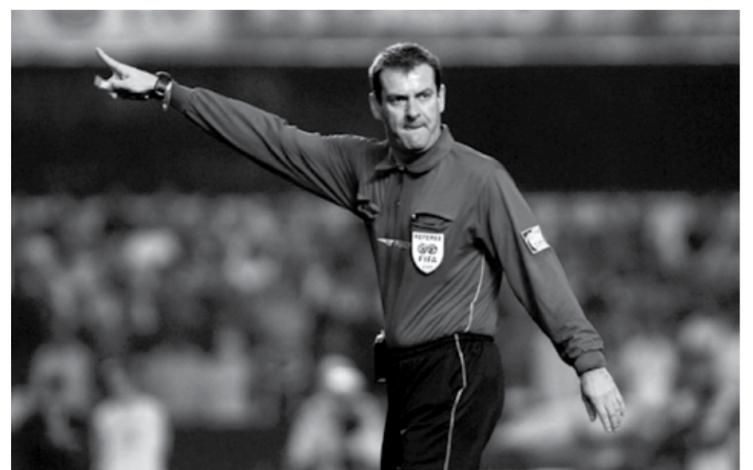


Foto: AP

O árbitro Edilson Pereira protagonizou o caso mais famoso de manipulação de resultados

Sem a regulamentação no Brasil, os sites hospedados fora do país oferecem o serviço que não controle, monitoramento ou garantia de remuneração aos apostadores.

Na 13ª rodada do Campeonato Brasileiro de 2017, milhares de apostadores ficaram sem receber prêmios porque os sites não cumpriram com os pagamentos. Houve seis partidas com seis vitórias dos visitantes, o que multiplicou o valor das premiações em até duas mil vezes. Um portal publicou que não teria condições de pagar os prêmios.

"Prezados, neste dia 12/07 tivemos a maior premiação de nossa história. Algo tão grande que não pudemos prever e, por consequente, não pudemos nos preparar antecipadamente", diz o comunicado.

Para o procurador-geral do Tribunal de Justiça Desportiva Paulo Schmitt, coordenador da comissão de integridade da Federação Paulista de Futebol, o governo precisa

garantir um sistema eficiente de monitoramento para detectar manipulações de resultados. O Brasil já é alvo das máfias internacionais de apostas.

Em 2016, a Polícia Civil de São Paulo prendeu nove suspeitos de terem participado de um esquema de manipulação de resultados nas Séries A2 e A3 do Paulista, além de divisões inferiores do Norte e do Nordeste. Líder da quadrilha no país, Anderson Rodrigues disse que agia sob orientação de apostadores da China, da Malásia e da Indonésia.

O caso mais famoso de manipulação de resultado no futebol brasileiro foi em 2005, conhecido como "máfia do apito". Na ocasião, 11 confrontos do Brasileiro que tiveram o árbitro Edilson Pereira de Carvalho foram anulados após a revelação do escândalo. O ex-árbitro confessou ter participado de um esquema de manipulação de resultados do torneio para favorecer apostadores na internet.

# Nova equipe do Unifacisa será apresentada no próximo dia 27

Jogadores vão participar do Torneio Integração contra as equipes de basquete de Minas Gerais e do Ceará

**Cardoso Filho**  
juosecardosofilho@gmail

A equipe do Basquete Unifacisa, representante paraibano no Novo Basquete Brasil-NBB, principal liga do basquete brasileiro, vai apresentar a equipe que será utilizada nos jogos da elite da competição. A apresentação acontece durante o Torneio Integração, que faz parte da pré-temporada. Já estão treinando e estarão em quadra os armadores Barnes, Gemadilha e Nicolás; os alas Spencer, Gabriel, Miller, Gemerson, Paulo Nery e Antônio; pivôs João Vitor, Pezão, Douglas e Piru. Todos foram contratados, menos Piru, Paulo Nery, Barnes e Pezão, que permaneceram após a Liga Ouro. Barnes - último clube no Brasil foi o Macaé; Miller - recentemente atuando na Ásia e Spencer - que estava jogando na Geórgia.

O Torneio Integração vai acontecer nos dias 27, 28 e 29 deste mês com a participação da Unifacisa, Minas Tênis Clube e Basquete Cearense. Serão três partidas no total, sendo uma por dia: Na sexta-feira (27), às 19h30, o time de Campina Grande enfrenta o Minas. No sábado, 28, às 16 horas, Basquete Cearense e Minas. Encerrando a disputa do Torneio, Basquete Unifacisa e Basquete Cearense se enfrentam no domingo, dia 29, às 16 horas.

Para este torneio o ex-treinador Eduardo Schafer, agora gerente de basquete, disse que essa competição será o primeiro teste da nova equipe e uma oportunidade dos torcedores conhecerem os jogadores e o novo trabalho que está sendo feito no Basquete Unifacisa. Já o novo técnico da equipe, Felipe Santana, o Filet, disse: "A pré-temporada está sendo muito boa, sabemos que para os atletas é difícil ficar 40, 50 dias somente treinando, mas eles estão motivados e percebemos isso na evolução física e tática."

Para este torneio, os ingressos estão sendo vendidos através da internet aos preços de R\$ 50. A meia-entrada para estudantes e idosos terá o valor de R\$ 25. Os ingressos para jogos individuais serão os preços de R\$ 20 e R\$ 10 a estudantes e idosos. Para crianças de 7 a 12 anos, o valor do ingresso custa R\$ 7. Será cobrada taxa de emissão pela internet. Crianças de até 6 anos de idade, acompanhadas dos pais, não pagam.



Foto: Divulgação/Unifacisa

O Torneio Integração vai acontecer nos dias 27, 28 e 29 deste mês com a participação da Unifacisa, Minas Tênis Clube e Basquete Cearense, com todas as partidas sendo realizadas na Unifacisa



## Estreia no Novo Basquete Brasil será contra o Rio Claro-SP

**Cardoso Filho**  
juosecardosofilho@gmail

O Basquete Unifacisa estreia no Novo Basquete Brasil (NBB) no dia 12 de outubro, às 16h contra o Rio Claro, de São Paulo, na Arena Unifacisa, em Campina Grande e na primeira partida a diretoria espera contar com a presença maciça dos torcedores. A competição envolve equipes como Flamengo (campeonato da temporada 2018/2019), Franca, Bauru, entre outros.

A longa caminhada da representante da Paraíba terá continuidade no dia 16, ainda em Campina Grande, contra o Pato Basquete. Depois viaja para São Paulo, onde enfrentará Franca e Bauru. Em seguida terá uma sequência de três jogos na Arena Unifacisa contra Bo-

tafago, Flamengo e São José. Uma série de quatro jogos será o desafio do time de Campina Grande, contra Corinthians, Paulistano, Pinheiro e São Paulo e, concluindo a primeira fase, serão quatro partidas em casa contra Brasília, Mogi, Minas e Basquete Cearense. Para ser campeão da Liga Ouro a Unifacisa vence o São Paulo, na última partida, no Ginásio do Morumbi, pela diferença de dois pontos - 78 (São Paulo a 80 (Basquete Unifacisa).

Os jogos da equipe de basquete da Unifacisa, em Campina Grande, acontecem na Arena de propriedade da própria universidade e tem capacidade para 1.200 pessoas. A diretoria da instituição de ensino investiu cerca de R\$ 10 milhões para a construção do equipamento e na contratação de atletas para

formar a equipe.

O diretor da Unifacisa, Diego Gadelha, foi o idealizador da equipe de Basquete daquela universidade. Em 2012 foi criada com o objetivo de levar o esporte paraibano, nessa modalidade ao patamar nacional. A ideia de Gadelha foi inspirada em clubes da NBA, principalmente na equipe do Boston Celtics. "Nossa meta, desde o início, foi atingir a divisão de elite do basquete nacional", enfatiza.

Desde a sua criação, até a ascensão ao NBB, a equipe do Basquete Unifacisa tem uma trajetória vitoriosa, com importantes títulos, entre eles o hexacampeonato paraibano e a Supercopa do Brasil de Basquete em 2017.

Diego Gadelha destaca a identificação da torcida da

Paraíba com a equipe, principalmente após a histórica conquista da Liga Ouro sobre o São Paulo, em pleno Ginásio do Morumbi, em uma série de playoffs finais de tirar o fôlego. "Foi a maior conquista da história dos esportes coletivos da Paraíba, pois ter um time do estado na primeira divisão é algo que não acontecia há muitos anos. A decisão contra o São Paulo foi a final dos sonhos, pois é uma das grandes equipes esportivas do mundo. Empatar a série em 2 a 2 e ganhar lá dentro tornou tudo ainda mais épico. E o reconhecimento de Campina Grande, recebendo o time que desfilou em carro aberto, fazendo sinais de vitória das janelas, calçadas e mostrando o orgulho pela equipe, significa uma realização muito grande", completa.

## Na Boca do Gol

**Eudes Toscano**  
toscanobr@yahoo.com.br

## O penalty da semana passada

No interior, existem os famosos abnegados do futebol. E Santa Rita, que se encontra a tão somente 12 quilômetros de João Pessoa, sempre teve os seus. São figuras que realizam tudo em benefício de uma causa, sem nada cobrar. O amor está acima de qualquer remuneração. Em determinadas ocasiões, tiram do próprio bolso, para sanar situações financeiras que, muitas vezes, pertencem a dirigentes com responsabilidades maiores.

O time da Usina Santa Rita tinha um. Chamava-se Nilo e residia em terras da empresa, próximo a antiga Ponte da Batalha, no distrito de Santo André. Ali ele plantava suas roças e criava suas galinhas e animais. Era um cidadão de mais ou menos um metro e meio, tinha as pernas arqueadas, e, nas costas, um

defeito ósseo que lhe dava uma semelhança ao Corcunda de Notre Dame, título de um dos maiores filmes que já assisti.

"Seu Nilo", como todos o chamavam, era uma espécie de faz tudo do clube. Presidente, roupeiro, treinador e, nas horas de atender alguém que se machucava, ele disparava com a maletinha de medicamentos nas mãos, entrando no campo de jogo mesmo sem ser autorizado pela arbitragem. Aproveita estes momentos e largava o verbo: "Quem pode fazer logo faz, se não, vai levar adispóis."

Mesmo sem não investir financeiro da empresa, Nilo conseguia fazer do time usineiro que pertencia ao Governador Flávio Ribeiro Coutinho um dos adversários difíceis do campeonato municipal, que contava também com

CTP da Fábrica de Tecidos Tibiry, Santa Cruz, Guarany, Cruzmaltino, Usina São João, Onze, Varzea Nova e Náutico. Nenhum adversário preocupava Nilo, que de vez em quando, dava uma de árbitro. Com sua seriedade e honestidade, tornava-se uma segurança para qualquer jogo.

Era uma sexta-feira, dia de treinamento em preparação para um amistoso importante. No domingo o seu time teria pela frente o Red Cross Esporte Clube de João Pessoa, com jovens valores de muitas qualidades. Nilo tratou de reforçar sua equipe, ou "enxertar", como se diz no vocabulário da bola. Ademar, Valdeci e Eloy foram três jogadores do Santa Cruz Recreativo Esporte Clube, solicitados por Nilo, os quais logicamente, foram esca-

lados para treinar entre os titulares. Do CTP Esporte Clube, lá estavam o grande Tacinho e o zagueiro Dedé Laranjeiras, este fazendo parte do time de reservas.

Final de treino, Ademar disputa uma jogada contra Dedé, e, sem que nenhum dos dois tenha cometido nenhuma infração, Nilo paralisa a jogada e marca penalty contra o time dos Reservas. Mesmo em se tratando de um treino coletivo apronto, os jogadores não gostaram da marcação da infração e partiram para cima do árbitro, reclamando de sua atitude.

Nilo foi claro e direto: "No último treino, não marquei um penal de Dedé em Ademar, como sou um homem honesto, estou marcando agora, o penalty da semana passada..."



# Filme brasileiro dos anos 40 copia americano e "estoura"

## "O Ébrio" foi baseado em "The Lost Week End" e se tornou um estrondoso sucesso nos cinemas dos Estados Unidos

**Hilton Gouvêa**  
hiltongouveaaraujo@uol.com.br

Você sabia que "O Ébrio", filme brasileiro estrelado pelo cantor Vicente Celestino e produzido por sua mulher, a atriz Gilda Ribeiro, foi baseado numa fita similar realizada nos Estados Unidos, intitulada *The Lost Week End*, dirigida por Bill Wilder? A surpresa deste lembrete é que, mesmo sendo a película nacional copiada sob o tema de uma similar americana, cujo ator principal foi Ray Milland, a brasileira acabou em estrondoso sucesso de bilheteria, tanto no Brasil quanto nos EUA. Já a congênera da terra do Tio Sam resultou em fracasso e não emplacou entre os filmes de longa metragem mais preferidos no país, em 1945.

"O Ébrio" estrelado em 1946 – um ano após o fracasso do similar americano – por Vicente Celestino, que na época não possuía o padrão de beleza de Bill Wilder, alcançou vinte anos em cartaz. E se destacou como o filme brasileiro do qual mais cópia se tirou, informa o advogado, pesquisador, musicólogo e crítico cinematográfico José Alves Cardoso. Ele superou com facilidade a bilheteria de "Farrapo Humano", o título em português de "The Lost Week End". "Os dois filmes geravam constantes comparações da crítica da época, por tratarem do mesmo tema", afirma D. Cardoso, como o crítico é conhecido nos meios artísticos e literários.

Após gastar dois anos e 300 mil cruzeiros no processo de restauração de "O Ebrio", a RioFilme o relançou em 1998, quadro a quadro, utilizando um equipamento que melhorou som e imagem, esta última ganhando mais 25 minutos inéditos. Exibido em Paris em 2002, durante um festival brasileiro de cinema, o filme atraiu gente para lotar o L'Arlequin, na Rive Gauche. Ao voltar ao Brasil, a única cópia melhorada do filme foi detida pela Alfândega, apesar de toda a documentação de exportação estar correta.

As sinopses dos dois filmes não podiam ser mais melosas, principalmente a americana. Mes-



Foto do Museu Vicente Celestino e Gilda de Abreu fruto da iniciativa particular que encontrou abrigo no resgate cultural vivenciado em Conservatória, Distrito de Valença

mo assim, a brasileira, sem sair do lugar comum, agradou ao público. Falava de um jovem do interior, com grande talento para a música e boa situação financeira, que se chamava Gilberto Silva. O rapaz muda do vinho para a água, quando sabe que seu pai perdeu os bens, inclusive a fazenda. Sem apoio dos parentes, Gilberto migra para a cidade grande, perambulando pelas ruas, até que, desesperado, entra numa igreja e um padre ouve os seus pedidos de ajuda. O grande sonho do jovem era entrar para a Faculdade de Medicina, mas, para arranjar algum dinheiro, ele se inscreve

numa rádio, para um programa de calouros.

Já a produção americana, mais requintada, retrata o alcoolismo de forma realista, interpretada por Ray Milland. "Este ator viveu, no filme, um sujeito que tem crise de abstinência ao ser privado de beber durante uns dias, daí a razão do título em inglês, "O Fim de Semana Perdido". As crises de delírio retratadas em cena pelo intérprete são impressionantes", coloca D. Cardoso, que adianta: "Apesar de filmado há 72 anos, este filme pode ser visto, hoje, como uma produção atualizada".



Revistas de época sempre traziam fotos do casal em pleno momento de sucesso do cantor

## + Cantor brasileiro nunca deixou o país, mas foi "A Voz Orgulho do Brasil"

Em "O Fim de Semana Perdido", Ray Milland vive Don Birman, que sonha em ser escritor, mas não consegue o objetivo. Então, se afoga no álcool e é acometido de um bloqueio mental. Por fim esquece das pessoas que o rodeiam, inclusive sua namorada, Helen St. James, editora de uma revista. Apaixonada, ela faz tudo para ajudá-lo, sem conseguir.

Nos dois filmes, os resultados finais são idênticos: ambos os personagens – o brasileiro Gilberto e o americano Don Birman, são guindados dos luxuosos palcos para os ambientes das boates de terceira classe e circos de subúrbios.

Sem nunca ter saído do país, Vicente Celestino, como cantor, se tornou "A Voz Orgu-

lho do Brasil", embora por diversas vezes, seus companheiros de elenco demonstrassem claramente que o invejavam, usando golpes baixos para atrapalhar sua carreira. Certa vez um comissário de polícia do interior paulista tentou entrar à força no camarim de Celestino e o porteiro não permitiu. Irritado, o homem sacou um revólver e, Celestino, a espada, que usaria durante a representação de um duelo em opereta. O ator Alfredo Silva interferiu e a briga acabou, mas Vicente foi preso. No dia seguinte uma ordem do presidente da República mandou soltar o astro

Muito disputado pelas emissoras, Celestino foi autor de diversos sucessos, como "O Ébrio", "Conceição" – esta

última imortalizada na voz de Cauby Peixoto -, "Serenata", "Coração Materno" e "Mia Gioconda". Lançado em 1936, "O Ébrio", lançado em 1936, foi adaptado para o cinema 10 anos depois, conservando a sua característica sombria e dramática", lembra Dom Cardoso. Narra a vida de um homem que, após ser traído pela esposa, ver a morte da filha e a rejeição dos parentes, se transforma num alcoólatra. Seu desempenho no filme leva a plateia às lágrimas, quando implora para morrer, a fim de acabar o sofrimento.

Antonio Vicente Felipe Celestino, nasceu no bairro de Santa Teresa (RJ), em 1894. Foi o primeiro varão da família Celestino. Garoto travesso, muitas vezes levou

chineladas da mãe. Uma das maiores descobertas de Vicente aconteceu aos dez anos, em 1904, quando ele avistou na rua um homem estranhamente vestido, portando uma caixa falante. Era um gramofone – o aparelho de som de hoje. De outra vez, ao assistir um filme musical, correu para trás da tela a fim de ver, ao vivo, as moças que cantavam e dançavam sobre o palco. Deu trabalho para explicar-lhe que a cena era projetada por uma máquina.

A atriz Gilda Abreu, em cujos braços Vicente teve um infarto mortal dentro de um quarto de hotel, era esposa do cantor-ator. Ela conta, no livro de sua autoria "Minha Vida com Vicente Celestino, uma cena engraçada, vivida por

ambos, em 1921. Vicente ia encenar "O Mártir do Calvário (Jesus). Mas, na hora de ser alçado ao céu, por um cabo de aço, perdeu metade do bigode postiço. Foi aquela confusão. Vicente pegou uma "piola" de cigarro no chão e improvisou um bigode com as cinzas. A encenação foi salva, embora o bigode de Jesus ameaçasse desmanchar-se.

"O Ébrio", lançado em 1936, foi adaptado para o cinema 10 anos depois, conservando a sua característica sombria e dramática, lembra Dom Cardoso

# Mailand recebeu o Oscar sem o reconhecimento do público

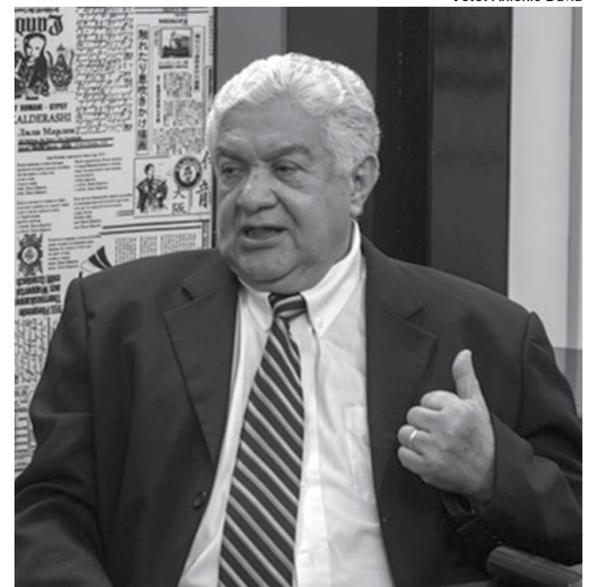
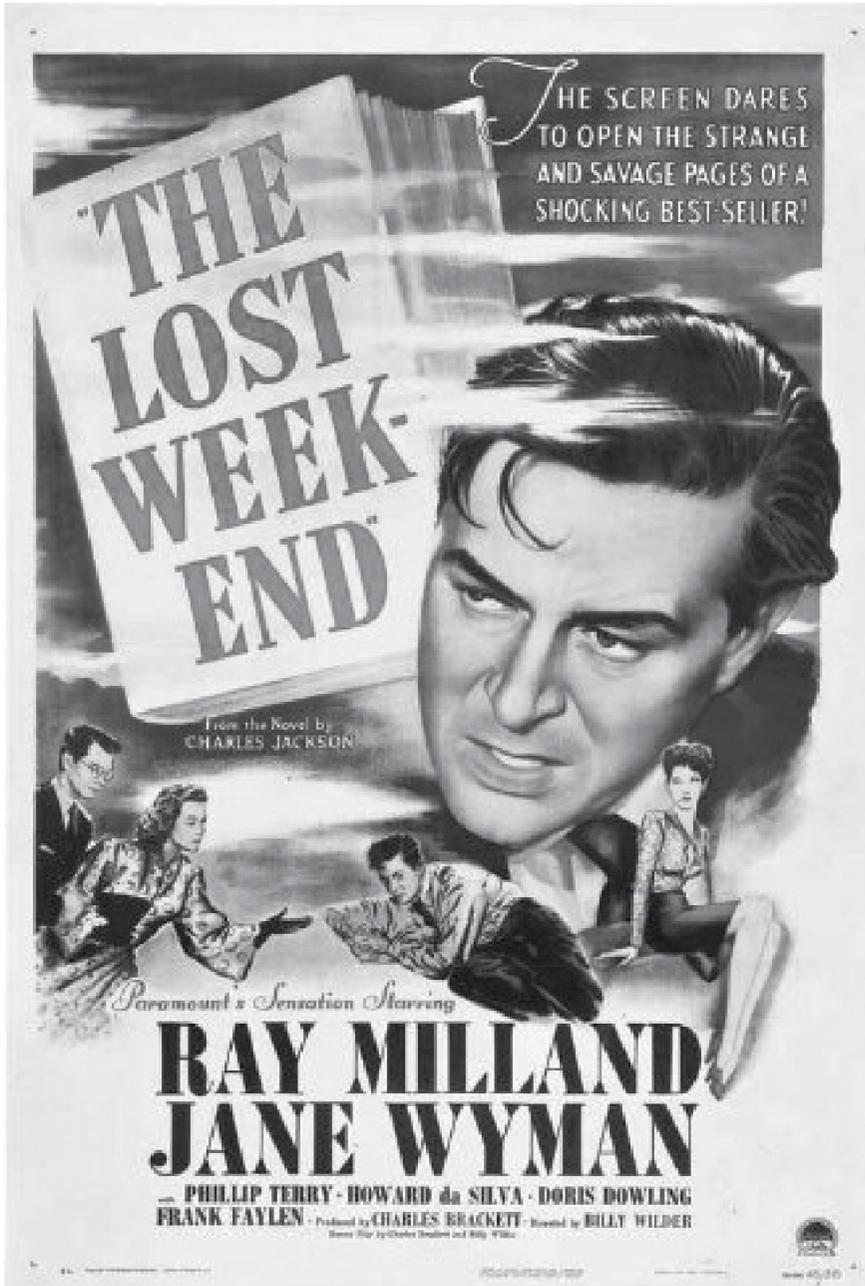
Talento do ator não foi suficiente para que "The Lost Week End" conseguisse emplacar nas bilheteria

**Hilton Gouvêa**  
hiltongouvea@bol.com.br

Não se sabe porque, mas o ator inglês naturalizado americano Ray Milland, aos 40 anos, não conseguiu emplacar o seu filme "The Lost Week End", que inspirou a criação de "O Ébrio", no Brasil, em 1946. Mylland ganhou o Oscar de Melhor Ator com essa fita, mas o público não gostou do enredo. Resultado: nos Estados Unidos e no mundo inteiro, sua película resultou em fracasso de bilheteria.

D. Cardoso diz que Reginald Alfred Trustcott-Jones, que americanizou seu nome artístico para Ray Milland, dirigiu inúmeros filmes, foi ator em vários, contracenou com as musas da época como Marilyn Monroe e Ava Gardner, por exemplo, mas não foi longe com The Lost Week End. No País de Gales, onde nasceu, chegou a diretor e ator de cinema. Também ganhou o prêmio do Festival de Cannes e pousou de herói nas cenas de ficção científica entre 1940 e 1950, quando a Paramount criou este gênero de filmes.

"Talvez por causa de alguns episódios de azar, ele não tenha obtido sucesso com The Lost Week End. Também não se sabe se, nos EUA, assistiu ao sucesso de bilheteria de "O Ébrio", esclarece D. Cardoso. Inicialmente Ray Milland usou o nome artístico de Reginald



Dom Cardoso, estúdio de cinema, conta que o ator Reginald Alfred Trustcott-Jones mudou o nome para Ray Mailand

Mullane. Depois foi Spike Milland, Raymond Milland. Aliás, o nome Milland ele tirou de uma rua com aspecto de mal assombrada, chamada Milland Street, em Neath, na Inglaterra. Será que veio daí o seu azar?

Era tímido e, às vezes, se enrolava numa fala. Ao ganhar o Oscar de melhor ator em 1946, não disse uma palavra

Nem riu para a plateia. Quando integrou a Guarda Real de Londres, foi chamado à atenção, por displicência. Simultaneamente faturou O Oscar em 1946 e ganhou o Festival de Cannes. Nos EUA, nesses tempos, era

considerado um novato ca-fona. Além de não participar dos ambientes badalados e de glamour, casou com a atriz Muriel Weber e morreu em sua companhia, após 51 anos de União.

Ray Milland dirigiu inúmeros filmes, foi ator em vários, contracenou com as musas da época como Marilyn Monroe e Ava Gardner

## + Ator deixou duas estrelas na calçada da fama e ainda recebeu prêmios

Milland deixou, também, duas estrelas na Calçada da Fama, na Vine Street (EUA). E por que não chegou lá com The Lost Week End? "Há quem diga que a população conservadora dos Estados Unidos, na década de 1940, não apreciava este tipo de filme, que falava da miséria de um homem provocada pelo alcoolismo. "O americano cria pornografia e más sinas para consumo extrafronteiras, mas ele próprio não aprecia, guardando-se as proporções", compara Dom Cardoso.

Começou a filmar na Inglaterra em 1920. Resolveu ir para os EUA, enfrentar Hollywood, por considerar seu país natal ainda muito atrasado no que se referia às tecnologias de filmagens. O filme Farrapo Humano, tradução em português de The Lost Week End, não emplacou nem no México. O Ébrio, similar estrelado por Vicente Celestino quebrou o tabu americano de conservadores, talvez por achar que o fracasso de um homem, diante da bebida, fosse melhor incorporado por atores latinos.

"Celestino revelou-se bom ator e cantor, e seu papel, em "O Ébrio", impressionou bastante a crítica no Brasil e no mundo", diz D. Cardoso. "O biótipo de galã ostentado por Ray Milland,



Doris Dowling (centro) olhando para Ray Mailand (chapéu) que conversa com Frank Faylen numa cena do filme The Lost Week End (Farrapo Humano, no Brasil)

era aquele do tipo bonito, de cabelos englostorados e lisos, totalmente o contrário do que Celestino apresentou na tela". Mesmo sem sair do Brasil, Celestino conquistou um público de várias idades, que admiravam seus cabelos cacheados e seu rosto comum. A voz diferente, foi outro item a favor do brasileiro, que exibia sua voz ora em shows, peças e filmes.

Milland, a partir do final da década de 1950 participou de inúmeros filmes, como ator ou diretor. Após alguns anos de ausência, retornou às telas em 1970, no filme Love Story e em

outros de baixo orçamento. Participou de diversos episódios em filmes e seriados para a televisão. Os exemplos estão em Hart to Hart, Charlie's Angels, The Love Boat, Fantasy Island, Rich Man, Poor Man, entre outros. Um câncer no pulmão, que talvez tenha se originado do hábito de fumar, matou-o aos 81 anos

O ator angloamericano, era um homem taciturno, bonito, mas nada de volúvel, Seu casamento com Muriel durou mais de meio século. O casal nunca esteve na crista das fofocas. Não se sabe da ocorrência de filhos. "Eles viviam em harmonia ímpar

e, na minha opinião, atribuo ao hábito de não beber, o desempenho insofocável de Mylland, para o público americano, no papel de um alcoólatra", reflete D. Cardoso. "Por outro lado, a crítica americana o elegeu para o Oscar de Melhor ator, neste mesmo filme. Dá para entender?

Outra curiosidade nesta história dos dois filmes é que, Celestino e Gilda, Milland e Muriel Weber nunca se viram ou falaram. Os casais se mantiveram à distância. Acostumados a vencer em todas, os americanos preferiram ignorar o fato de que, um filme de tema idêntico, realizado

com boa tecnologia nos EUA, tenha perdido em bilheteria, neste mesmo país, para uma película trabalhada com orçamento médio e tecnologia simples.

A imprensa especializada em filmes e seus astros dizia, na época, que "Milland sempre se manteve afastado das luzes de Hollywood, sendo raramente mencionado nas colunas sociais. "Este comportamento muito discreto, era próprio dos habitantes de Glamorgan, no País de Gales, onde o ator nasceu", observa D. Cardoso. O tipo caladão e pouco sorridente do europeu entrava em contraste com os indiscretos americanos, como Marilyn Monroe, que não hesitava em tirar uma foto com as saias esvoaçantes, para ganhar espaço nas colunas de fofocas

Em 1973 Ray Mailland já estava com 68 anos, mas gostava de ser fotografado em atividades que denunciavam estar em boa forma. O câncer já o perseguia, com pequenas hemorragias no pulmão e dores fortes na região lombar. Um exame realizado num hospital de Beverly Hills, depois em Nova Iorque, revelou uma metástase progressiva. O único fato coincidente entre a vida dele e a de Vicente Celestino foi a de que ambos morreram com suas únicas esposas ao lado.

# Rádio brasileiro: quase cem anos de informação e entretenimento

Discurso do paraibano Epitácio Pessoa, então presidente da República, inaugurou transmissões no país

**Rammom Monte**  
 rammom511@hotmail.com

Fotos: Arquivo

Há 97 anos, mais precisamente no dia 7 de setembro de 1922, no alto do Corcovado, no Rio de Janeiro, ondas sonoras ecoavam a voz do então presidente Epitácio Pessoa. Acontecia a primeira transmissão de rádio na história do Brasil. O evento marcava o centenário da Independência do Brasil, mas a data teria um significado muito maior: a estreia da radiofonia brasileira. Nesta quarta-feira (25), comemora-se o Dia Nacional do Rádio. Hoje, de acordo com a Associação Brasileira de Empresas de Rádio e Televisão (Abert), mais de nove mil emissoras operam em todo o território brasileiro com uma cobertura de 83,8% dos domicílios.

Se o discurso de Epitácio marcou a primeira transmissão, não se tem tanta clareza sobre qual seria a primeira emissora de rádio do país. Há quem defenda que foi a Rádio Clube de Pernambuco, sediada em Recife. Outros afirmam que a pioneira foi Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Seja em Pernambuco ou no Rio de Janeiro, o que importa é que o rádio adentrou às casas e ouvidos dos brasileiros na década de 1920 para não mais sair.

Na Paraíba, a primeira emissora foi a Rádio Tabajara, inicialmente chamada de Rádio Diffusora da Parahyba, e, posteriormente, Clube da Parahyba. Fundada em 25 de janeiro de 1937, apenas em 15 de abril do mesmo ano é que ela mudou o nome para Rádio Tabajaras da Parahyba. A alteração final até chegar no atual nome só ocorreu devido a questões publicitárias, como aponta o jornalista e radialista Gilson Souto Maior, em seu livro "Rádio - História e Radiojornalismo".

"Eu digo que a Tabajara foi e continua sendo muito importante. Ela foi o começo de tudo, o rádio que existe hoje nasceu com a Tabajara em 1937. Então, todo 25 de janeiro, a Tabajara completa sempre uma presença na vida paraibana e de uma emissora que foi reveladora de grandes valores", disse Gilson.

Há 50 anos na Rádio Tabajara e sendo um dos



Sede da PRI-4 Rádio Tabajara da Paraíba quando ainda funcionava no centro da capital, onde hoje é o Fórum

funcionários mais antigos do local, Assis Mangueira também reforçou esta ideia de escola que o veículo tem.

"A Rádio Tabajara é uma escola. Sempre foi. Quem não passasse pela Tabajara não tinha tanta repercussão profissional como em outras empresas. Muita gente foi reconhecida profissionalmente. Saíram muitos profissionais aqui da rádio para outras emissoras de outros estados, como Rádio Nacional, no Rio de Janeiro, Jornal do Commercio e outras emissoras, como em Salvador e também São Paulo e Belo Horizonte", lembrou.

O também jornalista Josélio Carneiro escreveu um livro sobre a Rádio Tabajara. Segundo ele, grandes artistas passaram pelos quadros da rádio. Ele também lembrou de coberturas tradicionais feitas pela emissora.

"Pela Tabajara passaram nos programas, Luiz Gonzaga, o próprio Jackson do Pandeiro foi artista contratado pela rádio. Teve também a Orquestra Tabajara, Ângela Maria, Caubi Peixoto. A rádio sempre foi tradicional em transmissões de flashes nos carnavais. Tradição de transmitir o desfile de 7 de setembro, entre outros", disse.

/// A Rádio Tabajara é uma escola. Sempre foi. Quem não passasse pela Tabajara não tinha tanta repercussão profissional como em outras empresas. Muita gente foi reconhecida aqui ///

## + Cobertura especial na morte de Mariz

Com tantos anos de casa, Assis recorda alguns de seus principais momentos. Ele foi contratado pela rádio em 1969. "Eu cheguei na época da Copa do Mundo de 70 e o Brasil foi tri, e isto me marcou. Eu fiz a transmissão aqui no Palácio da Redenção na data em que veio a taça Jules Rimet, que saiu rodando o país todo e quando chegou aqui, eu fiz a transmissão, a cobertura da chegada da taça, o período que ela ficou em exposição, isto marcou", disse.

Outros momentos que ele guarda bem na memória são as coberturas das eleições. Antigamente, era através das notícias vindas pelas rádios que a população ia acompanhando a apuração das urnas, já que o voto era ainda realizado em papel. Outra cobertura em especial também foi importante na vida de Assis: a morte de Antônio Mariz.

"O que me marcou muito também foi a cobertura da morte de Antônio Mariz. Até mesmo por conta da repercussão nacional, a gente era convocado por outras emissoras, jornais, para fazer flashes contando os fatos", disse.

### O rádio vai morrer?

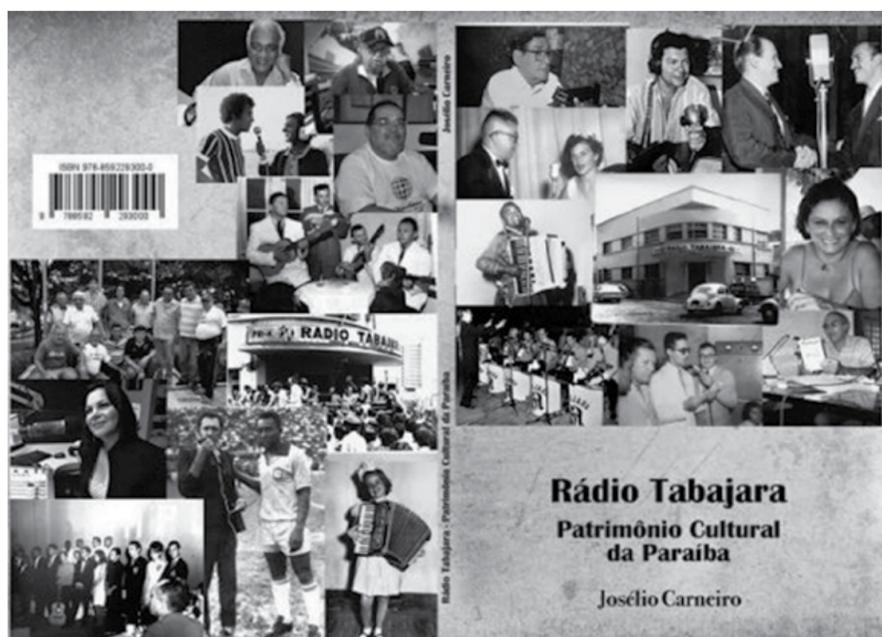
Basta chegar uma nova tecnologia que uma frase é sempre entoada: o rádio vai morrer. Foi assim com a chegada da televisão, na década de 1950, e com o advento da internet. Mas Gilson Souto Maior não enxerga nem tão cedo esta morte do rádio.

"No mês que a gente comemora o rádio, eu diria que já deram muito atestado de óbito para o rádio. O primeiro foi dado em 1950, com a inauguração da televisão no Brasil, por Assis Chateaubriand. Todo mundo dizia que com a TV o rádio iria

acabar e na verdade o rádio se incorporou cada vez mais, mesmo tendo que mudar suas atitudes", disse. Para ele, a chegada da internet, não só não representa a morte do rádio, como também é uma ferramenta importante de auxílio em seu fazer.

"Disseram que com a chegada da internet e seus equipamentos, com suas redes sociais, o rádio acabaria. E ele não acabou. O rádio hoje está se solidificando cada vez mais. As redes sociais são um aparato da melhor qualidade para quem quer fazer bom rádio. Usar podcast para guardar as matérias, o e-mail para receber mensagens dos ouvintes, usar o WhatsApp até para reportagens, usar finalmente as redes sociais para dinamizar a presença do ouvinte na programação do rádio. Hoje não faz rádio bom e de qualidade quem não quer. Porque se é um jornalista de visão, aproveita tudo isto que as redes sociais têm e faz com que o rádio seja muito mais factual, muito mais presente", cravou.

Por fim, ele elencou quais são, para eles, os requisitos que uma boa emissora de rádio precisa ter. "O rádio é aquele veículo de comunicação que o ouvinte vê pelos ouvidos. A fala do rádio é muito forte. As notícias são o que interessam para os ouvintes. Uma rádio que não tem notícia não tem nada. Então pra mim rádio é utilidade pública, boa informação, participação popular no dia a dia e a música. Mas a utilidade pública e a notícia para mim, estes dois aspectos são os mais fortes. O rádiojornalismo é quem faz com que o rádio continue vivo e lhe digo uma coisa, não vai morrer nunca", finalizou.



Recortes do arquivo editado pelo jornalista Josélio Carneiro onde aparecem grandes personagens da história da emissora



Quando você aguça a curiosidade do leitor, termina tendo um retorno muito gratificante. Escrevi na última coluna sobre Gilberto Freyre e o seu livro Assucar e logo me instigaram a escrever sobre Câmara Cascudo e seus livros que falam do Universo Gastronômico: Os dois volumes de História da Alimentação no Brasil, Antologia da Alimentação no Brasil, Sociologia do Açúcar e Prelúdio da Cachaça.

Pois bem, aqui estou querendo, inicialmente, vivenciar o mundo Cas-cudiano onde concordo com a ideia de que nenhuma outra atividade fora a alimentação é tão permanente na história humana. E ao mesmo tempo não posso deixar de admirar o seu conceito de rito alimentar, do preparo à refeição, ser valorizado enquanto um meio de integração social e as tradições alimentares serem elementos cruciais. Mesmo podendo discordar um pouco quando ele confronta Goethe (sou um fã incondicional) ao afirmar que o princípio de tudo é a fome, cuja visão está bem definida na Sociologia da Alimentação. Já Goethe, preconizava que o princípio de tudo é a ação.

Existem aqueles que, como eu, defendem que Gastronomia é Cultura e neste contexto as obras de Câmara Cascudo são de fundamental relevância. No entanto, a discussão do tema é vasta e encontramos escritos que consideram na temática da gastronomia ideias inusitadas, desde a crença que o índice de civilização de um povo pode ser medido pelo requinte de sua cozinha, ou até, segundo Brillat-Savarin, que o destino das nações depende da maneira como elas se alimentam.

Me permitam aqui repetir as palavras de outrem analisando um dos capítulos do livro História da Alimentação no Brasil de Câmara Cascudo sobre Cozinha Africana "Jamais sabemos o número exato de africanos escravizados que desembarcaram no Brasil. Em terras brasileiras, houve o encontro de muitas nações e culturas, de povos que, na África, são tão dessemelhantes quanto um russo de um inglês. Aqui trocaram experiências e costumes, sob as mais adversas condições. Criaram, reinventaram e preservaram sua gastronomia, seja nos gestos, nos ingredientes ou nos modos de preparo, alinhando comida e religião". E, em homenagem a isto apresento a receita de hoje típica da cozinha angolana.

**Bom Apetite!**

Visual, aromas e sabores

# O significado social da cozinha

**H**oje apresento para vocês a sugestão do livro História da Alimentação no Brasil de Câmara Cascudo, nascido em 1898, no Rio Grande do Norte, formado durante os anos 20 do século XX, e escritor ativo até meados dos anos 70, onde destaco a importância do mesmo no resgate cultural de nossos hábitos alimentares. A riqueza deste livro é devida primeiro a apresentação da formação dos nossos sabores e aromas apresentando a origem através dos hábitos alimentares dos indígenas, da chegada dos lusitanos e por último da união com a rica gastronomia africana. Foi através da simbiose desses três universos distantes e de continentes diferentes que formamos a gastronomia brasileira na sua origem. Porém ele não ficou preso apenas nessa formação e procurou através de um trabalho metódico repleto de viagens e experimentações e degustações in loco descobrir desde receitas e ingredientes específicas de várias regiões e comunidades pelo Brasil afora, até bebidas típicas, folclore da alimentação, superstições, sociologia da alimentação (talvez o capítulo que mais me chamou atenção), elementos básicos e técnicas culinárias e por fim algo surpreendente que ele chama de ritmo da refeição, dividido em quando e como se comia, levando em conta que aquilo que hoje chamamos de café da manhã, almoço e jantar foi herdado dos portugueses. Com o passar do tempo, o lugar e o horário da refeição foram mudando de acordo com o ritmo de vida das pessoas. Imaginem que antigamente o café era às 6h, o almoço às 9h,

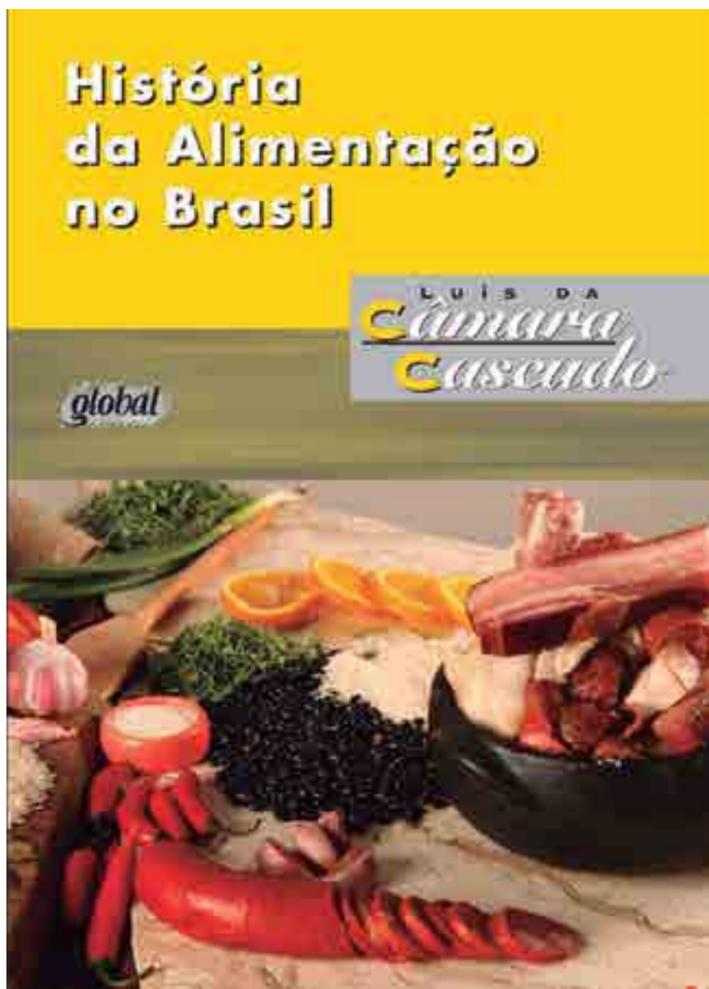
o jantar às 15h30 e a ceia às 18h, merendas e aperitivos, um documentário musical com canções de beber e o banquete com a influência francesa, sim, a nossa gastronomia não seria incólume a mesma.

Tem um pensamento dele que, mesmo impreciso no tempo atual, ainda tenha sua importância "por meio do gosto, as preferências pelos sabores brasileiros poderiam resistir às propagandas dos alimentos industrializados, mesmo que submissos ao passo da vida nas grandes cidades". Penso que não resistimos tanto assim, mesmo com a ressalva dele. Leia agora a resenha do livro História da Alimenta-

ção no Brasil de Luís da Câmara Cascudo.

Interessado na mistura do feijão com o arroz, no preparo dos temperos, no corte de legumes e verduras, nas delícias das sobremesas, nos rituais e superstições alimentares, Luís da Câmara Cascudo reuniu durante mais de vinte anos informações (e provou comidas) para traçar a sua História da Alimentação no Brasil, espécie de história do brasileiro, através daquilo que entra pela sua boca. Com uma abrangência enciclopédica, o mais completo e fascinante estudo sobre a cozinha brasileira, em seus múltiplos aspectos, a obra divide-se em duas partes. Na primeira, o autor analisa

Foto: Divulgação



o tríplice legado que, misturado, refogado e temperado, iria formar a cozinha brasileira típica: a herança indígena, africana e portuguesa. A segunda parte vai muito além do estudo da cozinha brasileira, com seus sabores e odores, pratos típicos e misturas, registrando e analisando, com gula, mas sem pressa, os múltiplos elementos sociais que giram próximo à cozinha: a sociologia da alimentação, o ritmo da refeição (dos bons tempos em que a família se reunia ao redor da mesa patriarcal à época do fast-food), o folclore e as superstições ligadas à alimentação, as bebidas de preferência do brasileiro. Discute ainda questões que afetam o paladar e o apetite de todos nós, como os mitos ligados à cozinha africana e a contribuição de imigrantes, sobretudo alemães e italianos. Em síntese, a História da Alimentação no Brasil é um saboroso prato literário, ressaltando uma cozinha original que, se a observação de Brillat-Savarin que citei na Pitada for correta, terá um brilhante destino.

## Lev, preparar e comer

### FRANGO COM GINGUBA

Para esta receita vamos precisar de:

#### Ingredientes

- Quatro Pernas de frango
- 50g de Ginguba (Amendoins torrados e moídos sem sal)
- Uma Cebola
- 4 colheres de sopa de extrato de tomate
- Um copo de Água
- Uma colher de sopa de Óleo de Palma (dendê)
- Sal e gindungo (pimenta-malagueta) a gosto
- Coentro picado a gosto

#### Utensílios

- Uma panela média
- Uma espátula pão duro



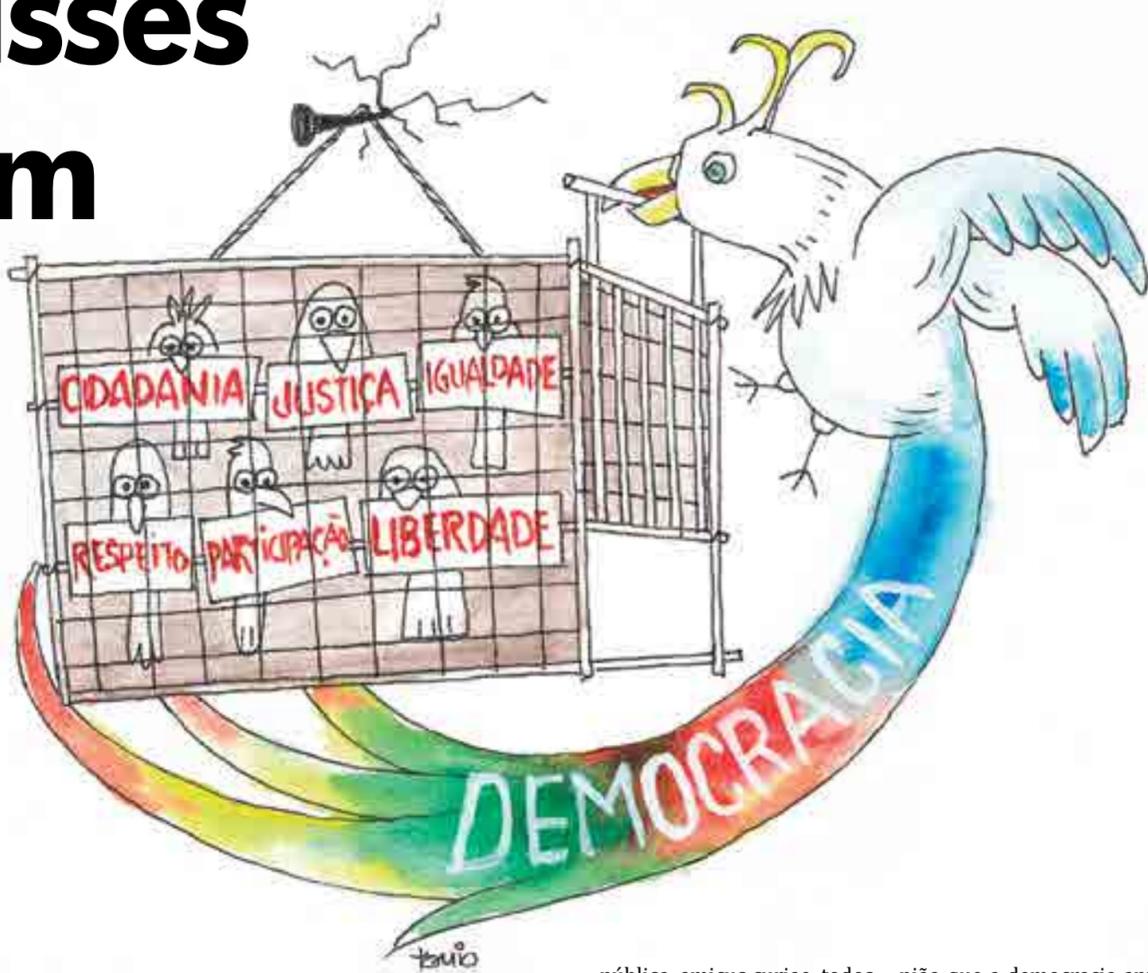
**Classificação:** prato principal  
**Tempo de preparação:** 30min  
**Dificuldade:** fácil  
**Porções:** 2 (duas) pessoas

#### Preparo

- 1 - Doure o frango no óleo de palma, depois adicionar a cebola bem picada e deixar refogar um pouco.
- 2 - Acrescente o extrato de tomate e o copo com água.
- 3 - Deixe cozinhar em fogo baixo.
- 4 - Adicione o amendoim triturado, tempere com sal e gindungo, mexendo várias vezes.
- 5 - Se necessário, ir acrescentando um pouco de água (o molho deve ficar com uma consistência grossa).
- 6 - Acrescente o coentro picado para finalizar.
- 7 - Sirva com arroz branco.

**Vamos cozinhar?**

# Elites e classes políticas em disputa pelo consenso popular



Alexandre Nunes  
alexandrenunes.nunes@gmail.com

A democracia não é o “poder do povo, pelo povo, para o povo”, segundo a famosa definição do presidente Lincoln em 1861, mas é a competição entre elites dirigentes, entre classes políticas pela disputa do consenso popular. É o que defende Giuseppe Tosi, professor de Filosofia Política da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

O doutor em Filosofia pela Universidade de Pádua, na Itália, acrescenta que o povo não governa nas grandes, complexas e pluralistas sociedades modernas e contemporâneas, mas escolhe quem o vai governar. “E na democracia, assim entendida, o povo pode participar não somente no momento do voto, mas também em outros momentos através dos instrumentos de democracia participativa disponíveis pela nossa constituição nos três poderes”, complementa.

Segundo explica Giuseppe Tosi, no Poder Legislativo, a participação se dá por meio de consultas prévias como o plebiscito e, a posteriori, como o referendo; audiências públicas; leis de iniciativa popular, representando uma maneira de consultar a sociedade civil sobre decisões relevantes, as quais terão impacto sobre

os aspectos sociais e econômicos do país; e também participação na formulação das leis, a exemplo da Lei da “Ficha Limpa”.

A participação do povo no Poder Executivo acontece através dos conselhos de gestão e de direitos; direito de petição, ouvidorias públicas e privadas (ombudsman), or-

camento participativo, permitindo uma intervenção direta da sociedade civil, interagindo com a esfera do Executivo na elaboração, execução e controle das políticas públicas.

Já no Poder Judiciário, a participação acontece por meio do júri popular; ação popular; representação ao Ministério Público; ação civil

“Povo não governa nas grandes, complexas e pluralistas sociedades modernas e contemporâneas, mas escolhe quem o vai governar”

pública, *amicus curiae*, todos instrumentos com finalidade de fazer com que os serviços públicos oferecidos pelo Estado, através de políticas sociais, sejam fiscalizados pelo Ministério Público e pela ação judicial (decisão de juiz), para evitar que ocorra dano ou fraude ao patrimônio público.

Para o doutor em Antropologia e Sociologia da Política pela Université de Paris, na França, Alder Júlio Ferreira Calado, democracia é uma frágil flor que teima em desabrochar por entre as pedras da violência. Ele diz ter tomado a liberdade de parafrasear o Papa Francisco, que em sua última viagem apostólica às nações africanas, em missão de reconciliação e paz, se referiu à democracia como uma frágil flor.

Alder Calado é da opi-

nião que a democracia apresenta alguns traços que considera dignos de destaque. Um primeiro se acha à vista, a partir mesmo de sua etimologia: o povo como fonte maior de poder, tal como se acha inscrito nas Constituições vigentes em tantos países, inclusive na Constituição do Brasil: “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição (Artigo 1º: Parágrafo Único)”.

“Outro ponto a merecer realce diz respeito à forma como tal poder deve ser exercido: diretamente ou de forma representativa. O que isto quer dizer? Começemos, pela forma direta com a efetiva participação dos seus cidadãos e cidadãos, nas decisões fundamentais de interesse do conjunto da sociedade”, complementa.

Foto: Divulgação



“O povo pode participar não somente no momento do voto, mas também em outros momentos através dos instrumentos de democracia participativa disponíveis pela nossa Constituição nos três poderes”

Giuseppe Tosi

## As origens da democracia

A democracia nasce na Grécia antiga e vigora nos séculos VI e V a.C. especialmente em Atenas, e é algo peculiar da Grécia. Segundo explica Giuseppe Tosi, existiam também cidades-estado na antiguidade, como entre os etruscos, os fenícios e os romanos; mas nenhuma delas era regida de forma democrática como em Atenas, mas geralmente monárquica, aristocrática ou tirânica.

“A democracia vigorou em Atenas cerca de dois séculos, teve uma vida bastante breve e

conturbada e conviveu com períodos de oligarquia e de tirania. Após a guerra do Peloponeso as cidades gregas se enfraqueceram nesta guerra fratricida e foram dominadas por Felipe de Macedônia e depois por seu filho Alexandre Magno, entrando a fazer parte dos impérios helenísticos e posteriormente do império romano. Os romanos admiravam a Grécia, mas não seguiram o seu exemplo: Roma foi uma aristocracia latifundiária, imperialista e militar e não uma democracia”, sublinha.

Tosi comenta que a de-

mocracia como regime quase desapareceu da história do ocidente e do mundo por longos séculos, suplantada por monarquias, impérios, tiranias, ditaduras, teocracias. Também o conceito de democracia adquiriu um significado negativo de poder de um povo (uma plebe ou um vulgo) considerado ignorante, violento, instável, incompetente, inconstante e incapaz de governar.

“Esta imagem foi alimentada também pela hostilidade à democracia de grandes filósofos, entre eles o maior de

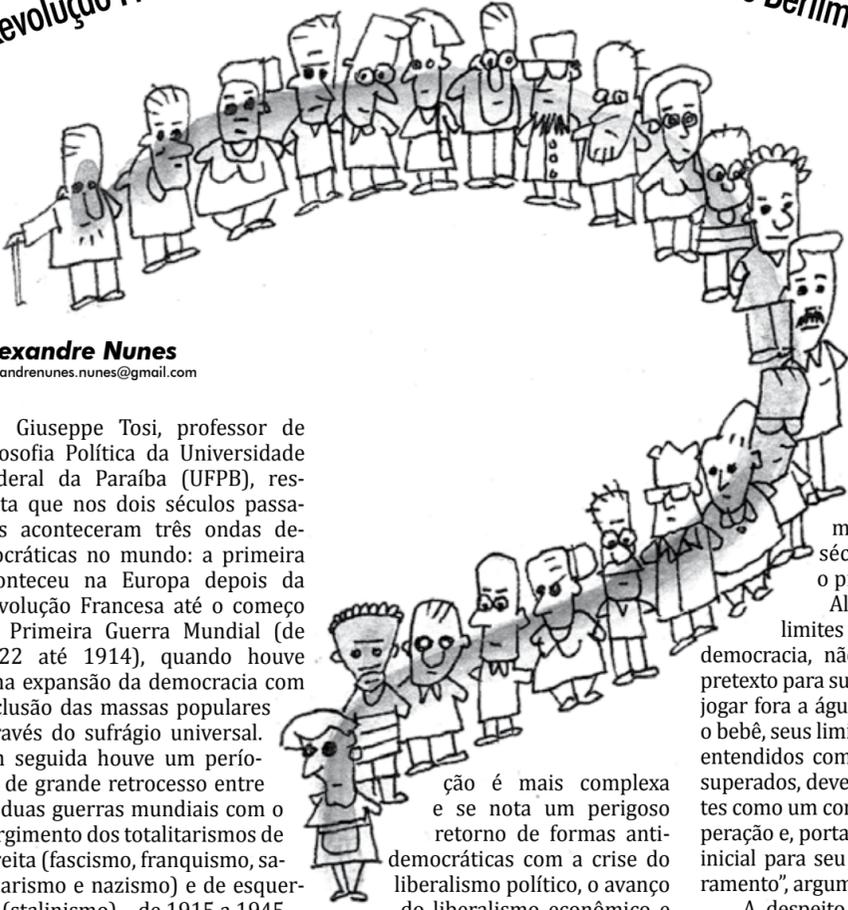
todos, Platão, que era contra a democracia, o regime que havia condenado à morte o seu mestre Sócrates. Na república, Platão propõe uma comunidade política governada não pelo povo ignorante, mas por aqueles que sabem, os reis-filósofos. Aristóteles, ao contrário, era mais favorável à democracia do que o seu mestre, mas era radicalmente contrário à demagogia”, observa.

Giuseppe Tosi esclarece que a democracia volta como regime e como conceito mais positivo somente na Modernidade,

com as chamadas revoluções burguesas: a Revolução Gloriosa da Inglaterra de 1688/89, que cria uma monarquia parlamentar, monárquica na forma de governo, mas democrática de fato, ainda que com uma cidadania restrita; a revolução ou independência dos Estados Unidos da América que cria a primeira grande democracia moderna e a revolução francesa que funda uma república democrática cujas características servirão de referência para a maior parte das democracias do mundo.

# Um regime que vem em 'ondas'

Revolução Francesa, conflito mundial, guerra fria e muro de Berlim são marcos na caminhada do processo democrático na história recente



**Alexandre Nunes**  
alexandrenunes.nunes@gmail.com

Giuseppe Tosi, professor de Filosofia Política da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), ressalta que nos dois séculos passados aconteceram três ondas democráticas no mundo: a primeira aconteceu na Europa depois da Revolução Francesa até o começo da Primeira Guerra Mundial (de 1822 até 1914), quando houve uma expansão da democracia com inclusão das massas populares através do sufrágio universal. Em seguida houve um período de grande retrocesso entre as duas guerras mundiais com o surgimento dos totalitarismos de direita (fascismo, franquismo, salazarismo e nazismo) e de esquerda (stalinismo) – de 1915 a 1945.

A segunda onda da democracia se deu entre 1948 e 1989, mas foi comprometida e “congelada” em parte pela guerra fria. E a terceira onda se deu após a queda do muro de Berlim quando as ex-repúblicas soviéticas se tornaram independentes e democráticas com reflexos em outras partes do mundo, inclusive na América Latina com os processos de transição democrática que chegaram até o começo do século XXI.

“Nas últimas décadas, a situa-

ção é mais complexa e se nota um perigoso retorno de formas antidemocráticas com a crise do liberalismo político, o avanço do liberalismo econômico e do populismo no Ocidente e de regimes autoritários e autocráticos na China e na Rússia e em outros países”, frisa.

Para o antropólogo e sociólogo Alder Calado, a democracia na Grécia não era exercida por todos os seus habitantes. Dela ficavam excluídas as mulheres, além dos escravos e outros segmentos considerados inferiores. Dela só participavam os homens livres. Aí se acha seu pecado original que se expandiria

mundo afora e por séculos posteriores, até o presente”, constata.

Alder alerta que os limites com que nasceu a democracia, não devem servir de pretexto para sua invalidação. “Seria jogar fora a água suja da bacia com o bebê, seus limites devem antes ser entendidos como desafios a serem superados, devemos tratar tais limites como um convite à constante superação e, portanto, como um passo inicial para seu incessante aprimoramento”, argumenta.

A despeito dos limites da democracia, sobretudo na contemporaneidade, Alder explica que não devemos perder de vista que, se o mundo vai mal com ela, será muito pior sem ela. “Isto, contudo, não significa que nos conformamos com os seus esdrúxulos limites do presente. Somos interpelados, enquanto cidadãos e cidadãs, comprometidos com o bem comum e com a dignidade dos humanos e do Planeta, a nos empenharmos mais e mais, na direção de um horizonte capaz de fazer justiça ao gênero humano e a toda a comunidade dos viventes”, arremata.

## O significado

O professor Giuseppe Tosi explica que a etimologia da palavra democracia remete ao demos, unidade territorial na qual era dividida a cidade e que abrangia certo número de famílias, e significa literalmente poder (kratos) do povo (demos). Ele acrescenta que a democracia não era a única forma de governo das poleis gregas. Ela convivia com outros regimes políticos, tais como a monarquia, a aristocracia, a tirania, a oligarquia e a demagogia.

“Platão e Aristóteles fizeram a famosa divisão entre as formas corretas e desviadas de governo, utilizando dois critérios: governar em vista do bem comum e não do interesse particular, exercer o governo seguindo as leis não segundo as vontades dos homens. Usando esses critérios, quando o rei governa no interesse geral e seguindo a lei, temos uma monarquia; quando governa no interesse próprio e não respeita as leis, mas a sua vontade teremos uma tirania. O mesmo vale para a aristocracia (o governo dos melhores) que se transforma em oligarquia (os governos dos ricos) e da democracia (o governo dos muitos) que se transforma em demagogia (o governo da massa manipulada pelos líderes)”, minudencia.

## Características emblemáticas

A democracia moderna é representativa e não direta, devido a três fatores: o tamanho dos estados que impedem a participação popular direta em uma assembleia (mas talvez em um futuro não longínquo poderemos ter uma ágora virtual que elimine o espaço e o tempo); a complexidade necessária para a administração de um Estado de onde nasce o poder dos técnicos e dos burocratas que acaba fugindo do controle do povo ou dos cidadãos; e terceiro pelo pluralismo político, ideológico, econômico, religioso das nossas sociedades que deve ser administrado e respeitado.

“Nossa democracia cria assim uma classe política, através dos partidos, que representa o povo e que governa em nome do povo. A classe política tende a se perpetuar no poder e a se

distanciar do povo que a elegeu criando assim os fenômenos da corrupção e da apatia política dos cidadãos que se sentem sem poder, excluídos das decisões fundamentais”, comenta.

Outra característica da democracia moderna em relação à antiga, é que é individualista. Na realidade não o povo, como uma realidade única e unida (como era na antiguidade), mas a soma de indivíduos cada um procurando o seu interesse: se perde assim a ideia antiga do bem comum, da solidariedade, se exaltam a liberdade e a igualdade, mas se perde a fraternidade. Cada um reivindica os seus direitos, mas esquece dos direitos do outro e das obrigações que nós temos com os outros e com o Estado.

## Principais conceitos teóricos

Giuseppe Tosi deixa claro que democracia é uma palavra sintética para dizer dois conceitos distintos. “O mais correto seria falar de Estado Democrático de Direito, que é composto por dois conceitos: a democracia que, strictu sensu, significa a vontade da maioria (ou a soberania popular de Rousseau) e a garantias dos direitos fundamentais (que é a inspiração liberal. Assim democracia e liberalismo não são a mesma coisa: uma democracia sem liberdade pode levar a uma tirania de maioria; um liberalismo sem democracia pode levar a um regime elitista e excludente. O desafio é fazer conviver no mesmo estado os dois princípios, em uma relação que será sempre tensa”, registra.

E prossegue na explicação: “Para evitar uma democracia elitista houve toda a luta pelo sufrágio universal, que permitiu a participação de todas as classes sociais (a diferença do que acontecia na Grécia antiga); para evitar que esta maioria se tornasse uma tirania, foram criadas as “regras do jogo democrático”: a divisão ou separação dos poderes, a criação de poderes como o Judiciário, contramajoritário, a proibição de colocar em referendunum ou plebiscito as cláusulas pétreas da Constituição, a garantia das liberdades fundamentais, de imprensa, de religião, de opinião, da preservação do espaço privado das pessoas etc.”, analisa.

O filósofo revela que a novidade introduzida pela democracia desde os tempos antigos é que o poder vem de

baixo para cima. Não é mais um poder divino que vem de cima para baixo. Mas este poder tem que ter contrapoderes para não se tornar tão tirânico como era o poder dos reis absolutistas. Por isso, de certa forma, o poder em uma democracia é um lugar relativamente vazio: não há alguém com plenos poderes, o poder não é monolítico (como em Hobbes ou em Rousseau), mas é dividido, cada instituição tem uma parte do poder e nenhuma controla todo o poder.

“O povo, os eleitores, o Parlamento, o Executivo, o Judiciário, o Ministério Público, as ONGs, todos esses atores políticos administram uma parcela de poder e se controlam reciprocamente. Daí deriva a crítica à democracia pela sua ineficiência e lentidão a tomar decisões diante dos regimes autoritários ou autocráticos onde uma pessoa ou uma instituição decide e tem a palavra final sobre tudo, como são os regimes autoritários da China e da Rússia, ou teocráticos como em alguns países do Oriente Médio e da Ásia ou da África”, afirma.

Giuseppe acrescenta que daí também deriva a tentação de atalhos autoritários que a democracia sofre, sobretudo em países onde não há uma longa e consolidada tradição democrática: porque a democracia tem um calcanhar de Aquiles e pode ser derrubada por meios democráticos, através da vontade da maioria que se impõe sobre a minoria. Perigo que o Brasil está atualmente vivendo.



“Seus limites [da democracia] devem antes ser entendidos como desafios a serem superados, devemos tratar tais limites como um convite à constante superação e, portanto, como um passo inicial para seu incessante aprimoramento”

Alder Calado



# Maior parte dos países não vive plenamente uma democracia

Especialista diz que ideia de regime democrático no Ocidente está ligada a conceito de votação e representação plural

**Rammom Monte**  
rammom511@hotmail.com

A maior parte dos países não possui um regime plenamente democrático. É o que afirma o professor e cientista político José Henrique Artigas. Já de acordo com o levantamento '2017 Democracy Index', publicado pela revista The Economist, apenas 19 nações, em um universo de 167, vivem em democracias plenas. Artigas alerta que democracia trata-se de um regime e não forma de governo.

"Podemos ter uma regressão democrática em forma de governos republicanos ou monárquicos. A forma do governo não interfere no tipo de expressão da soberania. Independente se é um governo monárquico ou republicano. Podemos ter repúblicas com ou sem democracia. Assim como monarquias. O Reino Unido, em outras épocas, era quase o tipo ideal de monarquia com democracia. A França, por exemplo, é um modelo de república com democracia. Mas podemos ter uma sem democracia, como foi a nossa pri-

meira república", explicou.

Ele reforça que a ideia de sem tem de democracia no Ocidente está muito arraigada no conceito de votação e representação plural, o que segundo ele, não é correto.

"Democracia não é eleição. Lembrando que o Hitler se elegeu pelas urnas, Mussolini, o próprio Bonaparte, a nossa ditadura militar tinha eleições regulares. E havia o bipartidarismo, algum grau de pluralismo. A gente não pode confundir sufrágio ou pluralismo com democracia. A ideia de que contra a democracia só pode haver um regime em que não haja eleições ou partidos plurais é um erro primário. Isto é para quem não conhece nada", disse e completou.

"Se for falar em democracia relacionada a sufrágio, o Maduro [na Venezuela] é o cara mais democrá-

tico do mundo. Pois passou por diversos pleitos. E sabemos que não é bem assim", endossou.

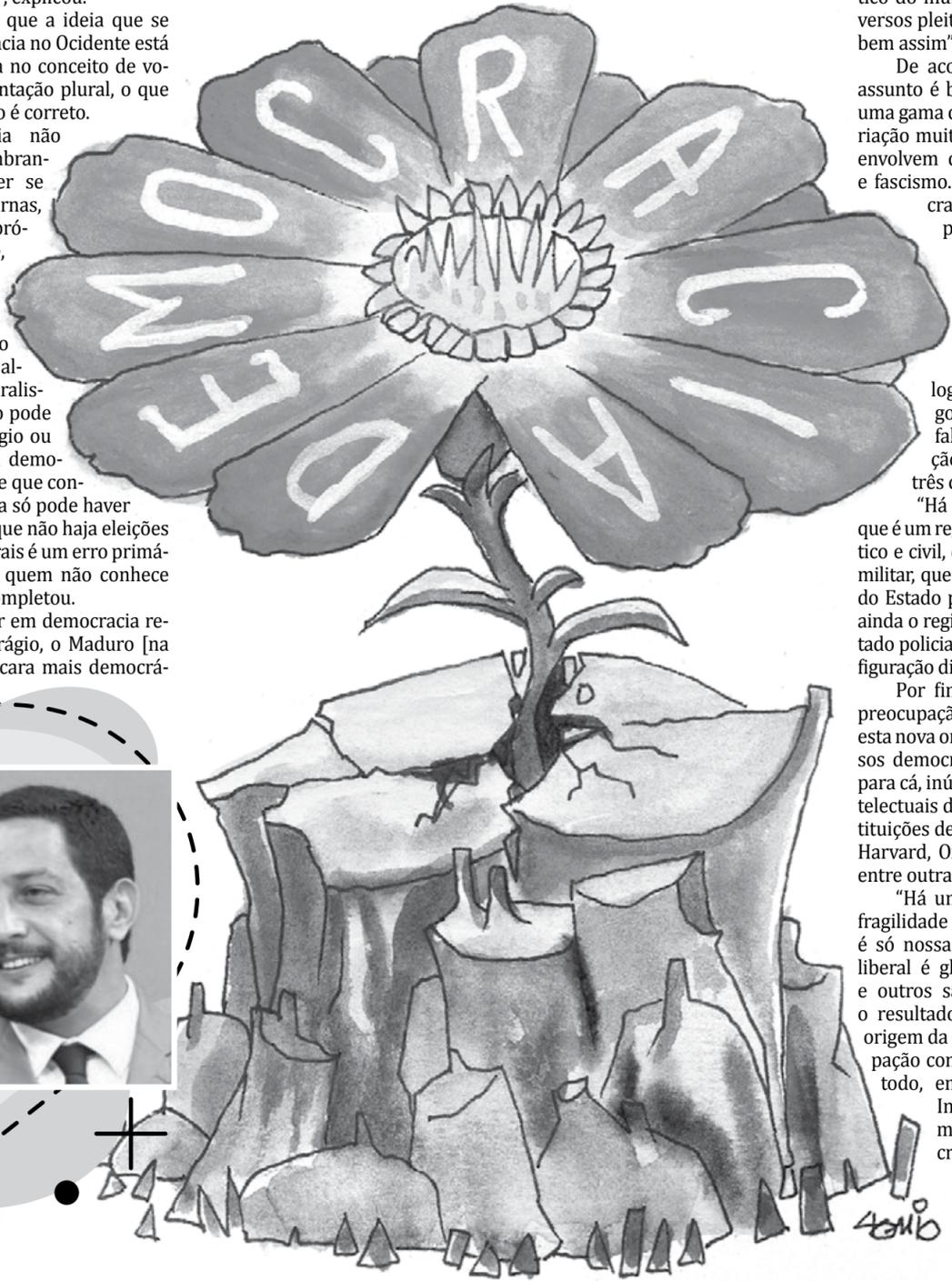
De acordo com o professor, o assunto é bem complexo e permite uma gama de vertentes. "Há uma variação muito ampla de regimes que envolvem ditaduras, bonapartismo e fascismo. Há também semidemocracias, quando existem a permanência do sufrágio e do pluralismo, sem o Estado Democrático de Direito, com a deturpação dos instrumentos políticos", afirmou.

Artigas cita o sociólogo e cientista político grego Nicos Poulantzas para falar que o estado de exceção pode se configurar em três categorias.

"Há o regime bonapartista, que é um regime autoritário, autocrático e civil, que se difere da ditadura militar, que é o controle da máquina do Estado por meio dos militares. E ainda o regime fascista, que é um estado policial. Cada um com uma configuração diferente", disse.

Por fim, Artigas falou sobre a preocupação mundial em discutir esta nova onda de rupturas a processos democráticos. Só de novembro para cá, inúmeras publicações de intelectuais das mais importantes instituições de ensino do mundo, como Harvard, Oxford, Yael, Georgetown, entre outras, trataram do tema

"Há uma preocupação sobre a fragilidade da democracia, que não é só nossa. A crise de democracia liberal é global. Bolsonaro, Trump e outros são apenas um sintoma, o resultado. Precisamos discutir a origem da patologia. É uma preocupação contemporânea, no mundo todo, entre liberais, socialistas. Inclusive conservadores, mas conservadores democráticos, que defendem o capitalismo, liberalismo, mas numa plataforma democrática", finalizou.



Democracia não é eleição. Lembrando que Hitler se elegeu pelas urnas, Mussolini, o próprio Bonaparte; a nossa ditadura militar tinha eleições regulares. E havia o bipartidarismo, algum grau de pluralismo

José Henrique Artigas



## Cuba é uma democracia socialista, garante professor e historiador

Com certeza você já ouviu a expressão "o ditador cubano Fidel Castro"; ou "a ditadura na Ilha de Cuba". Pois bem, não é bem assim que enxerga o historiador e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Jonas Duarte. Além das inúmeras leituras sobre o país, ele já esteve no local oito vezes. E garante: Cuba é uma nação democrática e seu povo tem liberdade.

"Se você disser a um cubano que ele não tem democracia, ele vai achar esquisito. Democracia é a representação política. Eles têm mais do que a representação. Outro pré-requisito é a liberdade. Eles têm liberdade para tudo, o que eles não têm é dinheiro", afirmou.

Sobre a liberdade, o professor afirma que o cidadão cubano é ensinado a ser crítico. E que o fazem a todo o momento contra o governo.

"O cubano tem liberdade para criticar. Aliás, ele é ensinado a criticar o governo. Um dos ideais da sociedade do pensamento cubano é fazer crítica. O cara é talhado a ser crítica. Se você conversa com ele, acha que é um contrarrevolucionário, porque só faz crítica", disse.

Por outro lado, o direito de fazer críticas não permite que os cubanos atentem contra o sistema. Caso ele tente, de alguma maneira, sabotar a



Professor afirma que os habitantes da ilha de Cuba vivem em uma nação democrática e seu povo tem liberdade

revolução, será punido por isto.

"Se um cubano passar a se organizar, agir contra, boicotar as atividades políticas, do programa de governo, deixa de ser considerado um crítico para ser um sabotador e aí sofre consequências da lei. Por exemplo, eles têm um programa de saúde que chamam de médico da família. A cada 150 famílias, tem um prédio onde mora um médico e os

enfermeiros e têm postos de saúde. Todo mundo pode criticar isto, mas se alguém for lá e boicotar o trabalho dele, como sequestrá-lo ou algo assim, é considerado um contrarrevolucionário", explicou.

Mas por que o sistema político de Cuba é visto como uma ditadura por parte dos países ocidentais? O professor explica: "Isto é de certa forma a sociedade em que a gente

vive, que exige a democracia ocidental burguesa. Angela Merkel, na Alemanha, poderia se candidatar ad eternum, eleita num parlamento, que quando você vai ver não expressa a realidade do povo alemão. Mas ninguém chama de ditadura. Em Cuba, o cara é eleito e é chamado de ditador, só porque ele não se submete ao poder do capital. Cuba não se curva à democracia capitalista, a democracia de Cuba é socialista. Ninguém impõe nada àqueles principados árabes. Na forma deles se organizarem são extremamente autoritários. Mas não se critica porque é capitalista", aponta.

Por fim, ele explicou qual, dentre várias, é a principal diferença da democracia praticada na Ilha da vista em outros países. "Em Cuba não tem instituído um tripé da democracia burguesa ocidental, da democracia constituída pela Revolução Francesa, dos três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário. Em Cuba é apenas um poder, o da Assembleia Nacional do Poder Popular. Todo poder cubano emana desta assembleia. A partir dali constitui o Poder Executivo e o Poder Judiciário também neste corpo, a partir do código civil e penal. Estrutura-se o sistema jurídico como um instrumento do poder popular", finalizou.

# Jurista alerta: "A democracia brasileira está agonizando"

**Ademilson José**  
ademilson2019jose@gmail.com

"Como falar em democracia que elege uma pessoa que nega a democracia?". É com indagações como essa que o professor e jurista Luciano Nascimento começa a analisar a democracia brasileira, no caso, colocando como centro de reflexão justamente o presidente da República,

Jair Bolsonaro (PSL), que não mede esforços nem perde tempo em exaltar a ditadura militar.

Pós-doutor em Sociologia do Direito pela Universidade del Salento (Itália), o professor Luciano pergunta mais: "Que garantia pode-se dar ou se esperar da democracia de um país que o próprio presidente não

acredita nela, ou acredita mais noutra coisa do que nela? E com um detalhe: sendo esse presidente eleito por ela?", alfineta.

Luciano pondera lembrado que algumas pessoas podem até argumentar que a eleição desse presidente teria sido assentada em fake news e que isso não lhe daria tanta legiti-

dade assim, mas que, nem isso, seria suficiente pra sustentar tais indagações. "É, porque, fake news por fake news, existiu em ambos e pode existir em todos os lados", frisou.

O dado mais importante que, segundo o professor, precisa ser considerado é o que resume e que fica entendido em perguntas como essa: "Como posso falar em estado democrático num estado democrático cuja maioria elege uma pessoa que nega a democracia? E como sair desse labirinto? A democracia brasileira está agonizando", arremata o professor.

Para Luciano Nascimento, "esse é que é, de fato, o grande desafio da democracia em nossos dias. Trata-se de uma situação que pode ser a mais delicada entre todos os países do mundo democrático, e que não podemos deixar de reconhecer que o Poder Judiciário termina como culpado, na medida em que ele se ocultou e pecou por omissão".

*"Que garantia pode-se dar ou se esperar da democracia de um país que o próprio presidente não acredita nela?"*

Foto: Divulgação



“A democracia à brasileira sempre foi assim, cheia de paradoxos (...) somente depois do Estado Novo, aí sim, é que se pode dizer que a democracia brasileira viveu seu melhor momento histórico”

Luciano Nascimento

## + O começo de tudo em 1891

Professor adjunto no Centro de Ciências Jurídicas da UEPB e docente colaborador permanente do Programa de Pós-Graduação de Direitos Humanos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Luciano considera que essa realidade talvez só não chame muito mais a atenção porque, desde o início, desde suas origens, que a democracia brasileira tem vivido desse jeito, aos trancos e barrancos e sempre marcada por paradoxos e contradições.

A começar pelo fato de, no Brasil, a democracia poder ter começado com a Constituição de 1824 (a primeira), mas não começou. "Como considerar que o começo seria a Constituição 1824 se a Constituição de 1824 admite e assume a escravidão. Não há como conciliar estado democrático com escravidão", diz.

Diante disso, explica o professor, apesar de anunciar que o Brasil formaria "uma nação branca", a Constituição de 1891 (a segunda) é que poderia ser considerada como a que deu origem à democracia brasileira, isso porque, apesar de também ter falhas, foi ela que chegou abolindo definitivamente a escravidão. "Não há como se esperar perfeição. A dos gregos era perfeita, mas excluía mulheres, crianças e estrangeiros que, aliás, só vieram a ser contemplados pelos modernos em termos de Constituição", diz.

Conforme o professor Luciano, é a Constituição de 1891 que, aos poucos, vai moldar e dar formato à democracia no Brasil, uma democracia que, daquele ano em diante, soma pontos positivos, mas pontos positivos que não conseguem evitar duas baixas negativas, duas grandes interrupções. "A primeira, conta ele, foi a interrupção de 1930, a do Estado Novo de Getúlio Vargas, que durou até 1945; e a segunda foi o golpe de 1964, cuja ditadura se prolongou por 21 anos, até 1985".

No que se refere à ditadu-

ra do Estado Novo, a parte dos pontos positivos que marcaram o paradoxo, lembra o professor, foi a mulher conquistar o direito de voto e os trabalhadores ganharem a CLT. "Getúlio dava com uma mão e tirava com a outra. Ele limitou direitos civis, mas concedeu direitos trabalhistas", frisou.

"A democracia à brasileira sempre foi assim, cheia de paradoxos", pontua o professor, ao lembrar que, "somente depois do Estado Novo, aí sim, é que se pode dizer que a democracia brasileira viveu seu melhor momento histórico, a começar pela expansão dos sentimentos de desenvolvimento e liberdade, e pela conjuntura partidária que era muito forte e organizada".

Mas, como tudo que é bom dura pouco, adverte o professor, esse foi o tempo mais curto de todos, mais precisamente de 1945 a 1964. "É que, preocupadas com a onda de revoluções que tomava conta das Américas (México, Cuba, principalmente esta), as Forças Armadas acharam que a situação poderia descambar pro Regime Comunista da então União Soviética e resolveram agir".

"Como contavam com um grande respaldo externo que eram os Estados Unidos, diz ele, as Forças Armadas partiram para a segunda intervenção, intervenção essa que, como a de 1930, também seria para durar por pouco, mas que acabou se prolongando por mais de vinte anos, mais que o tempo do Estado Novo".

Para o professor Luciano, diante desse quadro de insegurança democrática que pode ser vista no próprio presidente Bolsonaro, e dessas intervenções que sempre prometem ser curtas e nunca são, fica muito difícil se fazer algum prognóstico sobre os rumos da democracia brasileira.

"É um desafio", resume ele, ao concluir que a única coisa que se percebe e que se pode dizer mesmo é que "a democracia brasileira está agonizando".



## Regime político das liberdades

**Alexandra Tavares**  
lekajp@hotmail.com

"No Governo Federal atual, percebo uma baixa percepção e um desprestígio da democracia por alguns atos concretos que atentam contra ela, e vêm sendo praticados de forma recorrente pelo senhor presidente da República". A afirmação, em tom de desabafo, é do presidente da Ordem dos Advogados do Brasil na Paraíba (OAB-PB), Paulo Maia.

Ao falar do papel e da importância da democracia para uma nação, ele declara que, na concepção dos dias de hoje, ela pode ser sintetizada como um regime político das liberdades, em todas as matizes da existência humana, individual e social: do direito de ir e vir, de expressão, de religião, de se reunir, de escolher seus representantes, de poder empreender, de se

respeitar o próximo. Mas para ele, porém, esse regime não é tolerado por muitos governos.

"Nos governos federais antecedentes também houve tentativas de ataques à democracia, mas não foram longe, tanto por conta da força das instituições quanto por outros fatores. A democracia não é tolerada facilmente e digo isso independente de manifesta intenção de sua eliminação pelos ditadores de plantão, por isso é comum se verificar uma certa impaciência com a liturgia da vida democrática", reforçou.

Paulo Maia salienta ainda que flertar com um regime ditatorial deve ser algo impensável e nunca alimentado. "Democracia sempre", defendeu.

O presidente da OAB-PB lembra que o sistema do Estado Democrático de Direito Brasileiro permite a liberdade de mercado, atribuindo ao Es-

tado o dever de proporcionar geração de renda e desenvolvimento à sociedade. E esse ambiente não deve favorecer apenas o crescimento do segmento empresarial, mas também oferecer benefícios à população em geral, como a geração de emprego e renda, "ampliando a noção de desenvolvimento para além do viés puramente econômico".

Segundo ele, os atuais governos são frutos da "normalidade democrática", que confere aos brasileiros a possibilidade e a liberdade de escolha dos seus representantes. "Portanto, a democracia permite que se busque a melhoria da vida em sociedade por meio da alternância das propostas políticas disponíveis. Esse aspecto - é indispensável o registro - constitui uma das conquistas da democracia e dele não podemos abrir mão".

“No governo federal atual, percebo uma baixa percepção e um desprestígio da democracia por alguns atos concretos que atentam contra ela, e vêm sendo praticados de forma recorrente pelo senhor presidente da República?”

Paulo Maia



Foto: Divulgação